

Kleber Garcia Campos



# Magos

da Nova Era



Kleber Garcia Campos



# Magos

da Nova Era

 VISEU



Kleber Garcia Campos



# Magos

da Nova Era



Copyright © Viseu

Copyright © Kleber Garcia Campos

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues

revisão: Kleber Garcia Campos

projeto gráfico e diagramação: Rodrigo Rodrigues

capa: Tiago Shima

e-ISBN 978-85-8967-241-2

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Viseu Ltda.

falecom@eviseu.com

[www.eviseu.com](http://www.eviseu.com)

## Mistério

Klein é meu amigo. Particpei de sua longa caminhada intelectual. Amigos perdem o contato, mas não perdem o vínculo. Não faz muito tempo, recebi um pacote pelo correio. Junto, havia este bilhete: “Amigo, se, por acaso, eu não der sinal de vida dentro dos próximos dois meses, saiba que parti. Fui para Tritão Ouranó. Nesse caso, pegue esses originais e publique-os, por favor. Tenho certeza que o texto vai ajudar pessoas sedentas desse conteúdo. Grande abraço, Klein Ubatã”.

Devorei aquelas páginas. Elas falam da misteriosa caminhada do meu grande amigo. Justificam também o sobrenome Ubatã, que ele passou a usar. Se você tiver sede de conhecer um mundo mágico e misterioso, não deixe de ler Magos da Nova Era. Há uma surpresa em cada página. Ele faz pensar.

I.

## O piano

Belo móvel totalmente imóvel. Parecia posto ali como decoração. Era um elegante piano de cauda. Tinha a tampa erguida e o teclado exposto. Objeto incapaz de agir por si só. Na plateia respirava-se expectativa. O que faziam ali centenas de pessoas diante de um instrumento mudo? Um recital, provavelmente, haveria de acontecer. Com certeza, o melhor da festa é esperar por ela. Quando os olhares já se cruzavam interrogativos, uma voz anunciou: “Senhoras e senhores, palmas para a nossa convidada. Vamos receber senhorita Tissila, a fantástica pianista que veio brindar-nos com sua arte.” Lantineva Tissila cumprimentou a plateia que a aplaudia de pé, sentou-se ao piano e o salão inundou-se dos primeiros acordes da “polonaise” Heroica de Chopin.

Aos dedos ágeis da ucraniana, aquele instrumento, há pouco mudo, encheu-se de som. Emitiu melodias mágicas num conjunto harmônico e ritmado. Durante duas horas de sons vibrantes e heroicos, alternados com toques românticos e suaves, o belo instrumento tocou o coração do auditório. Houve quem cantarolasse, quem vibrasse e quem dançasse. Todos aplaudiam. A perícia da pianista extraiu do instrumento arte e beleza.

Um maravilhoso lustre pendia do teto no meio do salão. Enfeitado de gotas de cristal, ele enchia a festa de luzes e cores. Seu conjunto ricamente trabalhado também vibrava de emoção.

Foi tempo de felicidade. Tempo que durou no coração da plateia e que se escoou nas voltas do ponteiro. Por fim, o piano calou-se. A pianista saudou a plateia com elegante reverência e retirou-se entre aplausos. As pessoas partiram. O piano fechado foi coberto com uma capa azul.

Naquela plateia, embora tocada pela mesma emoção, havia pessoas diferentes de variadas vertentes. Nela se encontravam artistas plásticos, pianistas, professores, médicos, comerciantes e representantes de muitos outros grupos profissionais. Aquelas pessoas viviam diferentes fases da vida e pertenciam a diferentes níveis culturais. Todas, porém, se deixaram embalar pelas ondas sonoras do mesmo recital.

Ocorrem reações diferentes na expectativa do mesmo fato. Quando a plateia se dissolveu e o salão se esvaziou, um homem permaneceu de pé em frente ao palco contemplando o piano fechado e coberto pela capa azul. Fui até ele. Estávamos sós no grande salão.

- Mestre, imagino que foi tocado por alguma ideia original ao som de Chopin. Posso saber do que se trata?

Demóstenes sorriu inteligente. Mostrou-se feliz ao me rever.

- Melhor deixarmos este lugar. O lustre logo vai se apagar. Sugiro que tomemos alguma coisa nesta noite fria.

Demóstenes foi um dos homens mais inteligentes que conheci em toda a minha vida. Em meu final de adolescência, cursei filosofia pura em regime de escola integral. Demos, como o chamávamos carinhosamente, era, então, homem de meia idade. Lecionava Lógica, Ontologia e Teodiceia. Não só lecionava. Vivenciava aquilo tudo sobre que discorria. Emocionava-se com as próprias palavras e vibrava com as ideias nelas contidas. Não havia no grupo quem não o admirasse profundamente. As moças falavam dos olhos dele. Diziam que não eram propriamente seus olhos que as impressionavam. Era o seu olhar. Parecia

vir lá de dentro. Surgia de suas profundezas e invadia quem estivesse à sua frente. Houve até quem se referisse ao seu olhar dizendo que se sentia nua à sua frente. Hoje entendo que Demóstenes não despia ninguém com o olhar, mas, seguramente, despertava paixões naquelas garotas. Ele era um belo sábio. Sabia administrar tensões, paixões e as mais sutis vibrações daqueles corações inteligentes. Foi quando firmei amizade com ele. Aquela amizade brotou de uma grande admiração. Haveria de durar para sempre. Naquela noite eu o acompanhei em sua peregrinação até seu cantinho favorito, a Gruta.

- Este é um lugar aconchegante. Venho aqui sempre que preciso de paz para elaborar meus pensamentos.

- Pelo jeito, você está cheio de pensamentos para elaborar.

- Veja isto: aquele piano ali no palco! Ele não lhe dizia nada?

- Um instrumento musical vibrado aos ágeis dedos de uma bela pianista certamente diz muita coisa. O piano e ela encheram o ambiente inteiro de emoção.

- Certo. Mas ele sugere algo mais.

- Sempre o meu filósofo preferido. O que seria? Uma alegoria, talvez?

- Penso que uma taça de bom vinho caberia bem numa noite que ainda é criança.

Ao primeiro gole, Demóstenes discorreu calmamente sobre o que lhe passava pela mente fértil. Disse que pensou muito no quadro que foi posto diante de seus olhos. Viu a bela ucraniana dando vida a um instrumento morto. Aquele quadro está fotografado em minha mente, disse o sábio. Na minha memória, está a imagem de Lantineva sentada ao piano. Mas, olhando bem no fundo, com o olhar fixo num segundo plano, vi algo muito mais maravilhoso. Pude ver a ação do ser humano sobre a matéria inerte. Para além de um recital ao piano, de uma sinfonia executada por uma grande orquestra, para além de uma guitarra loucamente transportando para as nuvens um auditório jovem, para além de tudo isso, caminha o mais maravilhoso de todos os seres. Um ser que é capaz de extrair melodia da madeira, do aço, da argila e de qualquer matéria sem voz e sem vida. Um ser capaz de dar voz a um violino, fazer assoviar uma flauta, ressoar um trompete ou dar ritmo a tambores e maracas. Esse maravilhoso ser faz cantar a matéria bruta que, sozinha, nunca emitiria sons. Diante da beleza de espetáculos tão envolventes, é forçoso concluir que o ser humano detém algo misterioso no mais íntimo de si. Consciente de todos os seus defeitos, aceitando todas as suas limitações, concluo que existe um mistério profundo em cada membro da espécie humana. Contemplando o lindo quadro de Lantineva Lissita, naquele momento, eu proferi um ato de fé na humanidade.

Eu saboreava as palavras do mestre tanto quanto aquele bom vinho. Imaginei que ele tivesse processado todas as suas ideias naquela noitada deliciosa. Pensei estar concluindo quando disse:

- Você é um espírito incansavelmente inquiridor, sábio mestre.

- Você disse a palavra que eu raramente utilizo, porque tem mil acepções e conotações nos diferentes grupos que a utilizam.

- Palavra?

- Sim, palavra. Cada palavra tem sua força e sua história. As palavras atravessaram anos, séculos e milênios para chegar até nós. Nessa viagem elas colheram significados e algo parecido com personalidade. O tempo e o uso as desgastam, transformam, mas não as matam. Milhares ou milhões de pessoas as carregam de cargas emotivas. Nós acabamos por herdar tudo isso dos antepassados.

- Mestre, palavras, ideias e vinho podem nos embriagar. Qual foi a palavra que o embriagou desta vez?

- Beba vinho e ideias com moderação, concluiu o sábio com um sorriso. Você disse a palavra espírito. Este sempre há de ser um termo sensível porque plurivalente. Voltaremos a ele qualquer dia desses.

## II.

### O espírito e o homem

Ao pôr do sol daquela sexta-feira fui à Gruta. Queria processar minhas ideias num ambiente calmo, como fazia meu mestre. Esperava que, a qualquer hora, ele também aparecesse fazendo sábias ponderações. Ele chegou logo em seguida. Disse qualquer coisa ao garçom e sentou-se à minha frente. Tinha aquele mesmo olhar penetrante.

- Você pensou um pouco no conteúdo de nossa última conversa? – perguntou com sorriso inteligente.

- O mestre me conhece. Sabe o quanto as ideias me movem e comovem.

- Então, ouça esta ideia que colhi ontem de um sábio francês: “Nós não somos seres humanos fazendo experiência espiritual. Somos espíritos fazendo experiência humana.”

- Que bela frase! Sábios conseguem condensar muita coisa em poucas palavras. Com essa afirmação ele inverteu tudo.

- O que você deduz dessa ideia do grande Teilhard de Chardin, que você mesmo define como sábio?

- Ela muda toda a visão que as pessoas comuns têm do ser humano. O sábio afirma que você não tem um espírito. Ele deixa claro que você é um espírito que tomou forma humana. Sugere que vivíamos numa outra realidade e que viemos a este planeta para realizar nossa experiência humana.

- Devagar, amigo. Não precipite as coisas. Apenas citei um escritor. Vamos por partes. Você disse, naquele nosso encontro, que eu sou um espírito inquisidor. Então me diga o que você entende por espírito.

- Mexeu com velhos conceitos trabalhados muitos anos atrás. A palavra deriva do Latim “spiritus,” que significa sopro. Equivale ao grego “pneuma,” que, também, significa sopro, mas que nada tem a ver com os pneus do meu carro, mesmo sendo eles calibrados com um sopro. Quando os antigos se referiam a essa realidade como sopro eles só estavam fazendo uma metáfora. Existe uma semelhança entre sopro e espírito. Ambos existem, mas não são percebidos por nossos olhos.

-Brilhante! Raciocínio perfeito. Você disse “realidade” com muita convicção. Mas que realidade é essa?

- É! Boa pergunta. Que realidade é essa imperceptível aos nossos sentidos?

-Foi o que lhe perguntei. Porém, veja isto. O piano estava lá inerte e sem vida. Latinava Licita chegou, percorreu todo o teclado com extrema habilidade e o instrumento vibrou, emitiu sons, encheu o salão de música. Falou alto aos corações da plateia. Essa é uma alegoria. É uma narrativa que passa a ter outro significado.

- Foi isso que meu mestre pensou no final daquele recital quando permaneceu de pé, no salão, contemplando o piano mudo e imóvel?

- Aquela realidade chamada espírito realiza tarefas semelhantes à tarefa que toda pianista realiza quando se senta ao piano. Ela dá vida a um instrumento inerte para se comunicar com a plateia. Ela faz vibrar as cordas produzindo música.

- Você afirma que a relação pianista-piano assemelha-se à relação espírito-corpo?

- Dizer que espírito é sopro que dá vida é um recurso mítico para expressar uma realidade de difícil explicação.

- Sem dúvida. Não se trata de um sopro.

- No Egito antigo eles designavam essa realidade sutil e etérea que chamamos de espírito pela palavra Ka. Essa era concebida como uma energia consciente e imperceptível aos sentidos, mas que fecunda, cria e procria. Ka era soprado por Heqet nas narinas de um boneco de argila caprichosamente esculpido por Khnum. Heqet (entidade que assumia a forma de sapo) e Khnum (o cordeiro) seriam duas representações metafóricas da divindade criadora do ser humano.

- Mito de seis ou mais milênios atrás.

- Ideias que atravessaram todo esse tempo, foram filtradas pelos hebreus, preservadas pelos cristãos e foram-nos deixadas como herança cultural.

- Fantástico!

-Mas veja se isso tem ou não tem sentido. Estive recentemente em um velório. Ali estava o corpo de um velho amigo, posto num caixão. Algum tempo atrás, aquele era um homem cheio de vida, falando bonito, cantando, trabalhando, amando. Agora, ali estava ele inerte, frio e sem vida. Dentro daquele corpo houve algo, uma energia, uma realidade muito importante que se manifestava, que se comunicava. Essa realidade impalpável, mas consciente, não estava mais ali. Partiu, voltou para a casa paterna como o filho pródigo da parábola.

- Aquele corpo permanecia ali como um piano abandonado pela pianista. Não emitia mais seus belíssimos sons.

- Certo! No final daquele recital ocorreu-me sentimento idêntico ao que tive no velório do meu amigo.

- Na tragédia Júlio César, Shakespeare coloca na boca de Marco Antônio uma frase. Diante do cadáver do grande líder, ele diz: “Ontem a palavra de César poderia parar o mundo. Agora ele jaz ali e ninguém para lhe prestar reverência”!

- Boa lembrança. Quando Hamlet toma nas mãos o crânio de um antigo bobo da corte chamado Yorik, ele também faz referência a todas as suas falas, brincadeiras e à capacidade dele de provocar gargalhadas na corte inteira. Agora ali estava seu crânio descarnado, sem vida e mal cheiroso.

- Meu mestre também gosta da boa literatura.

- Gosto de tudo que me ajuda a pensar. Em ambas as cenas temos uma consideração sobre algo que ali estava e, então, não está mais. O sábio bretão fala, nos dois trechos, daquela relação espírito-corpo tal qual pianista-piano.

- Espírito? Ka? Pneuma? Qual seria o melhor nome para essa realidade?

- Ghost, geist, use o nome que quiser. Basta que saiba preencher de significado a palavra que usar. Prefiro usar a palavra mente, termo que não cai no lugar comum das religiões e aborda o que realmente você é na sua essência, um ser pensante.

- De fato, nome pouco importa.

- Em última análise, o termo que você usar há de significar o eu, o ego ou a essência do ser humano. Você não é um corpo inerte e sem vida. Você não é alguns quilos de carne, mesmo se pensar ser alcatra ou filet mignon. Você é a realidade que dá vida ao todo. Lantineva não é um piano. Ela, apenas, se utiliza dele para se manifestar.

- Um dos dados mais bonitos da História da Humanidade foi a percepção dessa realidade ainda nos tempos mais remotos.

- Em todas as sociedades, mesmo nas que consideramos mais primitivas, sempre podemos encontrar essa visão do duplo humano corpo-espírito. Sempre existe a convicção de que aquele algo que partiu do corpo no momento da separação é o que mais importa porque é imperecível. Fruto dessa percepção é o culto dos

antepassados à memória dos que partiram. Eles entendiam que, possivelmente, seus espíritos permanecessem por perto, ainda ligados a este mundo.

- Você falou em um duplo humano. Não haveria algo mais em nós além de corpo e espírito?

- Vamos falar disso numa outra ocasião. Agora, prefiro chegar até ali, no jardim, e contemplar o lindo céu estrelado e sem lua que nos cobre de bênçãos.

### III.

## Alma de animal

Demóstenes não se enquadrava no meu conceito de homem comum. Meu mestre era muito especial. Parecia estar sempre envolvido numa aura. Era uma luz que emitia cores diferentes em diferentes situações. Tal luz não era percebida por qualquer pessoa. Tudo, porém, me levava a pensar numa vibração luminosa ao seu redor. Às vezes, quando ele se recolhia para meditar, aquela luminosidade lilás misteriosa o envolvia. Foi com a aparência de ter surgido dessa aura sublime que ele entrou na Gruta numa daquelas noites. Como era de seu feitio, sem qualquer introdução ao assunto, ele começou sua fala.

- Aquele belo cão com o qual você passeia orgulhoso toda manhã também é algo mais que uns quilinhos de carne e osso. Ele vive. Ele se comunica. Ele emite belos sons.

Eu nem imaginava que o mestre soubesse do meu lindo akita. Muito menos que conhecesse meus hábitos matinais de levá-lo a passeio.

- Claro que o meu belo cão é muito vivo e tem sentimentos que me encantam, mestre. É um animal muito especial. É um amigo.

- A que você atribui essa vitalidade toda e essa capacidade de se comunicar que ele tem?

- Nunca parei para pensar. Mas não se trata de um espírito, por certo.
  
- Algo diferente. Qualquer um de nós sabe que há uma diferença entre a energia que move um cão e aquela que leva o ser humano a falar, raciocinar e realizar atos próprios de um ser racional. Ao cão falta o que chamamos de razão, de reflexão. Falta aquela capacidade de voltar sobre si mesmo e dizer: eu sou um cão.
  
- Mas existe algo dentro dele que o leva a se utilizar do seu corpo para se comunicar, tal como aquela pianista se utiliza do seu instrumento para nos alegrar.
  
- Esse algo é o que faz dele um animal
  
- Animal, termo que designa um ser vivo possuidor de .
  
- Palavra latina que traduzimos por alma, mas que é, na verdade, o princípio vital.
  
- Princípio vital que é também um componente do ser humano.
  
- Sem dúvida. Os antigos egípcios chamavam esse princípio vital de Ba. Para eles, Ba estava presente em todas as formas de vida tanto animal quanto vegetal. Eles sabiam interagir com todos os seres vivos e o faziam com essa consciência de que todos os viventes têm entre si algo em comum. Além de outras semelhanças, todos nascem, evoluem, reproduzem-se e morrem.

- Porque somos também animais, somos compostos de espírito, alma ou “anima” e corpo.

- Para os antigos egípcios, o Ka se unia à Ba e ao seu corpo para formar um conjunto humano. No final da jornada terrestre, quando da separação, Ka abandonava o corpo e seu princípio vital. Ba, porém, seguia sua caminhada para os umbrais do além. Naquela região sombria de Amenta, era submetida a um rigoroso julgamento. Esse era o tribunal de Osíris, sempre assistido por Ampu ou Anúbis. Ali seu coração era pesado e precisava ser mais leve que uma pena para não haver condenação.

- Quanta riqueza de símbolos! Agora entendo de onde vem todo esse nosso receio do juízo após a morte. Herdamos tudo daquele tribunal mitológico.

- Mitológico sim, mas alegórico também. O réu humano, então representado apenas por sua Ba, jurava ter praticado os quarenta e dois mandamentos do código egípcio de boa ética. Mas, se seu coração estivesse mais pesado que aquela pena, Ba conhecia a segunda e definitiva morte. Era devorada por Ammit, uma entidade monstruosa, misto de leoa, hipopótamo e crocodilo. .

- Mas se fosse considerada leve e justa, o que ocorria, de acordo com o mito?

- Se fosse considerada inocente, Ba percorria um longo caminho. Atravessava vários portais e, tal como Ra, o sol, ela vagava em noite escura buscando retorno à vida. No final, Ba era resgatada por seu Ka formando com ele um ser glorioso chamado akh.

- Isso me faz lembrar o mito grego de Eros resgatando Psiqué. Mas tudo me parece estar nos primórdios da ideia de ressurreição.

- Transfigurado, o homem ressuscitado partia para uma forma de vida gloriosa em outro plano da existência.

- Tudo a ver com nossas crenças cristãs.

- Seguramente. Como, para eles, o céu era uma abóbada que se curvava sobre nossas cabeças e ostentava pontos luminosos chamados estrelas, eles imaginavam a si próprios perpetuados na abóbada celeste, transfigurados em astros luminosos.

- Deveria ser confortante e romântico viver num mundo dominado por filosofia tão linda, mesmo sendo irreal.

Demóstenes sorriu condescendente. Penso que ele também se deliciava com esse conjunto maravilhoso de mitos e alegorias. Depois, continuou.

- Ao entrar neste mundo, Ka trazia do espaço etéreo de sua origem algo cuja crença só vi retomada por algumas sociedades indígenas.

- O que seria, mestre?

- Trata-se de Tut. Essa palavra era entendida como imagem. Era a imagem que

cada ser humano tem e que o identifica neste mundo. A imagem, ou tut, era impressa na matéria. Como se fosse uma fôrma, Tut moldava a imagem física no corpo da pessoa. Aquela imagem era trazida de outro mundo.

- Tut seria a fisionomia, esse conjunto que forma nosso perfil, nosso fator de identificação e individualidade?

-Exato. Ao partir deste mundo, eles faziam questão de deixar sua máscara mortuária, sua estatueta, a gravação de seu perfil, principalmente o rosto. Através de Tut assim impresso na matéria, eles acreditavam que a pessoa conseguia manter-se ligada a este mundo, mesmo depois da morte.

- Penso que entendi. Ka, Ba, Tut e corpo formam, então, um conjunto que equivale a espírito, alma, imagem e corpo material. Essa foi a formulação filosófica que se estabeleceu para se expressar a realidade complexa chamada ser humano. “Se non è vero, è ben trovato.”

- Perfeito. Se não for verdadeiro é bem bolado, como vocês diriam. Mas se for verdadeiro, agora estou vendo à minha frente esse conjunto que forma você.

- Sem dúvida, eu sinto que tenho uma imagem, que sou matéria corporal, que sou princípio vital e que sou um espírito presente neste plano da existência. Aqui estou para vivenciar a experiência humana.

- Um povo que vivia diariamente essa convicção de realidades tão lindamente concebidas sabia expressar esse pensamento até em seus nomes. Aliás, eles entendiam o nome como expressão da própria essência de uma pessoa. Veja como é rico o nome do jovem faraó TUTANKHAMON.

- O que significa cada parte desse nome TUT ANKH AMON?

- Imagem viva de Deus.

Naquela noite, Demóstenes estava particularmente entusiasmado e finalizou nosso encontro com estas palavras.

- Assim sou eu, assim é você. Somos um triplo. Há uma estrutura organizada que faz do nosso corpo um todo harmônico tendo dentro de si um princípio vital atuante. Esse belo conjunto foi preparado para receber um grande parceiro que veio do mundo metafísico e se uniu àquele conjunto para formar você, eu, cada ser humano. Esse indivíduo, que agora faz parte da paisagem do planeta, aqui chegou para complementar a obra da criação. A presença do ser humano agindo sobre a matéria é obra do espírito.

## IV.

### Uma sábia chamada Sophia

Uma semana depois de nosso último encontro, Demóstenes preparou uma surpresa. Ele chegou como de costume, deu um giro pela Gruta olhando cada detalhe da decoração. Falou algo com o garçom e, muito sorridente, sentou-se à minha frente. Havia uma brecha na parede de pedra à direita que funcionava como janela. Era um detalhe artisticamente trabalhado para dar impressão de rústico. Através daquela brecha eu podia ver parte do jardim que circundava a Gruta.

Falamos do tempo e da vida. Correndo a vista por aquela porção da paisagem, avistei um vulto de mulher. Vestia um traje longo cor de vinho. Ele era cuidadosamente trabalhado em seda. À distância, a moça fazia-me lembrar alguém que eu conhecera havia muito tempo. Certamente não era ela. O tempo impiedoso não a teria deixado belíssima como a jovem que vinha em nossa direção. Mas a fisionomia era inconfundível. A noite caía trazendo perfume suave. Nobremente a bela dama aproximou-se.

- Conhece Sophia?- perguntou Demóstenes.

- Meu Zeus! Pelas vinícolas de Baco!

- Calma, rapaz, cuidado com o coração. Ele pode explodir.

- Já explodiu, mestre. Não se provoca choque de tanta vibração num frágil coração.

Sophia sorriu com um brilho no rosto que sugeria charme inteligente. Levantei-me espontaneamente e a fitei firme no rosto. Fiquei mudo porque a fala desapareceu. Ela me envolveu nos braços e abraços todos que tinha guardado durante anos.

O que ocorreu em seguida, naquela gruta, foi uma cena de emoção descontrolada. Décadas tinham-se passado desde meu último encontro com Sophia. Eu a tinha deixado em Atenas após uma longa odisseia ao redor do Mediterrâneo. Durante aquela viagem fui acompanhado, sucessivamente, por algumas pessoas muito especiais. Recordo-me bem dos longos encontros e viagens junto com Diana, minha deusa de Éfeso. As emoções de minha viagem por Israel ao lado de Verônica ainda me moviam por dentro suscitando lembranças e ensinamentos. Mas o meu envolvimento com um mundo misterioso durante uma viagem conduzida por Sophia era algo inesquecível porque mudara minha existência.

Sophia foi a mulher a quem eu estive ligado por um misterioso laço cuja natureza eu nunca soube definir. O tempo passou, como passa para qualquer ser vivo. Viver é evoluir o tempo todo. Isso nos leva também a deixar pelo caminho pedaços de nós mesmos. Na trajetória da vida, deixamos para trás células, beleza, ideias, ideais, juventude e sonhos.

Tudo passa. Tudo muda. Tudo se transforma. Para minha grata surpresa, porém, aquela amiga era exatamente a mesma. Nela nada mudara desde o dia em que a deixei chorosa no aeroporto de Atenas. Saudades? Quanta saudade mal abafada havia ali em dois corações! Quantos beijos e quantos abraços, quanta vontade de voltar na vida para resgatar o tempo! Eram milhões de sentimentos que a história tinha-se encarregado de desbotar. Agora ali estava de novo a minha paixão amiga, ao alcance da minha mão.

Demóstenes foi até o jardim para relaxar a vista entre as lâmpadas suavemente coloridas que enfeitavam o conjunto. Ele sabia o nível de emoções que haveriam de desencadear-se entre nós. Não só sabia, mas planejou aquele encontro cuidadosamente. Ele tinha de acontecer num lugar propício a encantamento. Preferiu ser discreto e assistir de longe.

O que mais aconteceu entre nós naquela gruta ficou sob a responsabilidade dos sentimentos. Eles vieram à tona. Resgatamos o passado. Lá no passado, num espaço quase místico, Sophia penetrou misteriosamente para me encontrar, para me encantar. Recordamos nosso primeiro encontro furtivo, os tempos de biblioteca. Depois vieram lembranças da abertura da minha mente jovem nas leituras de obras que ela indicava. Resgatamos os tempos de Grécia, de Mar Egeu, de Monte Olimpo. Sofremos, de novo, a dolorosa despedida.

Revivemos com muito carinho todos aqueles fatos que construíram o chão de nossas vidas. Tudo que nos unira no passado não fora nenhum furor de paixão. Não fora sentimento de posse mútua. Não se reduzira a um banal corpo a corpo. Vivíamos num plano da existência jamais decantado em prosa e verso. Havia uma fusão de almas. Talvez fosse fusão de espíritos. Nosso universo tinha sido elaborado acima da mediocridade e da banalidade. Fizemos uma linda experiência humana. Havia sublimação e encantamento. Vivenciamos sentimentos que nunca morrem porque fazem parte do universo etéreo.

Acordar de um sonho encantado é doloroso. Dá frustração. Vontade se tem de permanecer no sonho mergulhado no sono. Lá dentro, tínhamos a sensação de felicidade. Mas, de repente, eu acordei.

- Sophia, o que foi do nosso mestre?

Levantei-me apressado e um tanto preocupado. Sophia me seguiu calma e serena como sempre. Pedia calma, mas eu estava ansioso. O garçom explicou que Demóstenes tinha saído havia algum tempo, que, talvez, retornaria. Porém, não deu certeza.

Sophia, finalmente, me acalmou. Disse que nosso mestre não estava perdido, mas que voltara para casa. Ele sabia o tamanho das emoções que nosso reencontro haveria de despertar. Disse ela que, na verdade, ele preparou aquela noite cuidadosamente. Explicou que nada estava acontecendo por acaso. Confessou que ela mesma tinha planejado aquela cena toda junto com o mestre. Concluiu que, então, tínhamos pela frente algumas horas para desfrutar. Podíamos saborear a sós nosso momento, nosso pingo de eternidade, nossas horas felizes. Ela também tinha planejado o que haveria de acontecer naquela noite. Eu estava curioso, mas totalmente entregue. Afinal, eu estava nas mãos sábias de minha deusa da sabedoria.

- O abraço foi muito gostoso, disse ela, mas acho que já demos alimento suficiente para saciar a saudade. Agora, vamos.

Um carro estava preparado em frente à gruta. Entrei sem nada perguntar. O destino estava traçado pela mais bela deusa dos atenienses. Entreguei-me nas mãos de Sophia. Não tinha alternativa. Além do mais, ela é uma excelente motorista. O carro correu tranquilo pela estrada. Conheço bem o pedaço. No passado, visitei diversas vezes a Serra da Piedade. Mas, desta vez, o destino não era o santuário. Nas imediações há um desvio que nos levou ao Observatório Astronômico. Nada de grandioso por ali. É um espaço para estudantes e astrônomos amadores. Longe das luzes da cidade grande, sem poluição, no alto da serra, há um lugar ideal para apreciadores do espaço. Ali, alguém pode se deleitar na contemplação da Via Láctea. Com uma luneta ou um telescópio, pode ainda examinar planetas e estrelas. Deitados lado a lado sobre uma esteira, permanecemos em silêncio por um bom tempo contemplando o céu estrelado.

Era uma noite sem lua. Também não havia nuvens. Com voz quase romântica, Sophia começou a falar de constelações. Falou de nebulosas, de planetas, de grandes distâncias. Falou da ânsia do ser humano de desvendar segredos escondidos na imensidão cósmica. Como era delicioso ouvir tanta sabedoria guardada numa cabeça tão linda. Falou das possibilidades de voarmos, um dia, pelo espaço cósmico. O céu estrelado parecia o mapa de uma região que ela costumava frequentar. Explicou o significado de Via Láctea e perguntou, no final de todas aquelas considerações:

- Você tem ideia da grandiosidade em que estamos imersos?

- Não sei se tenho. Passamos o dia inteiro, meses, anos, com o nariz apontando para o chão. É raro o momento em que paramos para contemplar a imensidão cósmica.

- Verdade. As tarefas do dia a dia absorvem quase todo o nosso tempo. Achamos que pensar nisso é coisa para quem está à toa, para românticos alienados e para quem já está com a vida ganha.

- Agimos como um peixe dentro do mar. Ele nunca para a fim de imaginar o que existe aqui fora.

- Boa comparação. Somos peixes mergulhados no imenso oceano cósmico. Mas é bom enfatizar que as dimensões do universo são tão astronômicas que não temos sequer condição de usar medidas terrestres para medir as grandezas e as distâncias cósmicas.

- Ouço falar em ano-luz

- Já usou isso para medir alguma coisa? Tem noção do que é um ano-luz?

- A distância percorrida pela luz durante um ano.

- Simples, não é mesmo? Converta isso em quilômetros. A luz viaja a trezentos mil quilômetros por segundo. Multiplique trezentos mil pelo número de segundos que existem em um ano. O resultado é um ano-luz.

- Caramba! Quanto dá?

- Cerca de nove trilhões e meio de quilômetros. Mais exatamente, nove trilhões quatrocentos e sessenta e um bilhões.

- Poxa! Nove trilhões? É número que não entra na minha cabeça.

- Para você ter uma ideia desse número, saiba que o sol está a uma distância média da Terra de apenas 150 milhões de quilômetros. A luz dele chega até nós em menos de oito minutos. A luz refletida pela lua chega até nós em pouco mais de um segundo. Se você acha nove trilhões e meio de quilômetros uma distância grande demais, prepare-se para multiplicar esse número por cem, por mil, por milhões a fim de calcular algumas distâncias no universo. Para começo de conversa, se o sol está a cerca de oito minutos-luz da Terra, saiba que nossa estrela vizinha, aquela que está mais perto do sol, encontra-se a 4,4 anos luz de distância.

- Vizinha? Boa piada! Que estrela é essa?

- Alpha Centauri, que é um conjunto de três estrelas. Uma delas se chama Próxima e tem ao seu redor um planeta com grande possibilidade de abrigar a vida.

- Vou multiplicar aquele número de quilômetros de um ano-luz por 4,4 e obter a distância em que se encontra nossa vizinha? Está brincando. Vizinha coisa nenhuma. Estamos é muito longe de qualquer coisa.

- Certo. Mas lembre-se que, desde a mais remota antiguidade, o Homem sempre se sentiu amparado por esse mundo maravilhoso feito de astros brilhantes que se estende sobre nossas cabeças.

- Ilusão ótica.

- Sim, mas você também se deleitou há pouco com a mera contemplação da Via Láctea. Os antigos sempre viram o mundo estelar como seu destino último. Muitos, até mesmo, localizavam no céu a residência de seus antepassados.

- Achavam que, lá do alto, os deuses velavam por eles.

- Um dos locais considerados destino final e, até mesmo, original dos antigos egípcios é a região do cinturão de Órion.

- As Três Marias?

- Sim. Veja lá em cima. Aquela estrela da esquerda se chama Alnitak, que significa cinturão, em árabe. Leva a denominação Zeta Orionis.

- O que tem ela?

- Havia uma crença entre os antigos egípcios que seus reis provieram de lá e para lá voltariam depois de cumprirem sua missão na Terra.

- Bela crença. Isso tinha algum fundamento?

- Não sei. O caso é que as pirâmides de Gizé foram erguidas para representar aquelas três estrelas que constituem o cinturão de Órion. Estão misteriosamente alinhadas de acordo com elas.

- Alinhadas do mesmo jeitinho? Algum motivo eles tinham para construir colossos gigantescos de milhões de toneladas de pedra para representar três estrelas. Que motivos teriam para isso?

- São mistérios que aí estão para a gente desvendar. Interessante é notar que, na direção de Zeta Orionis, bem mais distante, lá no fundo, pode-se ver a nebulosa IC 434.

- Eu nunca soube definir bem o que é uma nebulosa.

- É uma nuvem molecular de hidrogênio, poeira, plasma e outros gases ionizados. Numa nebulosa formam-se estrelas.

- Mesmo?

- Isso ocorre quando partes do material que constitui a nebulosa começam a se aglutinar. Ali nascem novas estrelas que formam sistemas planetários, assim como o nosso. O sol nasceu assim.

- Visto da Terra, parece que tudo lá em cima está pronto e acabado.

- Hoje sabemos que não é assim. Desde que o Homem foi capaz de criar a primeira luneta, ele viu que o universo está em contínua transformação.

- Verdade. Hoje temos gigantescos telescópios tanto em terra quanto em órbita terrestre. Eles vasculham a imensidão, filmando e fotografando o que está por lá.

- Não se esqueça das plataformas lançadas no espaço e que abrigam astronautas. Eles, por certo, não ficam à toa lá em cima durante meses. Muita coisa já foi descoberta por eles lá nas alturas.

- Mas nem tudo nos foi contado em detalhes. Há sempre uma espécie de segredo de estado sob a proteção de nossos governantes.

- Mas ninguém iria construir essas peças ultrassofisticadas e caríssimas por diletantismo. Alguma coisa os cientistas estão buscando, alguma verdade está escondida por ali. Imagine só aquele rádio telescópio imenso cuja lente tem meio quilômetro de diâmetro.

- Fantástico. É sempre o espírito humano dando som ao piano, dando asas aos aviões e dando olhos aos telescópios. Todos esses instrumentos são feitos de material mudo, imóvel e cego, mas ganham olhos e ouvidos para observar o mundo estelar para nós. .

- Bem lembrado. A propósito, vamos entrar ali no Observatório e ver algumas coisinhas.

V.

## Viajando entre as estrelas

O observatório estava aberto. O telescópio apontava para o infinito. Sophia me fez ver o Cruzeiro do Sul. Repassou a nomenclatura em letras gregas, Alfa, Beta, Gama e Delta. Disse que Beta tem o apelido de Mimosa. Mostrou, na direção de Mimosa, algo que leva a identificação astronômica NGC 4755. Explicou que essa foi a designação que recebeu no Novo Catálogo Geral. Fez-me ver, ao telescópio, que aquele é um aglomerado de cem estrelas situadas cerca de 7.500 anos-luz de distância. O aglomerado leva o apelido de Caixa de Joias. O apelido tem tudo a ver com aquela multidão de estrelas multicoloridas. Como se fossem joias, cada uma delas é tão bela quanto um joia cuidadosamente trabalhada.

Depois de um bom momento de contemplação do infinito, ela falou de uma lua de Júpiter.

- Um satélite de Júpiter chama-se Ganimedes. Sabe por quê?

- Não faço a menor ideia.

- Ganimedes foi o nome do belo garoto que Júpiter abduziu e levou para o céu. Foi servir água aos deuses. Foi transformado numa constelação.

- Aqueles deuses da antiguidade eram terríveis. Em qual constelação o garoto foi transformado?

- Só poderia ser Aquário.

- Um dos doze signos do zodíaco. É muita mitologia, mas não deixa de ser intrigante. Ao descobrirem o satélite, os astrônomos não hesitaram em dar-lhe o nome mitológico.

- Tudo faz parte de nossa rica herança cultural.

- Lembrei-me de Vênus. Não aparece hoje?

- Apareceu ao cair da noite. Nesta hora avançada, porém, nós já demos as costas para o sol, viajando no dorso da Terra. Agora, Vênus não pode mais ser visto.

- Por quê?

- Porque é um planeta interno. Ele tem a órbita menor do que a da Terra. Só pode ser visto no início da noite ou de madrugada.

- É quando o povo acha que ele é uma estrela?

- Sim. Visto no começo da noite, ele é chamado de estrela vespertina. Visto de madrugada, é chamado de estrela d'alva.

- Entendi.

- Neste horário, Vênus já desapareceu. Não acompanha o cortejo de astros que fazem esse giro aparente por sobre nossas cabeças.

- É verdade que os romanos chamavam o planeta Vênus de Lúcifer?

- Sim, o portador de luz, um lindo nome.

- Foi daí que nasceu o mito da briga ocorrida no céu?

- Perfeito. Dentro desse contexto mitológico, os antigos diziam que Lúcifer quis tomar o trono do mais belo, mais brilhante e mais poderoso de todos os deuses do céu, Júpiter. O pai de todos os deuses o castigou não permitindo mais que ele fizesse parte do cortejo celestial.

- O portador de luz foi expulso do paraíso celeste.

- Porque a deusa Vênus tinha predileção por Lúcifer, esse planeta passou a se chamar Vênus.

- Tudo isso é alegórico, de alguma forma.

- Muito alegórico. Importa aprender a ler as alegorias.

- Essa narrativa mítica gerou outras leituras, não é mesmo?

- Sim, mas ainda temos parte desta noite para vermos algo diferente. Está vendo aquele grande balão ali? Vamos até lá. Preparei alguma coisa para você.

Localizado cerca de cem metros do Observatório estava montado um grande balão de forma oval. Era todo transparente. Sophia subiu comigo uma longa escada aberta ao lado do balão. Lá do alto, podíamos ver toda a dimensão interna dele. Ele se iluminou por dentro. Havia luzes de várias cores. Parecia vazio, mas em vários pontos havia ventiladores. Sophia acionou um controle remoto e, do alto do balão, começou a descer uma nuvem de pó branco finíssimo. Eu tinha a impressão de estar vendo polvilho. Mas a quantidade era muito grande, tão grande que se espalhou por todo o balão, que deveria ter mais de dez metros de diâmetro. Os ventiladores postos em pontos bem estudados faziam o polvilho mover-se lentamente flutuando e girando. O espetáculo era provocante de se ver. Sophia perguntou:

- O espetáculo que está vendo sugere alguma coisa?

- Sugere um desperdício de polvilho. Já pensou na quantidade de pães de queijo que poderíamos fazer com todo esse polvilho? Mas, assim iluminado, é algo que faz sonhar com coisas misteriosas.

- Tente contar todos esses grãosinhos de polvilho.

- Está brincado. Contar? Nem pense nisso.

- Então faça uma estimativa, assim de longe.

- Nem isso.

- Imagine um pequeno recipiente de 27 centímetros cúbicos cheio desse pó. Quantos grãos caberiam dentro dele?

- Apertou. Uns quinhentos, uns mil, talvez.

- Transferindo um cálculo por alto, você diria que poderia haver uns trezentos ou quatrocentos bilhões de grãozinho de polvilho dentro do balão?

- Seguramente.

- O que você está vendo é uma pálida imagem do que é a Via Láctea. Cada um desses grãos representa uma estrela. Ao redor de cada estrela podem existir planetas.

- Boa imagem.

- A meio caminho do centro para a periferia localize um pontinho. Aquele é o sol, nossa estrela. Imagine que nosso planeta, a Terra, esteja girando ao redor do tal pontinho.

- Coisa minúscula perdida na imensidão! Nossa! Vê-se que não somos grande coisa comparando-nos com o tamanho da galáxia.

- Imagine um objeto viajando à velocidade da luz e pretendendo atravessar toda a extensão da Via Láctea. Sabe quanto tempo levaria para completar sua travessia?

- Não tenho ideia.

- Nada menos que 100.000 anos.

- Papagaio! Então fica impossível pensar em viagem pela galáxia e, muito menos, em viagem intergaláctica.

As luzes internas do grande balão se apagaram. Sophia mandou-me olhar para o céu estrelado e descansar a vista fitando aquela imensa mancha clara que cobre todo o centro do céu. Eu me imaginei muito além daquele lugar. Eu me transportei mentalmente até a periferia da Via Láctea. Contemplei as estrelas reais como se eu voasse acima delas. Depois, voltei a fitar o balão. Ele se iluminou de novo com jatos de luz diferenciados. Os ventiladores continuaram a soprar deixando os grãos em movimento giratório. Disse ela:

- Olhe bem lá dentro. Imagine-se mergulhado lá no fundo. Cada pontinho desses não é mais uma estrela. Agora, cada grãozinho é uma galáxia. Cada galáxia tem cerca de 100.000 anos-luz de diâmetro.

- Cada uma delas reduzida a um grãozinho desses?

- Perfeitamente. Este balão, agora, é o universo inteiro. Calcule o número de galáxias que ele abriga em seu interior.

- Impossível calcular, claro. Imagino que outros quatrocentos bilhões delas. Mas isso é espantosamente grande. Sinto-me como se eu fosse um micróbio perdido na imensidão.

- Fisicamente, você não passa de um micróbio dentro do universo.

Sophia fez-me descer e sentar-me numa poltrona muito confortável. Solenemente, ela impôs as duas mãos sobre minha cabeça e anunciou que eu iria relaxar profundamente. Relaxei. Naquele instante, senti que estava consciente de tudo que se passava, mas estava também imóvel e totalmente entregue. Foi quando ela iniciou comigo uma viagem que eu nunca imaginei fazer algum dia. Abandonei meu corpo sobre a poltrona confortável e comecei a flutuar. Flutuei pelos arredores daquela serra vendo tudo que por ali existe. Não havia distância difícil de se percorrer. Eu não tinha na cabeça imagem de tempo. Tudo acontecia instantaneamente. Parecia que eu estivesse num corpo diferente daquele corpo pesado e denso que deixei sobre a poltrona. Lembrei-me de um antigo sábio dizendo que existem corpos psíquicos. Sempre os imaginei assim, etéreos e leves. Acho que eu estava dentro de um corpo psíquico. Mas era eu mesmo. Tinha minhas feições, minha imagem claramente impressa nele. Sophia estava ao meu lado conduzindo-me, sempre linda e atenciosa. Ouvi sua voz suave dizendo:

- Prepare-se para ver coisas fantásticas. Você vai ouvir palavras misteriosas e indizíveis.

- Lembro-me daquele sábio afirmando isso. Ele disse “sei de um homem... que, há catorze anos, se no corpo não o sei, se fora do corpo, também não o sei ... foi abduzido até o terceiro céu e sei que este homem...foi levado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que ao homem não é lícito proferir.”

Sophia sorriu muito dócil e acrescentou:

- Neste momento, você começa a pensar como alguém que está fora do corpo físico transitando pelo espaço.

Pensava mesmo. Eu via uma sucessão de estrelas distantes. Elas surgiam em cima, em baixo, à direita e à esquerda. O espaço é bonito demais, cheio de luzes, cores e formas variadas. E havia sons por todos os lados. O som dos corpos celestes em seu giro parecia formar uma imensa orquestra executando sinfonia. Vozes? Não sei se eram vozes, mas tudo me levava a comparar a nossa galáxia com uma imensa comunidade feliz festejando a existência.

- Você não está mais lá naquele pontinho minúsculo que gira ao redor de uma estrelinha de quinta grandeza. Você está fora do corpo físico e fora do sistema solar. Já viajou uma distância de milhares de anos-luz. Você pode contemplar daqui coisas que dificilmente conseguiria ver da Terra.

Era um imenso manto azul escuro bordado de pontos dourados. Tudo surgia

assim ao longe em constante movimento tranquilo e harmonioso. Havia borrões grandes e luminosos. Havia pequenas esferas. Havia coisas mais próximas e outras mais distantes. Eu via objetos maravilhosos de se contemplar. Tudo me dava ganas de pertencer ao mundo celeste. Sophia retomou a fala.

- Além de estrelas, cometas e planetas existem muitos outros corpos celestes dentro de uma galáxia. Os mais intrigantes são as nebulosas. Elas parecem nuvens imensas de formato pouco definido. São formadas, principalmente, por hidrogênio, hélio, plasma e algo chamado poeira cósmica.

- Será que estamos nos aproximando de alguma coisa dessas?

- Sim, claro. Veja. Algumas nebulosas são berços de estrelas. Dentro da Via Láctea já foram detectadas cerca de 1.500 nebulosas. Muitas são famosas pelos formatos peculiares que lhes renderam nomes expressivos.

- Verdade! Aquela parece uma aranha.

- Recebeu esse apelido pelo formato. Mas veja ainda aquelas. São o Olho do Gato, a Borboleta, o Cavalo, a Abelha, o Cone, a Ampulheta, o Anel.

- Que beleza! E os apelidados têm tudo a ver com suas formas.

- Elas se espalham pela imensidão galáctica a distâncias que variam de 2.500 a 8 mil anos-luz de distância da Terra.

- Mas daquela ali você não falou. É impressionante.

- É uma das mais fantásticas. Tem o apelido de Águia. Sobre aquele pilar maior temos a impressão de estar vendo uma imensa águia. Dista 6.500 anos-luz da Terra. Naqueles três pilares imensos é visível o processo de nascimento de estrelas.

- Nascimento de estrelas?

- Sim, observe direito. Elas surgem lá de dentro com todo o seu fulgor acompanhadas de uma infinidade de pequenos corpos escuros que vão juntar-se e formar planetas.

Ficamos em muda contemplação daqueles pilares imensos que medem vários anos-luz de comprimento e dentro dos quais caberia todo o nosso sistema solar. Ninguém pode ficar indiferente diante de tanta majestade. Sophia acrescentou:

- Ao contrário da Águia, a nebulosa da Hélice, a 7.000 anos-luz da Terra, é o resultado da explosão de uma estrela. Ela se transformou numa gigante vermelha e tem no centro um buraco negro. Ao explodir, ela espalhou no espaço um turbilhão de materiais necessários à formação da vida.

- Estrelas são bombas que explodem e morrem? Será que o sol também caminha para esse momento?

- Claro. Vai virar uma anã branca e engolir tudo ao seu redor. Depois vai

explodir e virar uma gigante vermelha.

- Tem certeza?

- Sim. Mas não se preocupe. Isso vai ocorrer somente daqui cinco bilhões de anos.

O mundo girava. Mesmo com a sensação de estarmos parados, o lugar parecia se deslocar. Eu não sabia quem estava se movendo, se éramos nós ou se era toda a galáxia. O fato é que as paisagens se sucediam. Foi quando Sophia falou.

- Estamos chegando à extremidade da Via Láctea. Agora, fite bem o nosso mundo. Contemple por inteiro a nossa galáxia. Você já deve ter notado que, no espaço, não existe em cima nem em baixo. Em cima e em baixo são referências ao interior do planeta e à gravidade por ele exercida sobre os corpos físicos. No espaço existe aqui e lá, mas não existe alto e baixo. Agora, você está na extremidade da Via Láctea e tem toda aquela maravilha lá longe para ser apreciada em seu conjunto.

- Mas eu não estou vendo as constelações.

- Ouça, querido. Constelações são figuras ilusórias que formamos ao contemplar as estrelas de um determinado pondo da Via Láctea chamado Terra. Daquele ponto, você tem a impressão que as estrelas estão próximas umas das outras formando figuras. A realidade não é essa. Claro que todas as estrelas estão muito distantes umas das outras. Não formam figura alguma. Isso é, apenas, uma ilusão ótica. Um morador da constelação de Órion seguramente veria o sol como parte de qualquer outra constelação.

- Sabemos que muitas estrelas têm planetas girando ao seu redor. Deste ponto aqui acho que posso ver que isso é verdade. Já que estamos neste lugar, por que não fazemos uma visitinha a um planeta habitado por outro tipo de gente?

Sophia sorriu, mas disse que esse não era o propósito de nossa viagem. Acrescentou, então:

- Outro sábio também disse no passado: “a casa do meu pai tem muitas moradas.” Ele sabia que existem milhões de planetas habitados dentro de nossa Via Láctea. Visitá-los, porém, já seria outra atividade que pediria mais preparo.

- Será que eles já nos visitaram um dia?

- Boa pergunta. É possível que sim.

Depois do que pareceu ser um longo período de silenciosa contemplação, Sophia perguntou:

-Você está pronto para continuar a viagem? Será que prefere voltar para a pequenez de sua casinha?

- Se pudesse, eu faria aqui duas moradas. Uma para você e outra para mim.

- Venha.

## VI.

### Na trilha do infinito

A viagem não terminou ali. Prosseguimos a travessia do universo. De longe, a Via Láctea fazia lembrar aquele balão. As distâncias são imensas! Mas eu não sentia distâncias nem velocidade. Tudo ocorria como se nós estivéssemos parados e o mundo, ao redor, estivesse girando. Tinha a sensação de estar percorrendo uma cosmovia ampla e bela, Como se o conjunto cósmico fosse um jardim, a via celeste passava por entre galáxias que pareciam multicoloridos canteiros longínquos. Por entre as galáxias eu viajava e as contemplava de longe. Sophia explicava.

- Nesta região em que estamos, existem algumas galáxias que formam um grupo local do qual faz parte a nossa Via Láctea.

- Uma família galáctica? Perguntei jocoso.

- Coisa parecida. Observe bem. Lá estão as chamadas Nuvens de Magalhães. Elas estão a apenas 200 mil anos-luz da Via Láctea ao redor da qual elas giram como se fossem satélites. Ao mesmo grupo ainda pertence aquela que está bem mais adiante, a galáxia Triângulo. Esta é uma vizinha situada a uma distância de 2,7 milhões de anos-luz da nossa casa.

- Bem pertinho, não é mesmo?

- A Andrômeda está bem mais perto de nós. Só a uma distância de 2,5 milhões de anos-luz. Recebeu esse nome porque é vista no rumo da constelação de Andrômeda. Andrômeda é uma das galáxias visíveis a olho nu lá da Terra. Ela está a caminho de uma colisão com a Via Láctea. Já calcularam que isso ocorrerá dentro de quatro bilhões de anos.

- Impossível seria evitar uma colisão de gigantes, penso eu.

- Quem somos nós? O fato é que as nuvens de Magalhães, o Triângulo, a Andrômeda, a Via Láctea e outras 30 irmãs menores formam um grupo local. Todas elas têm suas estrelas, nebulosas e possíveis planetas.

- Estão todas juntinhas, feito comadres fofoqueiras, certo?

Deixamos nossas amiguinhas por ali e prosseguimos viagem.

- Aquela levou o apelido de Boto e aquela mais adiante é a Sombrero.

- Apelidos bem dados. Parecem mesmo com boto e sombrero.

O espaço intergaláctico é feito de uma infinidade de partículas de muitas e diferentes substâncias. Sei que se falou ali de muita energia. Lembrei-me de um sábio dizendo que energia equivale a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz no vácuo. Era uma dessas fórmulas que a gente memorizava sem nunca entender exatamente como funcionam. Mas guardei a conclusão. Matéria pode converter-se em energia e energia pode converter-se em matéria.

Não existe total distinção entre as duas realidades. Por dentro daquele imenso espaço intergaláctico prosseguíamos contemplando maravilhas. Elas eram feitas de pequenas, médias e gigantescas galáxias. Evidentemente estávamos muito longe delas. Só assim era possível ver suas imagens ou formas. Elas apresentavam diferentes formatos, cores e brilho. Sophia disse que existem até galáxias sem brilho, totalmente apagadas. Disse também que existe muito mais espaço vazio do que preenchido por astros no universo. Explicou ainda:

- O ambiente intergaláctico ocupa a maior porção do universo. Esse espaço colossal contém partículas de baixa densidade. São, principalmente, partículas de plasma de hidrogênio e de hélio, além de irradiação eletromagnética e raios cósmicos.

Muito sábia e culta minha amiga demonstrava ser. Penso que ela já frequentava a imensidão cósmica por muitos anos. E eu continuava meditando. De infinitas maravilhas é constituída a vastidão cósmica. Não fazia sentido pensar que toda aquela imensidão estava ali como um deserto árido e desabitado. Não aceitava mais, de forma alguma, imaginar que a vida só existe num minúsculo planeta chamado Terra girando lá longe ao redor de um sol e mergulhado numa distante Via Láctea.

Eu estava convencido que tantos astros e tantas galáxias não poderiam ser ocupados apenas por seres sem vida ou sem consciência. Imaginava que o Criador de tudo aquilo não iria fazer existir tanta coisa para nada. Por incrível que pareça, naquele momento senti saudades de um céu azul que se estendia sobre as cabeças dos seres humanos. Senti saudades de um céu plenamente habitado por entidades vivas, anjos e santos atuantes. Fechei os olhos e procurei na memória o céu imaginado por nossos antepassados. Foi meditação de um longo tempo. Eu estava ali mergulhado nesses pensamentos quando ouvi a voz longínqua de Sophia.

- Misteriosamente, pode-se observar que as galáxias continuam todas ligadas

entre si por uma energia ainda não bem detectada. Parece um halo de energia invisível que abrange tudo e mantém todo o conjunto em movimento giratório. Essa misteriosa energia é mais abundante no universo do que toda a matéria visível existente. Porém, não é algo visível para nós.

- É ideia demais na cabeça para um pobre mortal processar.

- Se você está impressionado com as imensas distâncias pelas quais se espalham as galáxias, observe, nesta direção, algo que foi detectado por um fantástico telescópio posto em órbita terrestre.

- Coisa mais longínqua ainda?

- Veja nesta direção. Foi o espetáculo mais fascinante que já se pôde presenciar a partir da Terra através de um possante telescópio espacial. Agora, o espetáculo está bem à nossa frente.

- Aquele punhado de manchas douradas no infinito azul escuro?

- É um conjunto de prováveis dez mil galáxias detectadas na direção da constelação de Fornalha ou Fornax.

- Dez mil galáxias? Cada qual com seu provável cortejo de cerca de quatrocentos bilhões de estrelas?

- Possivelmente.

- Mas devem estar é longe demais.

- Numa região do universo que os astrônomos chamam de Campo Ultra Profundo. Estão ali pertinho mesmo, cerca de 13,4 bilhões de anos-luz da Terra.

- Hum? Treze vírgula quatro bilhões de anos-luz! Não dá nem para imaginar o que seria isso como distância.

- Lembre-se que a luz que recebemos hoje em nosso planeta gastou mais de treze bilhões de anos para chegar à Terra.

- Treze, vírgula, quatro bilhões multiplicados pela distância percorrida pela luz durante um ano...

- Pare de fazer contas. Neste ponto do universo, os números terrestres estão fora de cogitação. Contemple, apenas, e medite na grandiosidade dessa maravilha que nunca conseguiremos explorar.

Parei, de novo, e tentei situar-me. Eu meditava. Sentia falta de alguma coisa. Faltava interação, comunicação, resposta a todos os meus anseios. Comecei a convencer-me que aquela imensidão não é só vazia de corpos, apesar de tantas galáxias, energia e gases. O universo é vazio de alma, de espírito, de coração. Sophia pareceu sentir meu drama.

- A imensidão há de sempre lhe trazer um grande vazio. Você aprenderá a preenchê-lo com a alma de místico ou de poeta.

- Haja alma para tanto vazio, minha querida.

- Sem dúvida. Mas, com o tempo, você aprenderá a ouvir a voz do universo. Nele está gravada a palavra por excelência. Essa palavra reboia sonora em todas as galáxias. Ela diz, por si só, tudo aquilo que possa satisfazer o universo que ela criou e cada mente sedenta de saber e de sabedoria.

Eu me calei para ouvir. Por um longo tempo o silêncio fecundo nos envolveu. Envolvei Sophia nos meus braços sedentos de calor humano. Mas o silêncio das estrelas distantes ainda não me despertava sentimentos poéticos ou místicos. Sophia retomou sua fala.

- Pense bem, amigo. Na convivência com esta realidade, você descobrirá que é parte da imensidão aparentemente sem alma. Verá claramente que você faz parte da consciência do universo. Conhecerá o imenso grupo pensante do espaço, nossos irmãos cósmicos.

- Como seria a língua dessa comunicação?

- A linguagem do universo é muito simples, mas é também muito poderosa. Ela é feita de vibrações. O pensamento desencadeia uma vibração contínua que põe você em sintonia com toda a comunidade espacial. O universo inteiro responde aos seus apelos e reage a cada fibra de seu coração e de sua mente. Você nunca está só na imensidão cósmica.

- Mas isso é fantástico. Tenho mesmo muita coisa para aprender.

- Bom que tenha entendido. Agora, porém, temos que voltar.

- Voltar? Nem pense nisso. Por quê? Olhe a quantidade de universo que ainda existe pela frente.

- Você acha que vamos chegar ao fim dele?

- Claro que sim.

- Amigo, fique calmo. É possível que todo esse conjunto maravilhoso esteja se expandindo o tempo todo, cada vez mais velozmente. É possível simplesmente que o universo não tenha fim. Se ele for infinito, vamos passar o resto de nossas existências vagando por aí. Já pensou nisso?

- Sempre tive curiosidade de saber se existe uma muralha feita de qualquer coisa rodeando tudo. Sempre imaginei que nela esteja escrito: “aqui termina o mundo”.

- Boa imaginação. Nunca saberemos se existe uma faixa divisória entre o todo e o nada. Acho muito difícil imaginar um universo infinito. Mais difícil ainda é imaginar o fim do universo. Pense bem. O que poderia existir depois que tudo acaba? Existiria o nada? Mas o que é o nada? Um campo feito de nenhuma matéria, nenhuma energia? Seria um não tempo, um não espaço, uma não

matéria? O que seria isso?

- Seria o nada absoluto, proclamei cheio de filosofia.

- Então, estaríamos diante de um absurdo. O todo fantasticamente imenso estaria dentro do nada. Uma coisa é certa. Depois que acabar este universo pode ainda haver outro, mais outro e mais outro. Alguns seriam visíveis e outros invisíveis. Poderia ser uma realidade infinitamente incontável feita de imensos universos.

- Noooo! Nunca pensei nisso seriamente. É verdade. Quem fez um pode fazer quantos mais quiser infinitamente.

- Não matéria e não tempo.

- Você disse um não tempo? .

- O que é o tempo? Alguém disse que tempo é a contagem de movimentos. Toda a matéria movimenta-se dentro do tempo o tempo todo. Mas, fora da matéria não há movimento. Portanto, não há tempo. Aquela realidade invisível, intocável feita de não tempo e não matéria não é um simples nada. É a isso que se dá o nome de eternidade. É lá que reside um ser imaterial, atemporal e imóvel que dá existência e movimento a todo este mundo material. Ele traça os destinos dos universos visíveis e invisíveis. Diante desse fantástico ser só nos cabe adotar uma atitude: respeito e silêncio. Esse misterioso ser é inatingível e indecifrável.

Ficamos estáticos e mudos no meio da imensidão. Não existe uma única palavra

que possa ser proferida por um pobre ser humano diante daquele ser indecifrável e inatingível. O êxtase envolveu dois pequenos seres humanos estáticos no meio dessa obra imensa e bela cheia de mistério. Naquele momento, imaginei um artista que tivesse deixado uma vasta obra de arte e nunca tivesse sido visto operando suas maravilhas. O único jeito de se conhecer esse fantástico artista ou de encontrá-lo só poderia ser dentro de sua obra. Concluí que o universo inteiro foi escolhido para receber a imagem do grande artista que o criou. Essa imagem está impressa no todo e em cada uma de suas partes. Está gravada em cada galáxia, em cada nebulosa, em cada estrela, em cada planeta. Ela está também em cada paisagem, em cada flor e em cada átomo que venha compor o todo. Estudar o universo é a única forma de estudar seu autor. Ele, em si, é totalmente inatingível. Mas, tal qual aquela pianista, ele faz vibrar a obra que nasceu de sua mente poderosa.

- Acorde, amigo. Vai ficar aí parado literalmente no meio do espaço cósmico?

Não consegui, sequer, balbuciar uma palavra. Penso que estava num estado de êxtase. Nesse estado, meu raciocínio estava interrompido. Permaneci em contemplação muda. Mudo estava e mudo fui transportado de volta ao meu pequeno mundo chamado Via Láctea.

## VII.

### Via Láctea, nossa morada

Entrar na Via Láctea foi um retorno ao lar. Como num filme que capta a imagem da Terra de longa distância e dela se aproxima lentamente, eu senti que estava chegando. Era um caminho para lugar conhecido. Contemplava os astros ao redor. Eles desfilavam majestosamente à direita, à esquerda, diante do peito ou pelas costas. O espetáculo ocorria sem pressa ou pressão. Eu sabia que a velocidade era imensa porque imensas são as distâncias. Lembrei-me de viagens de avião. Do alto, eu sempre olhava pela janela e tinha a impressão de que a aeronave estava quase parada. Na realidade, ela fazia novecentos quilômetros por hora. É que, nas alturas, não existem pontos de referência. Sem eles, você não sente a velocidade. No espaço galáctico os corpos celestes estão muito mais distantes e as referências são muito menores.

De novo por ali estavam as nebulosas. Belezas inesquecíveis! Lá estava a impressionante nebulosa da Águia fabricando novas estrelas. Seus enormes pilares continuavam de pé. Eu revia velhas amigas. Lá estavam elas aparentemente nos mesmos lugares. Cumprimentei a Aranha, o Anel, o Cone, o Cavalo, o Olho de Gato e a Borboleta. As estrelas sucediam-se em profusão de coisas sem nome. Na verdade quem andou distribuindo nomes fomos nós, os terráqueos. Os corpos celestes nem sabem disso. Algumas formações celestes começavam a se delinear com aparência de constelações. Revi o meu inconfundível Órion com seu necessário cinturão. Logo se impôs a figura de nosso Cruzeiro do Sul. Lá, bem no fundo, a lindíssima Caixa de Joias. Perto? Longe? Não sei. Os números não me impressionavam mais. Perto e longe passaram a ser apenas categorias mentais. Pus-me a filosofar dizendo que aquilo que é longe para uma tartaruga é perto para uma águia. Lá estava nossa vizinha de frente, Alpha Centauri. Ela é, na verdade, uma equipe estelar. Elas surgiram como se fossem uma trindade compacta. A ideia de planetas não me abandonava.

Naquele momento, lembrei-me que não estava só. Olhei à esquerda e lá estava minha melhor amiga. Silenciosa e contemplativa, Sophia parecia estar lendo meus pensamentos quando ponderou:

- Ao redor de uma daquelas estrelas já foi detectado um planeta com muita possibilidade de abrigar seres vivos.

- Sei disso. A pouco mais de quatro anos-luz de nós, seria nosso vizinho mais próximo habitado por seres vivos. Andei até fazendo umas contas quando relaxava em espaços distantes daqui.

- Lá vem você com suas contas.

- Sério! Veja o seguinte. Numa visão muito pessimista, se apenas um por cento das estrelas da Via Láctea tiver planetas ao seu redor, teremos um total de quatro bilhões de planetas por aqui. Se apenas um por cento deles for habitável, teremos quarenta milhões de planetas habitáveis. Se apenas dez por cento deles forem efetivamente habitados, teremos quatro milhões de planetas efetivamente habitados dentro da Via Láctea.

- Nunca vou contestar. Antigamente, os astrônomos afirmavam com certeza que apenas o sol tinha planetas. Hoje, já foram detectados milhares deles ao redor de muitas estrelas. Seguramente, a humanidade fará ainda muito progresso em sua busca pelos irmãos galácticos.

Diante de nossos olhos estava um dos mais fantásticos espetáculos que um ser humano pode contemplar. Ali estava um planeta azul. Sabíamos que era inteiramente habitado. De longe, o belo conjunto sugeria paraíso. A Terra é uma

sementeira de vida em todas as suas dimensões e formas. Debaixo daquela camada de profundo azul, podíamos entrever o verde imenso que cobre montanhas, planícies e vales. E a profusão de água cobrindo três quartos da superfície planetária sugeria a ideia de caldeirão. Sim, um imenso caldeirão onde a sementeira de vida é garantia de continuidade. Ocorreu-me celebrar a maravilhosa sucessão das estações do ano. Senti prazer em lembrar o constante giro das águas desde a evaporação às nuvens e à precipitação pluvial abençoando os continentes. Tudo, lá das alturas, evocava um plano cuidadosamente elaborado para garantir felicidade. Falar de paraíso planetário é dizer pouco.

Eu não conseguia deixar de exclamar: Terra dos homens! Terra que já foi dos dinossauros! Terra de não sei quantos outros dominadores que passaram por aqui ao longo de um passado distante! Esfera solta no espaço, presa em órbita solar por duas poderosas forças opostas. Sim, Terra dos sábios, dos poetas e dos loucos. Terra dos sofrendores e penitentes que a chamaram de vale de lágrimas. Terra também dos violentos, dos assassinos, dos guerreiros e dos matadores. Terra daqueles que nunca conseguiram vislumbrar a ideia que estamos todos juntos numa casaca de noz. Essa casca perdida no grande oceano cósmico pede aos homens uma só atitude, que cultivem o amor fraterno.

Esse globo solto no espaço conta muita história. História narrada em pedras, papiros, pergaminhos, livros e bibliotecas. Enciclopédias se espalham pelo seu dorso arquivando relatos. Esse é um globo que guarda muita história gravada na memória atávica dos seus habitantes, condensada em lendas, alegorias e mitos. A linda Terra guardará também a minha história, a sua, a nossa história.

Naquele momento, o maravilhoso globo terrestre era um milagre de vida dentro do sistema solar. Era um presente cósmico onde tínhamos fixado a nossa aconchegante morada.

- Acho que você já meditou bastante, já exclamou demais e chegou o momento de pensar em descer.

- Estamos, de novo, nos domínios da gravidade?

- Sim. Mas você pode ainda meditar nestes dados. Nosso planeta voa pelo espaço fazendo um giro ao redor do sol à velocidade de 107.159 quilômetros por hora.

- Isso tudo?

- Isso tudo. E gira ao redor de um eixo imaginário à velocidade de 1.600 quilômetros por hora.

- Incrível. A gente não sente que está girando tanto e tão rápido.

- Estamos. Parece mesmo que a lei do universo é girar.

Enquanto eu pensava e tentava assimilar todas aquelas velocidades, nós nos aproximamos do solo. O chão foi chegando mais perto e notei que, realmente, “minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”. Mas ainda era noite e, se alguém cantasse, seria somente uma coruja.

- Agora, desça das alturas cósmicas e volte para seu planetinha de nada. Aqui existem pessoas que se amam, que se odeiam, que trabalham e lutam pela sobrevivência, que fazem parte de nossa espécie animal. Aqui, junto aos humanos, praticamos a arte de conviver.

Olhei para Sophia. Ela estava iluminada e linda. Éramos dois seres conscientes e leves fora de nossos corpos físicos. Tínhamos, porém, total consciência de quem éramos. Ostentávamos aquela imagem impressa que trouxemos do mundo misterioso de onde viemos. A figura de minha amiga trouxe-me à memória uma meditação musicada que cantávamos no coral da escola. O trecho, escrito em latim, baseava-se no texto de um antigo místico. Ele dizia: “Um grande sinal apareceu no céu. Uma mulher vestida de sol e a lua sob seus pés. Sobre sua cabeça, uma coroa de doze estrelas.” O poeta, seguramente, escreveu sua pequena composição enquanto contemplava a constelação de Virgem, que possui doze estrelas visíveis a olho nu. Naquele momento, ele teve a feliz ideia de associar a eterna fecundidade do Criador à visão de uma virgem fecunda, seu eterno feminino. Como virgem fecunda, ele se manifestou em sua obra. Mas Sophia não parecia ter percebido minha súbita lembrança. Apontou para meu corpo pacificamente adormecido sobre aquela poltrona.

- Qual é a sua altura?

- Um metro e setenta e cinco

- Estatura mediana.

- Quer saber meu peso? Prefiro não falar. Estou bem gordinho.

- Não exagere. Você está bem, fisicamente. Quero saber quais são suas dimensões como espírito.

- Nessa longa viagem que fizemos a única balança que vimos foi uma constelação que chamamos de Libra. Outros medidores não vi por lá.

- Muito bom humor. Mas lembre-se do sábio dizendo que nós somos espíritos fazendo experiência humana. O melhor de nós não é feito de átomos e moléculas. Lembre-se que espírito não tem dimensões. Nós dois juntos caberíamos numa ponta de alfinete e ainda sobraria todo aquele espaço.

- Estou fora do meu corpo, sem peso, sem tamanho, sem qualquer dimensão. Será que morri e não estou sabendo?

- Não chegou ainda a sua hora.

- Mas aquele ali está parecendo o meu cadáver.

- Está ainda muito vivo. Entre você e seu corpo ainda existe uma ligação invisível que alguns chamam poeticamente de fio de prata. Não é um fio físico nem, muito menos, de prata. Lá está sua alma, o seu princípio vital, atuando em cada órgão. Vamos juntos passear ao interior daquele corpo físico.

- Como assim?

- Venha comigo.

## VIII.

### Um corpo luminoso

Sophia me fez penetrar subitamente num espaço misterioso. Fez-me lembrar da visão que tive do interior daquele balão cheio de grãosinhos de polvilho. Um número incalculável de minúsculos pontos brilhantes preenchia a imensidão ao redor.

- Que visão maravilhosa, Sophia! Estamos de volta ao espaço galáctico?

- Não, querido. Estamos dentro do seu corpo. Eu disse que espírito não tem dimensões físicas. Você, agora, não tem tamanho nem peso. Essa profusão de astros ao seu redor são os átomos de que seu corpo é composto.

- Átomos? Meu corpo virou uma galáxia de estrelinhas atômicas?

- Um microuniverso. Já tivemos oportunidade de contemplar o infinitamente grande. Agora vamos visitar o infinitamente pequeno.

- Eu sou assim, por dentro? Uma infinidade de corpúsculos brilhantes? São pontinhos que desaparecem na imensidão. Eles vão até onde não consigo enxergar. Quantos deles haveria por aqui?

- Calcule você, que gosta de fazer contas.

- Sem chance. Bilhões, trilhões?

- Uma pessoa de sua estatura deve ter, aproximadamente, sete octilhões de átomos.

- Sete octilhões? Nem imagino como se escreve esse número.

- Escrever é fácil. Ponha 27 zeros depois do número 7. Mas, para ter uma ideia dessa quantidade, lembre-se que nossa galáxia tem apenas cerca de 400 bilhões de estrelas. Trata-se de um número 4 seguido de 11 zeros. Isso é muito pouco em comparação com as estrelinhas do seu corpo.

- Estrelinhas?

- Átomos se parecem com estrelas. São formados por um núcleo feito de prótons e nêutrons. Os prótons têm carga elétrica positiva e os nêutrons, não possuem carga elétrica. Esses núcleos têm ao seu redor diferentes números de elétrons, de carga negativa. Núcleos e elétrons estão ligados entre si por uma força eletromagnética. Essa força mantém os elétrons girando em órbita dos núcleos.

- Átomos, então, se parecem com estrelas rodeadas de planetas.

- Podemos chegar bem perto de um deles e ver algo de que você vai gostar.

Com nossa aproximação, o átomo escolhido cresceu aos nossos olhos. Seu núcleo parecia ter a dimensão de uma bola de trinta centímetros de diâmetro. Sophia mostrou onde se encontrava o primeiro elétron que o orbitava. Naquela proporção, parecia estar a mais de trinta quilômetros de distância. Entre núcleo e elétrons havia um enorme vazio. Minha mestra explicou que há muito mais espaço vazio do que massa ao interior do átomo. O espaço vazio se constitui de energia, isto é, de padrões vibracionais.

- Energia? Mas quanta energia pode haver dentro de uma coisinha minúscula dessas?

- Se provocarmos a fissão ou quebra de um núcleo, podemos liberar nêutrons. Esses nêutrons vão entrar em cadeia com uma grande quantidade de outros nêutrons de átomos de núcleo partido e liberar uma enorme quantidade de energia. Isso provocará uma explosão de proporções inimagináveis.

- Uma bomba atômica?

- Entendeu que aquilo que parece minúsculo pode deter um poder impensável?

- Mas que ele é muito pequenino, isso é mesmo.

- Sim, um átomo é tão pequeno que não encontramos no mundo de nossa dimensão uma referência que valha como medidor.

- O que inventaram dessa vez?

- Um átomo é medido com o picômetro. Em relação ao metro, um picômetro mede um trilionésimo de metro. Você pega um bastão de um metro e pica em um trilhão de pedaços. Cada pedaço obtido será tão pequeno que se tornará invisível. Esse é o tamanho do picômetro. Cada elemento tem seu átomo de diferente tamanho. O átomo de hidrogênio, por exemplo, tem 74,6 pm ou picômetros.

- Mas essa luminosidade me encanta. Existe mesmo ou é imaginária?

- Houve um sábio que disse “A luz de teu corpo é o teu olho. Se teu olho estiver limpo, todo o teu corpo ficará luminoso”, Essa luminosidade é visível lá, na dimensão maior em que vivemos. Há pessoas que podem facilmente enxergar essa luminosidade que nos envolve. Ela é chamada de aura e pode ter diferentes cores.

- Sempre quis saber de uma coisa. Se a maior parte de um átomo é espaço vazio, por que então os corpos não se compenetraram uns com os outros ao se encontrarem?

- Porque a superfície dos corpos é constituída de uma barreira de elétrons que desencadeiam uma força poderosa de repulsão eletrônica impedindo que haja essa compenetração. Isso ocorre à semelhança dos polos de um ímã repelindo-se mutuamente.

- Então é só isso?

- Olhe bem para todos esses átomos que nos rodeiam. Hoje eles estão aqui

formando o seu corpo físico. Mas eles podem ter vindo de muito longe e de muito tempo atrás. Podem ter surgido de explosões estelares, flutuado no meio de lavas lançadas por erupções vulcânicas. Podem ter feito parte do corpo de animais que viveram milhões de anos atrás. Seu corpo foi construído dos mesmos átomos que podem ter formado estrelas, planetas, pedras, plantas ou dinossauros.

- Uma ideia forte, não é mesmo? Faz a gente pensar.

- Mas veja, amigo. Nós mergulhamos fundo demais na matéria e, por isso, estamos vendo átomos aparentemente flutuando por aí. Na verdade, eles estão minuciosamente organizados. Vamos tomar distância e observar melhor.

- É mesmo. Agora, vejo melhor.

- Os átomos se juntam uns com os outros e formam moléculas. Quando a junção se dá entre átomos que possuem o mesmo número de prótons, temos aquilo que se chama elemento.

- Isso eu conhecia. Ferro, cálcio, oxigênio, hidrogênio são elementos que podem juntar-se para formar diferentes substâncias.

- Exatamente. Na natureza já foram detectados 92 elementos. Eles se juntaram para formar todas as substâncias que conhecemos.

- Tudo que existe, então, é feito desses 92 elementos?

- Sim. Mas, como seu corpo é um ser vivo, as moléculas se juntaram de um jeito especial para formar células. Claro que as substâncias químicas estarão presentes nessa composição. Dentro de você existem cálcio, magnésio, ferro, potássio e uma infinidade de outras substâncias químicas.

- E água, não é mesmo? Ela é feita da junção de oxigênio com hidrogênio. Mas, diga: qual é a proporção de água que existe no meu corpo?

- Oitenta e cinco por cento do seu corpo são formados por água.

- Isso tudo? Sobra pouco espaço para o resto.

- Mas tudo converge para um lindo equilíbrio dentro desse pequeno universo que é o seu corpo.

- Quantas células haveria em meu corpo?

- Na sua estatura mediana devem existir uns dez trilhões de células. Elas nascem, vivem e se partem. Células morrem e, quando param de se renovar, começa a decadência do corpo. É o que chamamos de envelhecimento.

- E a junção de células forma os órgãos. Claro!

- Agora nos distanciamos mais e você pode ver muito bem. Vamos fazer uma viagem. Venha comigo.

Sophia levou-me ao dedo mínimo do pé esquerdo. Eu podia enxergar os ossinhos, as fibras e os vasos sanguíneos. Mas, ainda assim, era um turbilhão de átomos luminosos. Nunca tinha imaginado tanta beleza num pedaço do corpo ao qual a gente dá tão pouca atenção. Mas a viagem continuou pelo pé, pela perna, pela coxa, pela bacia, pelo interior agitado do meu tronco onde vi claramente cada órgão.

- Ali está uma nebulosa, Sophia.

- Nebulosa?

- Sim, a nebulosa do coração.

- Parece uma nebulosa, mas é mesmo o seu coração. Para muita gente, esse órgão é mesmo muito nebuloso.

Meu coração estava perfeitamente delineado dentro de uma profusão de átomos luminosos. Subimos para a cabeça e chegamos ao cérebro. Olhei para o conjunto distante e tive a impressão de estar vendo a Via Láctea. Uma galáxia viva respirando e pulsando. O conjunto do cérebro era de uma riqueza indescritível. Sophia apontou para uma bolinha debaixo dele.

- Ali está sua hipófise. É um pequeno organismo misterioso. Os antigos egípcios

a conheciam muito bem. Eles chamavam essa glândula de Olho de Hórus. Representavam-na destacadamente com o nome de watchet e sabiam dos poderes que o ser humano pode despertar quando aprende a fazer bom uso dela.

- Realmente já vi essa representação, mas nunca imaginei que se referisse a essa glândula.

- Amigo, você se lembra do recital daquela noite e das considerações do mestre Demos sobre espírito e matéria?

- Como iria esquecer?

- Pois tenha certeza. Você não é um corpo físico, por mais belo que ele seja. Você é um espírito que veio de um ponto qualquer fora do universo e tomou posse deste lindo corpo. Você veio a este mundo fazer a experiência humana. Um dos instrumentos bem localizados dentro do seu corpo é o cérebro e, dentro do cérebro, a hipófise. Daqui você conduz a sinfonia, a ópera, a harmonia, a melodia e o ritmo de todo o seu corpo. Através do seu corpo você se comunica com seus irmãos. Através dele você recebe a imagem de todos os que você encontra. A hipófise é essencial para a sua caminhada. Dê uma última olhada nessa galáxia linda que é o seu corpo e vamos embora.

- Estou vendo ali a nebulosa do olho de gato.

- Poderia até ser ela. Afinal, você é um gato. Mas aquele ali é o seu olho mesmo. Vamos sair daqui.

Sáímos. Olhamos ao nosso redor e a noite continuava escura. A luminosidade longínqua era a luz das estrelas.

- Agora, vamos nos concentrar e voltar para a realidade humana. A longa viagem terminou.

Aos poucos tomei consciência de que eu era gente e não espírito vagante. Esfreguei as mãos calmamente. Abri os olhos, apalpei as pernas, respirei fundo. Olhei ao meu redor procurando por Sophia. Ela estava de pé, atrás de mim, toda sorridente. Eu processava todos os dados, toda aquela viagem fantástica. Não conseguia achar palavras. Tive a impressão que minha amiga costumava fazer essas viagens regularmente. Por fim, consegui dizer algo trivial.

- Nossa! Meu relógio parou.

- Por que diz isso?

- Quando você me fez relaxar profundamente, eu tinha acabado de olhar as horas. Era meia noite.

- E que horas são, agora?

- Meia noite.

- Normal. Todo esse giro que demos por aí ocorreu fora do tempo. Tudo

aconteceu em tempo zero.

Abracei Sophia longamente. A fragilidade lindamente feminina daquele corpo quente e bem-torneado transmitia a todo o meu ser uma paradoxal sensação de segurança. Naquele frasco aparentemente quebradiço estava guardado um perfume delicioso. Ela o exalava pelos poros. Algo tecido de saber e de sabedoria me atraía por dentro. Tive certeza que Sophia era meu presente cósmico. Decidi guardar aquele presente com carinho e com cuidado pelo resto de minha vida. Ela era alimento para meu espírito. Era paz e energia para minha racionalidade sedenta de saber.

Não senti a viagem de volta. Não percorri o caminho de velhas lembranças. Eu estava ocupado em reviver os grandes momentos de uma incrível noitada. Nossos caminhos se bifurcaram. Voltamos para nossos pequenos mundos. Imaginem só a leveza de meu sono depois daquele sonho. Com certeza foi uma viagem. Minha fantástica viagem cósmica foi, seguramente, fora do corpo.

## IX.

### O Grande Mago

“H á muito e muito tempo, antes mesmo que o tempo existisse, vivia o sábio, o poderoso, o grande mágico .” Assim se inicia um conto para crianças de 8 a 88. Narra a história de um misterioso mago convocando as cores para colorir o universo. Foi um momento místico para o autor e mágico para as crianças que o leram. O conto chama-se: A Magia das Cores.

Dizer que o Criador é um mago não é blasfêmia. O termo não significa ilusionista, malabarista ou enganador. Ele tem raízes em um passado sânscrito de milhares de anos. Aquela língua, originária da Índia, é matriz de línguas que se desenvolveram na Europa, incluindo Latim, Grego e suas derivadas. É no sânscrito que se encontra a palavra “mah” ou “mahaan”, raiz do termo mago. Ela se liga a mega, “magnus”, magister e magia, sempre sugerindo grandeza e sabedoria. Quando, na Índia de hoje, alguém é chamado de “Mahaan Aatma”, isso quer dizer que se trata de um ser humano especial, uma grande alma.

Alguns dias depois da viagem fantástica, eu tinha em mente esses dados sobre magia. Senti vontade de rever meu mestre. Queria compartilhar ideias. Sabendo de seus hábitos, escolhi dia e hora. A gruta estava iluminada. O mestre estava sentado à mesa de sempre. Quando me viu, levantou-se calmamente. Abraçou-me paternalmente.

- Mestre, preciso muito de uma conversa.

- Sei disso. Finalmente, teve sua iniciação.

- Iniciação?

- Foi muito rica e bem-trabalhada.

- Não sabia que se tratava de iniciação. Alguma grande ordem?

- Poucas pessoas conseguem fazer uma caminhada tão eficaz entre as estrelas. Você se saiu muito bem.

Entendi que o grande Demóstenes estava a par de tudo. Sophia lhe relatara com detalhes. Entendi também que aquela viagem fazia parte de um plano. O mestre já esperava por esse reencontro. O momento seria de reflexão. Ele não demorou a falar.

- Você se lembra da canção “Al di là”?

- Um clássico. Como não me lembraria?

- Você viveu um pouco daquele arroubo do poeta.

- Como assim?

- “Al di là dei limiti del mondo, al di là delle stelle... al di là della volta infinita, ci sei tu”.

- *Ah! Sim. Além dos limites do mundo, além das estrelas... além da abóbada infinita, está você. Muita poesia, claro.*

- Quem é que você procurou naquelas distâncias, meu amigo?

- O poeta procurava, romanticamente, a sua amada. Eu procurava, racionalmente, entender a estrutura do universo.

- No fundo, você procurava a razão de ser de tudo que existe.

- Talvez! Um ser humano nunca sabe exatamente o que é que ele procura.

- Ser feliz. Todo ser vivo se move o tempo todo procurando a felicidade. Naquele momento de sua busca, a felicidade poderia ser vislumbrada na satisfação de uma sede de saber. Por certo seria a sede de entender a realidade cósmica. Mas você buscava mais ainda. Você buscava o ser que está além de toda a realidade conhecida, “al di là”. Além dos limites do mundo.

- Falou como o antigo mestre de Teodiceia.

- Longe dos dogmas de todas as religiões, longe de todos os relatos míticos e mitológicos, longe das beatices e pieguices, uma inteligência possante sente sede

de entender a “causa causarum.”.

- Estou diante de um filósofo com toques de psicólogo. É verdade. Todos nós buscamos identificar a causa de todas as causas. Como será que a humanidade pensante chegou a formular o conceito do criador do universo?

- Da mesma forma que um micróbio pensante definiria você. Com palavras bombásticas e adjetivos mirabolantes, com a pretensão de que entendeu o objeto de sua busca.

- Micróbio pensante e falante é uma boa.

- Somos, fisicamente, micróbios pensantes dentro da imensidão cósmica. Nunca chagaremos a formar um conceito exato do todo em que estamos imersos. Quanto ao ser que deu existência a essa imensidão, nossa atitude é dizer que se chama Deus. Com uma simples palavra, achamos que ali está a definição exata de uma realidade inatingível.

- Você disse inatingível?

- Sim, essa é a palavra. Quem reside “al di là” é alguém que possui natureza totalmente diferente da nossa. Mal comparando, é você perante um micróbio.

- Sempre aprendi que aquele ser supremo está presente em todos os lugares. Parece, porém, que ele está fora do universo.

- Veja como é realmente difícil falar de um ser que está totalmente fora do alcance de nossas mentes pequenas e limitadas. A palavra Deus é vazia de significado. Tem sido usada para significar milhares de entidades e fica difícil usá-la para significar o ser de quem estamos falando, a não ser que consigamos preenchê-la de outro conteúdo. Os antigos egípcios usavam um mantra para se referirem a um ser oculto, eterno, inatingível.

- Que mantra era esse?

- “Amen”. Naquela língua, “men” podia significar eterno, perpétuo ou mesmo o advérbio sempre. “Men nefer” significa sempre belo, por exemplo. Amn, amon ou amen era pronunciado acompanhado de um som propositalmente vindo do fundo da alma como numa invocação do ser supremo.

- Copiado por judeus e por cristãos, esse mantra virou amém e é repetido mecanicamente nas igrejas sem qualquer significado. Deixou de ter um toque místico.

- Caiu na banalidade. É o destino de toda palavra que entra na rotina de uma língua. Mas, ainda no antigo Egito, os sacerdotes de Waset passaram a usar o termo Amon ou Amen para sustentar sua organização político-religiosa do sul do país. Mas é uma palavra-mantra usada na busca de união com o ser eterno.

- Eles o entendiam como eterno?

- Sim. Eterno é um ser que não está no universo no sentido de alguém sujeito ao tempo e ao espaço. Nele não existe dimensão física assim como não existe tempo. No centro de todas as coisas, ele assiste ao giro cósmico sem girar. Ele é

o movente de tudo, mas jamais se move. Como está fora do tempo, para ele não existe passado nem futuro. Ele está no presente perpétuo. Ele não criou. Ele cria. Ele não pronunciou sua palavra. Ele a pronuncia.

- Isso tudo é muito profundo, mestre. Qual seria a natureza desse ser fantástico?

- Vamos buscar entender, infinitamente, o que ele é ou quem ele é. Tudo em vão. Só vamos conseguir definir o que ele não é. Podemos dizer que nele tudo é substância, tudo é essência. Nele não existe futuro, evolução, transformação, vir a ser. Ele simplesmente é. Ele não tem feições humanas. Ele não tem imagem captável por qualquer mortal. Ele é uno e indivisível. Não se enquadra em qualquer categoria de nosso universo. É impróprio defini-lo como pessoa, muito menos como trindade delas. Ele não se enquadra em qualquer conceito definido por nossas palavras ou como pertencente à natureza limitada de nossa existência. Ele não se estende pelo tempo infinitamente. Ele simplesmente está fora do tempo.

- Isso foge a tudo que ouço pregar por aí na esfera das religiões.

- E não é ele que está no universo. É o universo que está nele. O universo brota de sua mente criadora, que já foi identificada pela palavra grega LOGOS. Ele é o pianista que tange as teclas do piano universal numa melodia perpétua. Ao dar existência ao todo, do qual conhecemos uma parte ínfima, ele não gasta seis dias, seis horas ou seis segundos. Ele simplesmente pensa e tudo acontece instantaneamente. Quem constrói o tempo é o universo com seus movimentos.

- O mais formidável ato de magia que alguém pode imaginar é fazer existir o universo.

- Ser criador é apenas uma faceta desse ser, mas é perpétua, infinita e eterna. Ele cria eternamente. Ele não falou ao ser humano nem escreveu ou ditou qualquer livro. Sua palavra é única, total, fecunda e universal. Ela dá existência e forma ao que se chama universo.

- Suas palavras mudam todo o meu conceito de verdade pregada durante séculos por uma multidão de supostos sábios.

- A verdade das religiões se apresenta presunçosamente como eterna e imutável. A verdade dos filósofos se apresenta logicamente como definitiva e irrefutável. Mas a verdade do sábio está sempre em construção. Nesta categoria inclui-se o verdadeiro cientista.

- Que relacionamento pode o pequeno ser humano estabelecer com o seu criador? Afinal, ele está “al di là della volta infinita.”

- Como tudo nele é essência, sua palavra é ele mesmo. Ao criar, ele imprime no universo sua imagem. O universo torna-se sua face visível. Esse ato consagra o cosmos como seu sacramento, ou seja, o sinal sensível e eficaz de sua presença. Para usar expressões de um passado distante, o universo torna-se unguento por sua presença. Cada universo visível ou invisível, feito de qualquer substância que acaso venha a existir, cada galáxia, cada estrela, cada planeta, cada molécula, cada átomo de que se compõe a matéria, tudo, enfim, só continua existindo por força de sua mente criadora. Como disse o sábio, nenhum cabelo de tua cabeça cairá sem o seu conhecimento. O ar que você respira, a água que bebe, o pão que você come, o vinho que sorve, os frutos da natureza, qualquer coisa que existe e está posta aí para sustento de sua vida, tudo está impregnado da energia da palavra criadora.

- É assim que deve ser entendida a encarnação da palavra?

- Só assim. Uma incorporação. A palavra incorpora o todo criado e nele permanece para sempre. O universo é o seu unigênito, seu filho unigênito, gerado nas profundezas da mente divina para dialogar com o pai criador. O universo está repleto de mentes conscientes. Todos os espíritos que povoam o cosmo formam um coral para dialogar em uníssono com o criador. Não importa a forma corporal que cada um possa ter, executamos juntos, em total harmonia, a sinfonia da criação. Rendemos homenagem ao grande espírito. Somos o filho único diante do pai. Não importa a porção do universo que estejamos ocupando, o planeta, a galáxia ou o mundo em que estejamos.

- Será que depois de nossa passagem por este mundo conseguiremos ver o criador face a face?

- Face a face? Nem neste nem em qualquer dos mundos para onde formos depois de nossa caminhada terrestre. Ele é o destino de tudo. Nele reside toda a felicidade que nossos corações anseiam. Mas ele é de natureza tão diversa da nossa que só alcançaremos essa felicidade parcialmente. A fonte é inesgotável e dessa fonte haveremos de beber infinitamente. Ninguém sairá do universo para entrar na eternidade. Aquela é morada da divindade. Aqui é a nossa morada. E a casa do pai tem muitas moradas. Assumiremos corpos físicos, psíquicos, formas de manifestação diversificadas. Nunca deixaremos de existir como seres humanos. Ser humano tem corpo alma e espírito.

- Que termo usaríamos para nomeá-lo, mestre?

- Nome, nesse contexto, significa a essência mesma do ser. Nunca saberemos seu nome porque nunca alcançaremos a sua essência. Vamos usar mil palavras para identifica-lo. Mas sabemos que nossas palavras nunca serão capazes de defini-lo. Vamos dizer que é o grande espírito, o grande mago, o Pai, Ptah, Júpiter, Iu, Yaweh, Tupã, Odin, Zeus, wun nefer, Amen ou simplesmente Deus. Temos que

usar uma palavra, mas ele é o inefável.

- Mestre, sempre imaginei que você fosse simplesmente um ateu.

- Ateu? Sim, sou ateu. Não adoro as divindades criadas pelo ser humano, pelas religiões. O mal das religiões é que elas se expressam dentro de uma visão de universo extremamente acanhada e nos convidam a adorar deuses ridiculamente pequenos. Você já ouviu alguém dizer essa verdade há muitos anos. Eu concordo com a afirmação e busco a verdade que está muito acima dos ensinamentos contidos em livros ditos sagrados.

- O que o meu mestre diria das pessoas imersas nesse turbilhão de crenças espalhadas pelo planeta?

- Não diria nada nem delas nem a elas. Respeito profundamente cada ser humano no estágio evolutivo em que se encontra. Hoje me sinto privilegiado por ter caminhado um pouco mais e alcançado melhor entendimento. Mas cada pessoa é soberana no pequeno mundo em que habita. A vida é um lindo rio largo e profundo. Barcos de todo tipo navegam pelas águas da vida. É maravilhoso poder colher as paisagens, contemplar as flores e saborear os frutos pelas margens. É lindo poder lançar sementes para os que vierem depois de nós. Um dia, com certeza, todos vamos nos encontrar no grande oceano para comemorar mais uma etapa da grande viagem.

- Mestre, eu ficaria aqui a noite toda ouvindo suas palavras. Mas acho que, por hoje, basta de tanta sabedoria.

- Você é uma das melhores plateias que conheço. Mas o que não basta é esse

delicioso vinho que foi servido hoje. Por que não saboreamos mais uma boa taça?

Terminei aquela noitada com muito pesar. Saboreei mais uma taça da sabedoria inesgotável daquele mestre sentado à minha frente.

X.

## Uma deusa chamada Diana

Depois de me enriquecer nos últimos encontros com o mestre e de vivenciar encantamentos ao lado de Sophia, por longas noites sonhei acordado.

Após o café, numa daquelas manhãs, recebi um envelope com timbre de uma agência de viagens. Dentro, havia uma passagem aérea e um voucher. Junto ao conjunto, um bilhete: “Espero por você. Não vá me decepcionar. Vamos passar o Natal em Natal”. Assinado, Diana.

Diana não era uma pessoa comum. Marcou forte presença na minha vida. Viajamos juntos pelo Oriente Médio. Com ela, conheci Istambul. Ela me explicou que os turcos não conseguiram pronunciar o nome da antiga Constantinópolis e produziram essa beleza de deturpação daquele nome. Vi preciosas relíquias cristãs e importantes trabalhos arquitetônicos na Península Histórica. Visitei Isnik, antiga Niceia. Havia história, ali gravada, de um concílio. Naveguei sobre as marolas do lago. Percorri as costas da Capadócia, terra das sete igrejas da antiguidade cristã.. Caminhei por toda a velha Éfeso, tão cara aos cristãos. Diana ostentava o mesmo nome da deusa da Ásia. Ela se assemelhava à Grande Diana dos efésios, que os gregos chamavam de Ártemis. Mas a minha deusa era só a bela Diana. Ruínas de um templo lembraram-me que ele estava entre as sete maravilhas do mundo antigo.

Vários anos tinham-se passado desde aqueles fatos memoráveis. Eu estava certo que ia me encontrar com uma senhora nobre e recatada. Mas não havia como recusar. O convite era maravilhoso.

A dama nobre e recatada não estava no aeroporto. Também não se encontrava no hall do hotel. Já era noite. Depois de me produzir um pouco na suíte, fui ao salão jantar. Era uma ceia natalina. Havia música ao vivo. Lantineva Tissila tocava a Polonaise Heroica de Chopin. Não me contive. Fechei os olhos e voei como naquela viagem que fiz pelo espaço cósmico ao lado de Sophia. Longamente, calmamente, eu pensava. O que está acontecendo comigo?

Uma voz suave e encantadora chamou-me pelo nome. Abri os olhos lentamente. Num traje azul celeste, com toques dourados sugerindo estrelinhas, estava bem à minha frente a mesma jovem de tempos atrás. Sorria com o mesmo sorriso de outrora. Fitava-me com os mesmos olhos negros de profundo mistério.

- Minha deusa de Éfeso! Que prazer imenso é este de poder revê-la depois de tantos anos!

- Tenho sonhado com você.

- Então acorde. Estou aqui.

- Estou vendo. E você não mudou em nada. O que faz para se conservar tão bem? Dorme num barril de conservante?

- Veja quem está falando. Você continua sendo aquela mesma garota que vi sobre a gruta do Irabuçu ou nas ruínas do templo de Diana. Mesma e muito mais bela. Mas tinha que ser assim. Afinal, as deusas não sofrem influência do tempo nem sentem o movimento dos astros.

- Esqueça os elogios. Temos coisas bem mais interessantes para fazer nesta terra.

- Imagino.

Os acordes de Chopin deram lugar a um pequeno coral com acompanhamento de piano, harpa e violino. Eram as mais tradicionais e belas canções natalinas. A exuberante árvore estava cheia de luzes e bolinhas coloridas. O clima, a música e a decoração enchiam de alegria a seleta plateia de hóspedes e convidados. A ceia foi servida. Os pratos estavam tão deliciosos quanto a visão de uma jovem que sorria feliz à minha frente. Ela me fazia resgatar um passado cheio de encantos. Houve, depois, falas trabalhadas com temas natalinos. Cantamos canções e trocamos abraços. Todos nós expressávamos desejos de felicidade. Pessoas que eu nunca tinha visto me abraçavam sorridentes. Senti-me num país chamado utopia. Ganhei dezenas de novos amigos. Diana me apresentava a todos com um toque de simpatia. Pairava no ar um sincero sentimento de fraternidade. Era mesmo um momento mágico de noite feliz. Para fechar a noite, ali estava a bela Diana. Seu abraço foi longo e carinhoso. Havia promessa de noite feliz, de dias felizes.

As belezas do resort faziam dele a cópia fiel do paraíso terrestre. Foi o que notei pela manhã. Depois de matar minha curiosidade andando pelo lugar e arredores, depois de fotografar paisagens e beldades, depois de desfilarmos sem cuidados entre sorrisos amigos, entrei com Diana num caramanchão. Havia mesas e cadeiras confortáveis. O serviço de bebidas e degustação era atencioso. Ficamos por ali, enquanto o mar beijava as areias lá em baixo.

- Que bom foi você aceitar o meu convite.

- Era irrecusável. Este lugar é uma réplica do éden. Tenho até a bela Eva como companheira. Estou procurando a árvore do conhecimento. Quero ficar longe

dela.

- Você me faz rir. Não se atreva a dar uma de Adão.

- Com todo respeito. Afinal, você foi feita de minha costela.

- A propósito, mente fértil, o que tudo isso significa para você?

- Este resort?

- O paraíso terrestre.

- Um belo mito que encantou antigas gerações, mas que nada significa para mim.

- Pois acho que deve rever seus conceitos.

- Como assim?

- Primeiramente, você deveria aprofundar melhor o conceito de mitos. Não são ficções sem qualquer valor. Pelo contrário, eles encerram um significado que vai muito além do que dizem as palavras. Um sentido é aquele que se depreende da leitura literal, outro sentido é aquele que está enrustado lá no fundo da estrutura mesma da narrativa.

- Esse tal de paraíso perdido sempre foi entendido ao pé da letra.
  
- Concordo. Sempre foi conveniente para alguns grupos fazer a leitura literal desse e de muitos outros mitos. Isso deu origem a muitos e graves equívocos.
  
- E qual seria o significado oculto nessa narrativa?
  
- “Você não é um ser humano fazendo experiência espiritual”. ..
  
- Já sei: “Você é um espírito fazendo experiência humana.” Com essa frase o grande Chardin deixou-me pensativo por muitos dias. Mas qual é a relação com o nosso tema?
  
- Aquele sábio insinua que você existia antes de chegar aqui. Se existia, onde é que você estava?
  
- Que tal a gente pedir uma “piña colada” do jeito? Ficou difícil raciocinar sem um pequeno estimulante.

Havia um disco dourado desfilando pelo imenso azul celeste. Decidimos deixar a “piña” para depois. Fomos pegar ondas no infinito azul do mar. Ao longe, ele se fundia com o azul do céu. Nunca imaginei que aquela frágil garota dominasse tão bem as ondas. Era mesmo uma artista. Nadava como um golfinho elegante. Talvez fosse uma sereia mitológica. Eu não! Sempre tive medo do mar. Ia até ali um pouco além da quebrada, pegava um jacaré com segurança e era depositado

na areia.

Depois de alguns bons exercícios que movimentaram meu corpo inteiro, depois de levar alguns caixotes e de salgar o corpo todo, vi que minha colega veio fazer-me companhia.

- E aí, querido, pôs o cérebro para funcionar? O sangue, quando circula mais rápido, é um belo fluido para os pensamentos. Fiz uma pergunta lá em cima e estou esperando resposta.

- Simples! Eu, espírito, estava em algum paraíso encrustado na imensidão do oceano cósmico. Gostou da resposta?

- Por que não? É tudo que nossa imaginação pode encontrar como resposta. Na verdade, ao assumirmos este corpo pesado de matéria compacta, perdemos a memória de nossa origem.

Esticados em duas espreguiçadeiras sob uma tenda, ouvindo o marulho das ondas, falamos do paraíso. Diana fez-me entender que deveríamos ser felizes naquele éden encrustado na imensidão do oceano cósmico. Então, decidimos vir a este mundo fazer a tal experiência humana. A finalidade era nos enriquecermos de merecimentos. Grande vitória pessoal seria alcançar um prêmio pela caminhada. Afinal, aqui estamos sem amparo da visão da grande realidade. Platão comparou nossa condição humana à permanência numa caverna onde as pessoas percebem a realidade lá fora como sombras, indiretamente.

Diana falou ainda da parábola do filho pródigo. Ele abandonou a casa paterna para viver sua experiência. Vagou muito até o momento em que sentiu sua

queda. Vivenciou pobreza e miséria. Um dia, decidiu retornar. Sua volta foi o alegre retorno à casa paterna. Diana explicou que essa é uma parábola apta para explicar a caminhada humana. Concluiu que estamos neste planeta por algum tempo, mas retornaremos no momento devido à casa do Pai.

- Mas a pergunta fica insistente, minha amiga. Onde é esse lugar maravilhoso de onde viemos?

- Se soubéssemos, não haveria mérito em nossa caminhada. Prosseguiremos de olhos vendados. Essa é a nossa provação

- Quer dizer que vivemos aqui para sermos submetidos a uma provação? Nossa existência terrestre seria uma brincadeira de cabra cega? Andar sem enxergar a luz? Nosso destino seria o de sermos submetidos a uma prova do mesmo jeito que o primeiro casal do mítico paraíso terrestre?

- Quem sabe? É mesmo interessante a gente procurar o sentido da vida humana. De qualquer forma, toda a humanidade, ao longo da História, sempre sentiu que vivemos neste plano como resultado de uma queda. Sempre, também, sugeriu-se, através de mitos e alegorias, que haverá um tempo de redenção.

- Mas existem pedaços de paraíso por todo lado, em nosso planeta. Importa que a gente saiba encontrá-los e desfrutá-los.

- Sem dúvida. Mais que lugares paradisíacos, temos que pensar em estados de felicidade.

- história sempre sentiu que estamos aqui como resultado de uma queda.

Sempre, também, sugeri através de narrativas míticas e alegóricas, que um dia seremos resgatados desse terrível tombo. Sugiro que a gente não deixe este momento paradisíaco passar em vão. Vamos ao desfrute?

Fomos. Uma caminhada romântica rente às espumas, a contemplação de fascinantes paisagens e de sereias nas areias, o sabor dos petiscos e da “piña” colada completaram o programa daquela manhã.

Na agenda de Diana estava a visita ao Forte dos Reis Magos. Foi naquela tarde ensolarada. O forte está à beira-mar na margem direita do Rio Potengi. Leva esse nome porque sua construção começou no dia 6 de janeiro de um ano distante. Aquele é o dia em que se celebra a visita dos Reis Magos ao menino Jesus.

Depois da necessária visita ao conjunto da edificação, ficamos debruçados no parapeito da fortaleza contemplando o mar e refletindo sobre o significado de tudo que nos envolvia.

- Magos? Por que magos, Diana?

- Seguramente é uma referência a homens sábios, dotados de poderes especiais. Nada de ilusionistas. Se aquela visita foi fato histórico, se os três personagens eram reis e tinham coroas, se aquele menino era real, isso pouco importa. Importa aquilo que o relato quer significar. O mito nos diz que os magos trouxeram três presentes úteis e simbólicos. Entregaram aos pais do menino tudo que seria necessário para sua missão futura. É importante que se diga. Esses presentes você também recebeu no dia de seu nascimento. Vieram em forma de

talentos. Importa saber buscar desenvolver seus dotes.

- Boa leitura é essa que você faz do texto.

- Interessante é que o relato nos diz que o menino foi levado dali diretamente para o Egito. Do Egito, só retornou aos 12 anos. O que ele teria feito no país dos grandes mistérios? Fica implícita a ideia de que frequentou o templo de Aten, o sol poente. O templo era sede de uma misteriosa ordem que congregava pessoas selecionadas. Elas eram submetidas a uma cerimônia de iniciação. Alguns faraós foram membros daquela ordem. Um deles foi grão mestre e se chamava Akhenarten. Passou para a História como o faraó monoteísta e a bíblia judaica o transformou em Moisés. O templo ficava localizado em Iunu, cidade da luz, que os gregos chamaram de Heliópolis, cidade do sol. O menino teria, então, desfrutado da convivência com sábios de um mundo bem distante do mundo judaico.

- Um belo mergulho em cenas de um passado longínquo tão pouco entendido porque pouco explorado. O texto parece sugerir que cada qual deve buscar o seu Egito metafórico, o seu local adequado para se iniciar nos grandes mistérios.

- Existe aí um dado interessante. Por sugestão dos magos, o garoto foi àquele lugar e, na convivência com os sábios do Egito, despertou os superpoderes que ficam adormecidos em todo ser humano quando chega a este mundo.

- Fantástico, Diana, nunca tinha pensado nisso. Lá no paraíso encrustado na imensidão do oceano cósmico, éramos detentores de imensos poderes. Ao entrarmos neste mundo físico, esses poderes se eclipsaram. Mas, como são poderes do espírito, eles continuam presentes em nós. Você, realmente, pensa assim?

- Transformar água em vinho, curar todos os tipos de enfermidades, levitar sobre as águas do mar, acalmar os ventos e as ondas revoltas, prever o futuro, ter a percepção de que pode existir moeda de ouro na barriga de um peixe, ler a mente dos interlocutores, trazer um morto de volta à vida, encher as redes de peixes ou multiplicar pães para alimentar a multidão são alguns dos poderes que aquele menino demonstrou ter desenvolvido depois que passou pelo Egito.

- Poderes mágicos, com certeza. Todos nós éramos possuidores deles no mundo de onde viemos, mas nós os perdemos ao ingressar neste plano da existência. Estou certo?

- Como espírito, você terá que se reduzir a um ponto luminoso e penetrar no interior da matéria. Assim poderá atuar sobre sua transformação. Lá, você agirá sobre células, moléculas e sobre os próprios átomos de que tudo é feito. Agindo com amparo daquela energia que perpassa todo o universo, você realizará fenômenos em favor das pessoas.

- É só dizer “abracadabra” e pronto.

- Como nas historietas infantis, não é mesmo? Mas estamos falando de coisas mais sérias. Você tem uma glândula na cabeça que os antigos andaram suspeitando que fosse quase mágica.

- Glândula mágica?

- A glândula pineal é uma bolinha preciosa que fica debaixo do seu cérebro. Ela

não é mágica. É só uma glândula de muitas funções no corpo. Mas poderá ser como aquele piano à espera da pianista. Você tem que aprender como executar uma sonata para que ela funcione. É através dessa glândula que o espírito humano se torna poderoso o suficiente para agir sobre a matéria e sobre as mentes de forma quase mágica.

- Já fui instruído a respeito da pineal. Preciso conhecer essa bolinha preciosa que os antigos egípcios conheciam como olho de Hórus e que os orientais chamam de terceiro olho.

- Exatamente. A ânsia que a humanidade tem de recuperar os poderes perdidos parece uma saudade do paraíso. Ao longo de toda a História da humanidade encontramos referências a pessoas dotadas de superpoderes. Hércules, Moisés, Sansão, Daniel, Elias, Eliseu, Superman, Mulher Maravilha, Jaspion sempre encantaram ou encantam crianças e adultos. Lendários ou não, eles demonstram a saudade que temos do mundo onde esses poderes estiveram ao nosso alcance.

- Todos esses super-heróis são apresentados como detentores de poderes fantásticos. Quem os detém, seguramente, é um mago.

- Por isso mesmo, aqueles personagens que deram nome a este velho forte são chamados de magos. São apresentados como detentores de grandes poderes. E vieram, visitaram, ofertaram seus presentes e encaminharam o menino para o lugar do mundo antigo mais adequado para alguém desenvolver os poderes eclipsados no momento da encarnação.

- E essa criança é alegórica, imagino. Ela significa cada ser humano. Os magos seriam promessa de um novo tempo. Certo?

- Acho que você entendeu, meu caro.

- Mas, afinal, o que é que uma pessoa como você, com essa cabeça bem formada, celebrou ontem na festividade natalina?

- Aquela é uma oportunidade de se celebrar o momento supremo em que a sabedoria divina concebe o universo. O universo é o filho primogênito do criador. Ele é ungido pela presença do grande espírito. Partindo desse ato fecundo, celebrei também o nascimento da humanidade, que vem a ser a comunidade pensante capaz de dialogar com o grande mago celeste, estabelecendo uma relação amorosa pai-filho. Mais uma riqueza eu celebrei ali. Quanto mais nos aproximamos do centro de um círculo, mais nos aproximamos um do outro. Naquele momento, alimentei todos os mais belos sentimentos de fraternidade.

Ouvir a bela Diana falar é inebriante. As ideias são fantásticas e me levam a um mundo muito distante da mesquinhez do dia a dia. Linda, inteligente, sensual ela bem que é. Mas está muito acima da banalidade mundana. Cobiçá-la? Sim, qualquer um haverá de cobiçar. Mas parece que uma onda de energia cósmica me envolve quando estou junto com ela e passo a viver nas alturas.

O tempo passou. Momentos de diversão e aprendizado se repetiram. Tudo foi um presente que poucas pessoas sonhariam receber. O adeus foi comovente. Senti lágrimas nos olhos. Amei ver os olhos úmidos de Diana me abraçando forte. A riqueza espiritual daquela garota encheu meu o coração. Parti encantado.

**XI.**

## **O iconoclasta**

Havia um envelope na caixa de correio. Abri, pensando em Diana. Li várias vezes. O papel “couché” tinha letras trabalhadas. Eu me perguntava como uma pessoa consegue alçar voo tão alto em busca da verdade. Naquela folha azulada estava escrito:

Amigo

Obrigada pelo inesquecível encontro de Natal. Agora, chegou o momento de dar um novo passo. Residindo no universo, você há de se encantar com muitas maravilhas que pareciam ocultas. Entenderá que o único livro escrito pelo criador é a imensidão cósmica. Aprenda a ler o que está escrito nas estrelas, nas galáxias e nas flores. É através do universo criado que se estabelece o diálogo com o criador.

Veja bem, amigo. Chegou a hora do iconoclasta, do implacável derrubador de imagens. Agora é o tempo em que você deverá superar aquela visão acanhada de universo e despir-se da imagem de um deus ridiculamente pequena criado pela mente humana. Você vai ouvir coisas chocantes, mas necessárias. Preste atenção em tudo que o nosso mestre tem a lhe dizer.

Um beijo

Diana

O mestre me aguardava na Gruta. Era começo de uma noite amena. Meu coração transbordava. Demóstenes percebeu minha felicidade.

- Sente-se, amigo, e relaxe. É bom ter emoções, mas organize suas ideias antes que elas fujam.

- Estou muito alterado, mestre?

- Não, nem um pouco. Todos, ao redor, estão voltados para você, mas isso se deve aos seus lindos olhos.

- Esse é o seu lado brincalhão, mestre?

- Claro que você está chamando a atenção, não percebe?

- Nem notei que havia mais gente aqui dentro.

- Pois a Gruta está cheia, como em todas as sextas-feiras. Mas isso não importa. Conte como foi o passeio de Natal.

- Passeio? Foi uma escola peripatética. Diana me encantou.

- Em todos os sentidos, creio eu.

- Em todos! Essa é a razão de minha euforia.

-Você está no início de uma profunda e necessária transformação.

- Estou?

- Ela passa pela mente e pelo coração. Mas veja, amigo, não se coloca vinho novo em odres velhos. O vinho novo vai rasgar o odre e derramar-se.

- Essa é a metáfora antiga de um grande sábio.

- Sei disso. Inclusive porque ninguém hoje coloca vinho em odres. A metáfora quer dizer que você deve ter uma nova estrutura mental para aguentar o que vai ouvir. Com sua velha estrutura, tudo vai derramar e se perder; Não é qualquer pessoa que pode ouvir o que você vai ouvir.

- Obrigado por confiar em mim.

- Muitas pessoas estão, de tal forma, engessadas em suas estruturas de pensamento que fica difícil para elas erguer a cabeça e respirar novos ares.

- Sei disso. A visão acanhada de universo faz com que ideias também fiquem acanhadas.

- Grande parte da humanidade vive colecionando caricaturas. De tanto olhar para elas, passam a imaginar que a realidade é um conjunto de estatuetas deformadas.

- É verdade.

- As línguas, com todo o seu conjunto de palavras em contínua mutação, as imagens que nos apresentaram durante toda a vida, tudo nos fala de um universo que não existe. Você viajou pela Via Láctea e fora dela. Viu o verdadeiro mundo que os simples mortais ainda não viram.

- Verdade. Não sei se no corpo ou fora do corpo, mas viajei.

- Um dia saberá. Mas pense bem. Desse universo que você teve oportunidade de contemplar, qual é a imagem que está depositada na mente do homem comum? Caricaturas! Até você, mesmo depois de tão fantástica viagem, ainda diz que o sol nasce e que se põe.

- Modo de falar, mestre. Só isso.

- Só mesmo? Você ora olhando para o céu imaginando que Deus está lá em cima, sentado num trono sobre as nuvens. O espaço tem sido explorado através de poderosos telescópios. Nunca foi encontrado um paraíso celeste lá em cima.

- Criações míticas, não é mesmo?

- Você se refere a um ente maligno habitando as profundezas do inferno subterrâneo. Ainda o chama erroneamente de Lúcifer e o toma como um antideus de imenso poder e majestade. O demônio ainda é, para você e para muitos, a personificação do mal absoluto.

- Começo a entender.

- Se você não pensa assim, pelo menos já se cansou de ouvir pessoas referindo-se a abóbadas celestes superpostas habitadas por anjos e santos prostrados ao redor de um trono divino. Você ainda ora pedindo aos santos para apresentarem a Deus seus pedidos. Você ainda concebe Deus como um ser humano melhorado. Seria poderoso, com imensas qualidades, mas também com defeitos humanos. Ele vai atender ou não os pedidos. Nessas cabeças limitadas o paraíso celeste funciona tal qual um departamento governamental. Caberá aos nossos mediadores o papel de comover o governante do universo para que ele conceda seus favores.

- Realmente.

- E temos lá em cima um deus policial, juiz, carrasco, movido por fraquezas humanas. Temos ali também um ser bonzinho pronto para suprir nossas carências afetivas.

- Acho que tive o privilégio de superar essa visão acanhada de universo e de não

adorar mais esses deuses ridiculamente pequenos das religiões.

- Privilégio é a palavra. Há quem imagine Deus enviando anjos para se comunicarem conosco, trazendo revelações maravilhosas. Há quem creia em coros angélicos vivendo sobre nossas cabeças num contínuo fluxo de leva e traz entre céu e Terra. Há quem creia até mesmo em anjo reprodutor fecundando virgens.

- Sem dúvida, existem pessoas que pensam assim.

- Os medievais acreditavam em íncubos e súcubos transando com monjas e monges nos mosteiros. Era o diabo fazendo-os cometer o pecado da carne.

- Já ouvi falar disso. Ridículo, não é mesmo?

- Você, talvez, ainda imagine que os falecidos seres humanos virem fantasmas felizes ou infelizes partindo para cima ou para baixo numa grosseira localização dos destinos dos espíritos.

- Humhum

- Mesmo após tantas descobertas que nos mostram a Terra como um ponto minúsculo da galáxia, ainda há quem imagina que ela é uma plataforma imensa posta no meio do espaço, com o céu por cima e que o Homem seja o centro de todo o universo.

- Concordo. Isso é coisa estruturada dentro de todos nós com a força de mitos consagrados.

- Importa entender que tudo isso é uma grosseira caricatura da grande realidade e, pior ainda, do Grande Espírito que nos criou.

- A propósito, mestre, sem querer interrompê-lo, preciso dizer que hoje recebi um texto escrito pela Diana.

- Seguramente enviou um grande beijo.

- O mestre está sabendo demais.

- Ela tem um carinho muito especial por você.

- Eu tenho outro maior ainda por ela. Mas, depois daquele texto, meu carinho misturou-se a uma profunda admiração.

- Conheço o texto. Ele foi longamente trabalhado nas altas esferas da fraternidade.

- Fraternidade?

- Sim. Você, um dia, haverá de conhecer melhor essa fraternidade. Por ora, o que importa é que assimile bem essas ideias.

- Estou atento, mestre.

- Então, veja mais isto.

Demóstenes fez, a essa altura, um exame crítico do cerne da doutrina cristã. Ouvi atentamente sem interrompê-lo. Ele começou afirmando que toda a doutrina cristã origina-se do mito mal lido e mal interpretado do pecado original. Aquela queda alegórica escrita para significar a limitação imposta ao espírito quando ele assume um corpo material, foi lida ao pé da letra. Ganhou “status” de evento histórico. As conclusões tiradas do suposto evento vieram compor um imenso acervo de afirmações aptas a desfigurar a verdade. Deus foi transformado num juiz injusto que condena a humanidade pela suposta desobediência cometida por um casal de primatas. Não importa que o suposto fato tenha ocorrido há milhões de anos. Não importa que nenhum juiz justo condenaria filhos pelos crimes dos pais. Esse juiz divino não só comete essa iniquidade, mas ainda torna infames todos os descendentes daquele comedor de fruto proibido. Porém, muito bonzinho, esse deus decide enviar seu filho para redimir os condenados. O filho desce do alto, assume forma humana e chega sutilmente a este mundo. Para aplacar a ira divina, ele tem que morrer de forma cruel numa cruz. O filho condenado procede como se fosse um bode expiatório que paga pelo pecado que não é seu. O impiedoso deus sente prazer em ver seu filho sofrendo aquela maldade brutal, planejada para aplacar sua ira. Trata-se de uma doutrina chocante que, entre outras consequências, agride o próprio conceito de monoteísmo. A unidade divina é quebrada dando lugar a diferentes pessoas. Uma pessoa é o pai, que permanece lá em cima, a outra é o filho que percorre as estradas do mundo. Mais ainda, para estabelecer equilíbrio dentro da visão cabalística em que três é considerado o número da perfeição divina, cria-se uma terceira pessoa. Ela não é o pai irado nem o filho redentor. Ela é só um genérico espírito santo. O episódio sadomasoquista da crucificação aplaca a ira do pai. Declara-se, então, que a humanidade está salva por causa do heroico

sacrifício cruento praticado sobre a cruz. Mas, veja você. O que se esperava do importante ato heroico é que o paraíso terrestre fosse recuperado e que não houvesse mais dor, ignorância e morte. O mundo inteiro haveria de voltar a ser um paraíso terrestre onde imperasse a felicidade. Isso, porém, não ocorreu. O paraíso não se recuperou e a humanidade continuou mergulhada na dor, na ignorância e condenada à morte. A pena não foi revogada mesmo após o perdão do crime. Alguém pergunta, então. Aquele sacrifício da cruz redimiu quem de quê? A resposta vem poderosa. A humanidade foi redimida de seu pecado original, mas a felicidade só será recuperada do outro lado da vida. Quando você morrer e ressuscitar viverá para sempre num paraíso celeste. Que perdão foi esse, meu amigo? Nenhum perdão existiu porque nenhum pecado ocorreu e ninguém haveria de pagar pelo crime imaginário de um fictício casal de primatas desobedientes. Todos os demais dogmas cristãos são derivados dessa ficção. Ao longo de séculos um imenso castelo de dogmas foi construído sobre a areia movediça de um mito mal interpretado.

As palavras do mestre pairavam no ar como se não houvessem ouvidos que as quisessem ouvir. Entendi que, realmente, não é qualquer pessoa que pode ouvir certas verdades. Temos que respeitar o nível de evolução de cada ser humano e toda a sua estrutura mental. Concluí que é preciso colocar o vinho novo dentro de odres novos. Eu mesmo via desmoronar-se diante de mim um imenso castelo construído durante vinte séculos. Entretanto, não havia uma única palavra do mestre que pudesse ser apagada. Naquele momento, tive certeza de uma coisa. O cristianismo precisa desfazer-se de todo um imenso entulho dogmático se quiser dialogar com o mundo inaugurado na entrada de uma nova era. Suas mentes mais sábias têm a difícil tarefa de pinçar, nas ruínas de um castelo desmoronado, os tesouros de sabedoria que, por certo, ainda existem e devem ser resgatados.

Demóstenes tinha aparência cansada, mas estava feliz por ter dito o que precisava ser dito. Sorridente e silencioso, tomou sua última taça de vinho, levantou-se e disse que precisava repousar.

## XII.

### **Verônica, a verdadeira imagem**

O mundo continuou girando. Girava também meu cérebro. Perguntas pairavam no ar. Não havia respostas. Alguém disse que uma boa pergunta vale mais que muitas respostas prontas. Jaziam livros por ali. Alguns eu reputava sagrados. Qual seria a leitura correta de cada um? A comunidade cristã em que fui educado sempre deu ênfase à figura de um misterioso homem Deus, baixado dos céus para nos salvar. Agora, eu via que tal figura persiste apenas entre as caricaturas do criador. Vivi dias de conflito. Nunca desejei tanto uma sexta-feira. Precisava rever meu mestre.

A Gruta estava cheia como sempre. Era um ambiente seletivo. Pessoas falavam em tom de voz suave. Havia música ambiente. Era repertório de bom gosto. Fui até à mesa do mestre. Fiquei frustrado. Demóstenes não estava lá. Mais que isso, a mesa estava ocupada. Olhei em volta. Caminhei em círculos. Nada vi que me acalmasse. Voltei à mesa. Ali estava apenas uma pessoa. Não me parecia gente conhecida, mas um sorriso apaixonante brotou das profundezas de uma jovem. Ela olhava fixamente para mim com olhos muito verdes e brilhantes.

- Por favor, cavalheiro, o senhor se importaria de me fazer companhia por uma noite?

Subi ao terceiro céu, mesmo sabendo que ele não existe. A jovem tinha longos cabelos castanhos e ondulados trabalhados com mechas douradas. O sorriso era de marfim. Não quero cair num lugar comum ao dizer que os lábios eram de rubi, mas eles eram. Vestia um traje longo de cor dourada. Tudo nela era nobre e elegante. O convite permaneceu no ar e eu estava imóvel.

- Devo renovar o convite, meu navegante de outros mares?

- Verônica?

Meu bom Zeus! Era ela. A mesma garota que cantava nas procissões da semana santa pelas ruas de minha juventude: “O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus”. A cantora tinha nas mãos uma toalha branca que usara para enxugar o rosto de Jesus durante aquela peça sacra. Na toalha ficara impressa a imagem dele que ela exibia ao público. Mesmo quando meu latim ainda era de iniciante, eu entendia o que a mocinha cantava: “Ó vós todos que andais pela via, atentai e vede se existe dor semelhante à minha”. Tudo era feito segundo as mais antigas tradições cristãs. E os fiéis se comoviam, choravam e se arrependiam de seus pecados. Cada pecador penitente entendia que ele era o causador do sofrimento de Jesus. Aquela mocinha de origem judaica cresceu, tornou-se minha companheira de viagem pelo Oriente Médio. Com ela visitei Jerusalém, Belém e outros tantos lugares daquela que eu chamava de Terra Santa.

- Vou aí ajudar você a sentar-se, meu querido.

Não há como medir o tamanho, a intensidade e a duração do abraço que nos uniu. Amizade, amor, admiração, respeito, identificação, tudo junto não basta para descrever o que sentimos naquele instante, que queríamos infinito. Havia lágrimas nos olhos. Eram gotas preciosas de felicidade. Aquele também foi um pingão de eternidade.

- O mestre me pediu que o representasse hoje neste encontro.

- Ele é um homem fantástico. Só não entendo como conseguiu juntar minhas melhores amigas, guardá-las por tantos anos e não deixar que o tempo desfigurasse a beleza de vocês. Você está linda como nunca.

- Obrigada. Um dia você entenderá certas coisas. Ele mandou este bilhetinho para você.

Pedi um “champagne” legítimo para celebrar. Verônica sorria feliz. Ao som de uma valsa, nós dançamos como num palácio de Viena. Um imperador estava por ali dançando ao som de sua valsa. O corpo aconchegante de Verônica me trazia paz, carinho e segurança. Sentado, decidi ler o bilhete.

Amigo

Sei que você está feliz por ter reencontrado mais uma das amigas de outrora. Certamente ela vai fazer você se esquecer de mim. Mas o momento seu com Verônica vai durar alguns dias. Seu hotel está reservado em Copacabana. Hoje mesmo quero que esteja lá. Um carro espera por vocês na porta da Gruta. Nossa amiga vai traçar as coordenadas.

Abraços

Demóstenes

O motorista uniformizado cumprimentou-nos sem fazer perguntas. Deixou-nos

no aeroporto. Muito simpático, desejou-nos boa viagem. O pequeno jato já nos esperava. Pousou no aeroporto Santos Dumont. Chegamos rapidamente ao hotel onde éramos aguardados. Um jantar foi servido. Verônica me deu boa noite, dirigindo-se para sua suíte.

Eu já deveria estar acostumado a essas surpresas todas com que a vida me brindava. Entretanto, confesso que não conseguia processar todos aqueles dados. Tudo que achei dentro do cérebro sonolento foi a palavra mistério. Mistério não tem explicação. Reagir como? Do jeito que estava reagindo, ou seja, deixando acontecer. Alguém já me dissera: “a seu tempo, você entenderá tudo.”

Pensei que a programação daquele sábado seria um dia inteiro de instrução, debate, aprendizagem. Verônica me buscou bem cedo e já veio trajando uma elegante saída de praia.

- Pensou que iria ter moleza? Esta manhã você vai malhar um pouco para torneir o abdômen e tirar esse pneuzinho ao redor da cintura. Precisa também diminuir as toxinas. Nosso lema é antigo: “Mens sana in corpore sano.”

Meu rosto se iluminou e senti que aquele era um grande momento para conhecer melhor aquela garota muito especial. Já percorri muitas regiões praieiras pelo mundo. Não exagero ao dizer que Copacabana é a melhor e mais linda praia que já vi. Vendo o imenso areal e as ondas generosas, eu cantarolava uma bela canção sem que Verônica me ouvisse.

“Existem praias tão lindas, cheias de luz

Nenhuma tem os encantos que tu possuis

Tuas areias, teu sol tão lindo,

Tuas sereias sempre sorrindo”.

E as sereias sorriam de felicidade. Eram centenas delas pondo à mostra amostras de uma beleza íntima. Eu me orgulhava de ter ao meu lado a mais bela de todas. O mar em Copacabana é sempre jovem. Agita-se num ritmo contínuo banhando os mais diferentes corpos, que ele recebe sem discriminação. Contemplar o espetáculo é, por si só, um grande prazer, mas entrar no cenário e desempenhar papel de turista vale o esforço. Peguei ondas, nadei, saltei, dei cambalhotas e me agitei o quanto pude e enquanto tinha gás para isso. Minha companheira da cor do bronze também se agitava. Sempre dava sonoras gargalhadas quando as ondas a levavam. Nossos olhares se cruzavam o tempo todo. Não perdíamos a oportunidade de apreciar as acrobacias mútuas. Verônica saiu das águas lentamente, nobremente. Eu me permiti imaginar Iemanjá, a Vênus do Brasil, surgindo poderosa das águas num desfile de rainha do mar.

Demos uma boa caminhada pela orla fitando o mar e as paisagens ao longe. Reidratamos o corpo suado e cansado para nos deitarmos à sombra de uma barraca de praia. Falávamos pouco e pensávamos muito. De repente, senti que Verônica estava cantarolando baixinho:

“Copacabana, princesinha do mar

Pelas manhãs, tu és a vida a cantar

E à tardinha o sol poente

Deixa sempre uma saudade na gente”.

Eu tinha certeza que ela não me ouvira cantar a primeira parte dessa composição de Alberto Ribeiro. Agora, ela cantarolava a segunda parte. Perguntei se ela sempre praticava telepatia. Ela sorriu meiga e inteligente.

- Também acho linda essa música que Tom Jobim retrabalhou tão bem em ritmo de Bossa Nova. Mas, agora, tente bronzear de leve essa pele branca com jeito de macarrão sem tempero.

- Você já nasceu bronzeada, querida. Não fez qualquer esforço para ganhar essa tonalidade. Agora, fica aí tirando onda.

- Quem pode pode, disse ela rindo. Mas é bom se apressar. Agora mesmo temos que deixar este paraíso e partir para a programação do resto do dia.

- Logo agora que o clima ficou bom a gente tem que ir?

- O clima vai ser sempre muito bom. Prometo. Mas o mestre deixou uma tarefa para você desempenhar ainda hoje no Corcovado.

- Tinha que ser ele.

Fitei mais uma vez de longe o carinho das grandes ondas embalando as belezas e as devolvendo com cuidado às areias sobre uma longa linha tortuosa de espuma branca. Naquele momento entendi por que o poeta cantou com muita inspiração: “Copacabana, esta semana, o mar sou eu.” Belchior cresceu, ficou do tamanho daquelas ondas e se sentiu embalando aquelas sereias, obras primas da natureza. Decidi que seria mesmo uma boa ideia ser aquele mar. Forte e carinhoso, ele passa os dias abraçando e beijando belezas do mundo inteiro em suas ondas aconchegantes. Mas tínhamos que partir

- Vamos, minha amiga. O dever nos chama.

Sempre gostei do apetite depois de algumas horas matinais de praia. E o cansaço dos músculos pouco acostumados às agitações e às ondas chega a ser gostoso. Mas o corpo inteiro pedia relaxamento. Após matar a fome devoradora, relaxei ao lado de Verônica até o momento em que ela me despertou. Afinal, ela estava encarregada de traçar as coordenadas.

O mundo inteiro conhece o Corcovado, essa corcova de montanha apontando para o céu. O Cristo, de braços amplamente abertos, é um dos mais famosos postais do Rio. A mais bela cidade do mundo penetra nas reentrâncias das montanhas, circula a linda lagoa, margeia a grande baía e vai seduzir o oceano mais além. O lindo cenário produz uma perfeita harmonia entre criação do homem e algumas das mais lindas dádivas da natureza. Toda essa maravilha eu pude contemplar ali do alto ao entardecer daquele sábado. Depois de uma boa hora contemplando esse postal feito de montanhas, mar e cidade, Verônica me chamou para nos sentarmos diante da grande estátua a uma distância que nos permitisse contemplar o conjunto do monumento. Ela não trazia qualquer carta de Demóstenes. Pegou um “tablet”, ligou-o e disse:

- O mestre preferiu gravar sua mensagem. Dessa forma, você poderá ouvir cada

palavra e continuar fitando esse fantástico trabalho artístico.

- Foi uma boa ideia. Estou curioso. Vamos ao texto.

Amigo, vamos meditar por partes. Cada parte tem um número. Repita cada bloco quantas vezes achar necessário.

1) Você está diante de uma alegoria de cimento. A estátua do Cristo tem um significado captado pelos olhos e outro que os olhos não captam. Vamos tentar resgatar aquele significado oculto. Com todo respeito, retire mentalmente a cabeça do Cristo. Lá ficará, apenas, o corpo em forma de T. No Egito antigo, em vez de cabeça, esse T recebia uma figura elíptica em forma de chama. Ela significava a descida do espírito para assumir um corpo. O conjunto levava o nome de ankh, termo que quer dizer vida. A cruz egípcia da vida era diferente da cruz cristã da morte. Esta ostenta um homem sofrendor, agonizante, com cravos nas mãos e nos pés. Mesmo sem aquela chama, mas com a cabeça encimando o imenso corpo, a estátua do Corcovado fala de vida e não de morte. Aquele é o homem novo vivenciando promessas de vida plena. Tal como qualquer um de nós, ele representa um espírito fazendo experiência humana.

2) A conhecida narrativa nos fala de um filho do homem pregando a lei do amor e anunciando a boa nova. Sua doutrina é um conjunto de reflexões sapienciais operadas pelos judeus da antiga diáspora. Milhares de judeus helenizados de Alexandria pretendiam salvar o judaísmo místico quando o judaísmo político-racial estava ameaçado. O belo personagem prometia um mundo paradisíaco entendido como reino do céu, longe da dor, das doenças, da miséria e da morte. Com maravilhas operadas, ele confirmava a veracidade de sua doutrina. O ser humano resgataria todos os superpoderes perdidos no momento da encarnação, entendida como expulsão do paraíso.

3) A bela narrativa repassa momentos da vida de todo ser humano. Ele nasce impotente, cresce aprendendo, resgata seus poderes e manifesta sua presença. É perseguido e morto. Renasce para uma vida nova. No contexto dessa forte alegoria, o governador romano o apresenta ao público dizendo: eis o homem. O redator queria significar eis o ser humano. O verdadeiro significado daquela narrativa é que nesse personagem está toda a humanidade. Ali está cada ser humano. Ali estou eu. Ali está você. Somos todos espíritos fazendo experiência humana numa caminhada terrestre.

4) Cristo é todo o universo unguido pela palavra criadora. O grande espírito derrama-se no inteiro espaço cósmico. Ele está em cada átomo, em cada molécula, em cada célula de um ser vivente. Há bilhões de comunidades humanas por aí, nas profundezas do universo. O poderoso espírito criador não se limitaria a dialogar apenas com os humanoides deste planeta. Muito menos haveria de entregar um suposto filho com face humana ao sacrifício macabro de uma cruz, como faria o deus Moloc, apenas para ter sua ira aplacada.

5) Amigo, o lindo personagem que está à sua frente na verdade é você, é toda a humanidade, é o coral vivo de todas as comunidades pensantes que habitam o cosmo adorando o único e verdadeiro Deus, que você também adora. Agora, vá até aquela estátua, suba os degraus, volte-se para a imensidão, abra os braços e cante com o poeta: “No Corcovado quem abre os braços sou eu.”.

Verônica nada falou durante aquela instrução. Voltou a gravação algumas vezes, sempre que eu pedi para ouvir de novo a sábia e ponderada voz do meu mestre. Depois da tarefa daquela noite, ainda permanecemos ali sentados e abraçados por muito tempo. Era o tempo que eu precisava para processar meus sentimentos confusos. Diante dos meus olhos havia um panorama totalmente novo em termos de concepção teológica ou mística. Ali estava um homem que era a humanidade, que era eu, que era o Cristo. Ao meu lado havia um monumento de mulher. Delicada, bem torneada, ela cresceu aos meus olhos e dentro de mim. Abriu seu coração mais que seus braços desafiando minha compreensão. Quem seria ela? Como deveria ser amada? O hotel nos aguardava. Partimos.

## XIII.

### Magos da era espacial

Pela manhã, Copacabana é mesmo a vida a cantar. Se a manhã é domingo, a vida desfila beleza sem falso pudor. É o frescor lascivo do ambiente praieiro. Verônica convidou-me para uma vista panorâmica da cidade maravilhosa. Fui. Um helicóptero faz o giro a partir da Pedra da Urca. Éramos dois turistas pegando o bondinho na Praia Vermelha. O heliponto da Urca, cavado na rocha, sugere aventura. O trajeto inclui um giro ao redor do Corcovado. Naquele momento, resgatei toda a instrução da véspera. Eu remoía cada palavra do mestre enquanto observava a paisagem. Verônica via a paisagem enquanto me observava. Ela saboreava as minhas reações. Eu saboreava a ilusão de ser flertado por aquele par de esmeraldas. O passeio aéreo inesquecível terminou depois de um longo giro pela orla.

Da Urca era natural que subíssemos o Pão de Açúcar. Naquelas alturas, eu me sentei numa pedra estratégica. Queria fixar nas retinas a linda paisagem a meus pés. Sentia-me um faraó conferindo seus domínios. Minha mente ansiosa perguntava o que minha Nefertíti estava preparando para depois do passeio. Tudo nela era medido e calculado. Calculado e medido era também cada traço de seu perfil. O plano era voltarmos àquela mesma praia da véspera e desfrutar as delícias de um final de manhã entre as ondas.

Ao cair da tarde, quando o “sol poente deixa aquela saudade na gente”, fomos para o terraço do hotel apreciar delicados petiscos. O local era tranquilo e discreto. Pareceu-me um bom lugar para mais uma instrução. Minha mestra iniciou sua fala.

- Vejo que você anda um pouco atordoado com as instruções que vem recebendo.

- Você notou?

- Nenhuma reação sua me escapa. Sou obrigada a dosar cada gota para não afogar você.

- Tenho boa capacidade de assimilação e uma sede imensa de aprender.

- Se não tivesse, logo saberíamos. Então vamos ao assunto de hoje.

- Estou curioso.

- Foi-lhe apresentado um panorama da verdadeira dimensão do universo. A viagem astral que você fez deve ter esvaziado sua cabeça de toda aquela visão extremamente acanhada do universo. Você deixou de enxergar o céu tal qual o ser humano comum costuma enxergar.

- Com certeza. Foi algo misterioso e real. Se fiz a viagem no corpo ou fora do corpo ainda não sei.

- Juntamente com a visão de universo foi-lhe apresentada a visão de um Deus acima e além da banalidade das religiões. Você viu também o lado ridículo de muitas caricaturas da divindade. Sentiu que é forçoso superar visões tão primitivas.

- Visão acanhada de universo e presença de deuses ridiculamente pequenos, isso é mesmo necessário superar.

- Também a visão do ser humano como criatura insignificante palmilhando um planeta considerado vale de lágrimas é algo que deve ser superado. Você sempre foi forçado a considerar o ser humano como um pecador, culpado de um suposto crime cometido por um casal de primatas. Todo um arcabouço teológico foi construído em cima desse chão arenoso. Tudo isso você deve limpar de sua cabeça.

- Maravilhoso será fazer essa limpeza total. Mas é difícil para um pobre cristão como eu conseguir varrer todo o entulho dogmático oriundo dessa visão negativa e maniqueísta em que fui criado.

- Se é entulho, por que guardar? Alguma coisa você poderia, quem sabe, reciclar.

- É o que penso hoje. Mas é tão difícil quanto livrar-se de vícios arraigados.

- Verdade. Mas você vai voar alto, muito mais alto, ao livrar-se desse excesso de bagagem. Hoje, porém, estou pensando nas árvores do paraíso.

- Árvores do paraíso? São meros mitos.

- São elementos de uma alegoria que pretende nos transmitir ensinamentos condensados em pílulas. O sabor e a consistência das pílulas pouco importam. Importam os efeitos que produzem no organismo.

- Vamos lá. A primeira foi a árvore do conhecimento.

- Comer seu fruto significa a aquisição da racionalidade, o salto qualitativo no processo da evolução. Esse valor nos diferencia dos outros animais. Aquela pianista deu voz ao piano e ali foi executado um lindo recital. Da mesma forma, o espírito assume o corpo e nele executa maravilhas. A racionalidade acionada colocou o Homem na posse de todo um conjunto de conhecimentos que as enciclopédias não conseguem condensar. Na ciência, nas artes, na tecnologia, nos equipamentos de todo tipo, na organização social, nos mais diversos setores da existência, o Homem faz uso do que adquiriu ao comer o fruto simbólico da árvore do conhecimento. Confeccionou máquinas voadoras e aprendeu a voar pelo espaço em busca do infinito. Mas, através da racionalidade, aprendeu também que existe morte e sofrimento. Aprendeu que sua vida no planeta é limitada pelo tempo. Passou a contar o tempo feito de movimentos. Nenhum outro animal conseguiu chegar a esse ponto em sua evolução.

- Fantástica é sua interpretação do velho mito. Mas havia também a árvore da vida cujo fruto o Homem foi impedido de comer. Se comesse alcançaria a imortalidade.

- Certo. É a segunda parte do mito. Essa é a alegórica árvore da vida cujo fruto você tem de comer para alcançar uma etapa superior na sua evolução.

- Comer esse fruto simbólico? Nunca ouvi falar dessa possibilidade. Aquela era uma árvore misteriosa que a mitológica divindade protegia com ciúmes.

- Comendo daquele fruto, você vai despertar lá nas suas profundezas todas as potencialidades trazidas pelo espírito, mas atrofiadas quando assumiu um corpo.

Tais poderes foram eclipsados pela racionalidade e deverão ser resgatados pela intuição.

- Poderes?

- Este é um sonho alimentado pela humanidade de todos os tempos e de todos os lugares. De Hércules, na Grécia antiga, até os tipos todos de super-homem e de mulher maravilha, o ser humano vem sonhando com alguém dotado de poderes acima do normal. O sonho passa por preciosos personagens bíblicos tais como Moisés usando seu cajado mágico, Temos ainda Sansão com sua força extraordinária depositada nos cabelos longos e os profetas prevendo o futuro e curando doenças. Seria difícil elencar todos os fantásticos vultos reais ou ficcionais presentes na mente humana e representando alguém com poderes mirabolantes. Não podemos nos esquecer da figura de um velhinho carinhoso e cheio de magia distribuindo presentes para as crianças por ocasião do Natal. Como é querido e amado o belo Papai Noel! Lendas antigas e filmes modernos insistem em mostrar aos seres humano a existência desses poderes em diferentes eldorados à espera de serem liberados e postos em ação. .

- Minha infância foi povoada de seres fantásticos. Penso que despertar essa curiosidade na criança é algo que sempre divertiu o mundo adulto.

- Faça um levantamento dos livros mais lidos pelo ser humano ao longo dos séculos. Vai descobrir que são aqueles que falam da existência de superpoderes e de seres que os detêm. E a Bíblia ocupa o primeiro lugar por causa de suas narrativas de poderes mágicos. Eu me pergunto se o prazer que temos em criar, para crianças, personagens dotados de poderes mágicos não esconde algo. Será que esconde nossa intuição? Não estaríamos alimentando a esperança de ver surgir entre nós ou mesmo dentro de nós um ser semelhante ao super-herói ficcional?

- Surpreendente é sua afirmação, minha querida.

- Não afirmei. Apenas me perguntei. Porém, releia os evangelhos. O que é que você encontra em suas páginas?

- O vulto de um taumaturgo realizando dezenas de milagres e curas de grande variedade de enfermidades.

- Sim. Além, disso, transforma água em vinho, caminha sobre as águas do lago, acalma a tempestade, provoca uma pesca milagrosa, multiplica pães e peixes e prega o reino do céu.

- É verdade.

- Os belos textos devem ser lidos como alegóricos, mas há uma bela mensagem embutida. A promessa do reino do céu é coisa sólida sobre que você deve pensar.

- Como assim?

- Aquele belo mestre disse: O reino do céu está dentro de vós.

- Dentro?

- Dentro do ser humano. Basta que aprendamos a liberar essa potencialidade e todos nós passaremos a ser super-homens e mulheres maravilha. Diz o texto de Mateus que o Batista mandou perguntar ao mestre: “És tu quem há de vir ou temos que esperar por outro?” Ele respondeu: “Ide anunciar ao João o que ouvís e vedes. Os cegos enxergam, os paraplégicos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres recebem a boa notícia.” O que foi pregado há dois mil anos é o que está contido ali. Um mundo novo deve acontecer no momento em que for extirpado da terra todo tipo de doença, dor, miséria e até a morte. Acontecerá aqui o que já vem acontecendo em muitos planetas espalhados pelo universo, ou seja, nos céus. Esse é o anseio da humanidade. Ela sonha com um novo mundo onde viverá o novo homem.

- E tudo isso está dentro de cada ser humano, bastando que venha a despertar suas potencialidades adormecidas. É o que você está dizendo?

- A consciência é uma bela adormecida que não se acorda com um simples beijo de qualquer príncipe encantado. Foi necessário um salto qualitativo para que o ser humano alcançasse a sua racionalidade. Outro salto há de ser dado para que ele desperte os poderes da intuição.

- Intuição?

- Afeito a coisas linguísticas, você entende muito bem a palavra. Trata-se de um termo composto de “intu + ire”, ou seja, ir lá dentro. Quando você se sentiu um ponto luminoso penetrando no interior do seu próprio corpo, você praticou intuição.

- Verdade. Enxerguei com clareza o interior de um átomo e a estrutura de uma molécula. Entendi a formação das células que compõem meu corpo. Vi o funcionamento dos órgãos internos e percorri todo o meu corpo partindo do dedo

mínimo do pé até o cérebro. Não perdi de vista o olho de Hórus ou a glândula pineal.

- Aquele não foi um mero passeio. Saiba, agora, que você pode tomar essa forma de ponto luminoso sempre que pretender ajudar as pessoas. Você conseguirá restaurar tecidos rompidos e curar doenças implantadas. Naquele momento, você conseguirá liberar sua energia de taumaturgo para curar qualquer doença. Cegos vão enxergar, surdos vão ouvir, paraplégicos vão andar. Você poderá penetrar no interior de seus órgãos e impedir o envelhecimento. Procederá à renovação constante de cada célula.

- É uma longa caminhada. Milhões de pessoas têm tentado dominar essa energia. Algumas conseguiram alcançar sucesso sem esforço. Mas tudo parece que provém daquela certeza de que os poderes estão dentro de nós e não são algo que vamos buscar no infinito.

- Do infinito viemos nós e trouxemos esses poderes conosco. Importa, agora, que alcancemos a consciência cósmica. Precisamos ser conscientes de que damos vida e voz à matéria bruta em que estamos encarnados. Participamos da mesma energia que movimenta as galáxias e conduz o concerto dos astros na imensidão cósmica. Consciência cósmica significa convencermos-nos de que participamos desse imenso poder.

- Você fala de coisas difíceis de se conseguir como se estivessem ali, à nossa mão.

- E estão. Elas permanecem tão perto de você que se encontram lá dentro. Vá buscar tudo isso nas suas próprias profundezas. Quer um exemplo de tomada dessa consciência?

- Claro!

- Pegue um pão comum que você consome no café da manhã. Percorra lentamente o longo caminho que aquele alimento percorreu até chegar às suas mãos.

- Estou imaginando.

- Uma semente de trigo foi lançada ao solo. No silêncio do seio fecundo da terra, ela buscou as energias telúricas. As energias foram depositadas ali pela palavra criadora. A semente germinou. Deu vida a uma plantinha tenra. A planta recebeu água e calor para crescer e frutificar. Deu espigas. As espigas cresceram e amadureceram. Foram colhidas. O agricultor enviou-as para serem debulhadas. Os grãos foram colhidos e pilados. O trigo foi triturado. a farinha resultante foi enviada à padaria através de uma cadeia comercial. Na linguagem do poeta, nela foi forjado o milagre do pão.

- Isso é tão poético quanto místico.

- É extremamente realista. Também a semente de uva colheu energia cósmica no ventre da terra mãe. Brotou. Cresceu e formou uma parreira cheia de cachos. Os bagos de uva foram colhidos e amassados. Deles colheu-se o caldo para ser fermentado. Surgiu o vinho. Percorra mentalmente o longo caminho que essa bebida milagrosa percorreu até encher a sua taça.

- É uma equipe muito grande que está disponibilizando pão e vinho para a minha

mesa.

- Mais que isso. Aquelas pessoas estão disponibilizando a energia cósmica para você. Tome o seu vinho e coma o seu pão. Você estará sorvendo neles a mesma energia que construiu o universo e que move as galáxias. Nessa hora, ouça a palavra criadora que continua vibrando pela imensidão.

- Comer pensando assim é um ato místico e não apenas uma refeição.

- Qualquer pessoa mata a sua fome várias vezes por dia. Mas quando, ao meditar, você detecta a energia que está recebendo, vai entender a palavra do mestre quando disse: Este é o meu corpo e este é o meu sangue. Naquele momento não estava ali um mero ser humano híbrido propondo ser devorado por canibais. Ali estava todo o universo oferecendo as mais sutis e poderosas energias para serem assumidas pelos participantes de um banquete místico. Qualquer alimento, qualquer copo d'água, traz consigo a energia que constrói galáxias.

- É a isso que se dá o nome de refeição sagrada?

- O nome não importa. Importa que se aprenda a haurir aquela energia diariamente. Já houve um sábio que disse: Nada é sagrado e nada é profano, mas é nosso pensamento que define esse conceito.

Olhei para Verônica e me surpreendi. Uma luz misteriosa envolvia o seu rosto. Elegantemente, ela fez cair suas vestes e me mostrou que todo o seu corpo estava luminoso. Fiquei boquiaberto e maravilhado com tanta beleza e luminosidade. Ela ponderou que essa luminosidade é normal em todos os seres

vivos e que se chama aura. Com um simples gesto, ela me deixou nu, fazendo-me ver que eu também emitia uma luz fantástica de cores suaves.

- Enxergar a aura de alguém é uma capacidade que adquirimos com algum exercício. Você começará a perceber o estado de cada pessoa pela visão de sua aura. As cores são diferentes conforme o estado de espírito. Você aprenderá a focar sobre as pessoas um feixe dessa luz que sai de você. Animais, plantas e objetos haverão de se beneficiar desse foco de luz.

Verônica retomou seus trajes com muita nobreza e me fez retomar os meus. Minha imaginação disparou em todas as direções enquanto meu coração saltava inquieto dentro do peito.

- Acalme-se, colega. No mundo que haverá de ser construído sobre este planeta, a nudez nunca será condenada. Nascemos nus e nus partiremos daqui um dia. Os alegóricos habitantes do paraíso terrestre só perceberam sua nudez no momento em que perderam a inocência e alcançaram a racionalidade.

- Vamos readquirir aquela inocência?

- Mitos são mitos e temos que saber lê-los. A vivência do mal traz a nós experiência e, com ela, a redenção guardada no fruto da árvore da vida.

- Ham ham

- Mas voltemos àquela luz de sua aura. Você não precisa enxergá-la para utilizar.

Ela estará em você o tempo todo. Impondo suas mãos sobre alguém, você poderá ajudar essa pessoa.

- Vejo que ainda tenho muito que aprender.

- Do centro de sua testa, entre os dois olhos, você poderá disparar um raio daquela luz com a finalidade que desejar. Essa luz poderá ser concentrada na ponta de seu indicador e você saberá apontá-la na direção desejada.

- Apontar e disparar?

- Sim, mas cuide para só tentar efeitos positivos. Quem pratica o mal recebe também os efeitos negativos.

- Posso usar essa energia para o bem e para o mal?

- É uma energia neutra. Você pode usar suas mãos para ajudar alguém a se levantar, mas poderá também usá-las para estrangular. A figura do mestre é-nos apresentada também condenando uma figueira e fazendo-a secar. Tudo pode ser feito com a energia que reside no interior dos átomos.

- Bem lembrado.

- Você poderá usar essa tremenda arma para se defender, claro. Tudo ocorre na linha dos apelos contidos nos salmos 91 e 23. Vá lá ver um pouquinho do que

seu pensamento energizado é capaz de aprontar.

Verônica finalizou aquela instrução noturna com mais algumas considerações. Referiu-se, finalmente, ao clima que regerá o planeta. Ele desencadeará uma vibração imensa que a todos unirá em nome de uma energia universal chamada amor.

Eu contemplava minha querida amiga e grande mestra sem dizer palavra. Penso que era um êxtase. Ela me despertou convidando para a cama.

## XIV.

### Uma casa de campo

A casa de campo do mestre Demóstenes é obra prima de harmonia. Tecnologia e natureza ali se mesclam com perfeição. Tudo sugere bom gosto. Fiquei à beira da piscina, perdido em pensamentos. Ela foi construída no centro de um gramado de bordas floridas.

Demóstenes se apresentava, ultimamente, como um senhor aparentemente envelhecido. Tinha muito pouco daquela plenitude física que ostentava no tempo em que eu o conheci no meu curso de Filosofia. Naquela manhã, porém, mostrou-se muito diferente. Estava dentro de uma simples sunga rubro-azulada. Saiu da piscina exibindo um físico que eu não conhecia. O corpo era trabalhado ou muito malhado, como diriam os jovens. Não tinha aquelas rugas e gordurinhas localizadas que eu imaginava. Sentou-se à minha frente sorrindo.

Calei-me, cheio de interrogações. Ele ordenou que me mexesse. Eu precisava circular o sangue porque o cérebro iria funcionar muito naquele dia. Era a ordem que eu esperava. Fiz mais de uma hora de alongamento, hidrogenástica, aeróbica e natação, sempre orientado pelo mestre. Ouvíamos uma sequência de músicas apropriadas para o momento e para aquele ambiente bucólico. Depois de um lanche reforçado, Demóstenes propôs que me vestisse. Chamou-me, então, para uma sala bem decorada. Ali teríamos a primeira sessão do dia. Os trabalhos começaram.

- Sei que você está cheio de perguntas. Guarde-as para você. Fatos falam mais do que palavras. Quando se é inteligente, eles bastam.

- Obrigado por me classificar na categoria de inteligente.

- Não penso que você tenha qualquer dúvida a respeito. Agora, veja esta semente.

- De laranja, claro.

- Existe uma laranjeira aí dentro?

- Sim, evidente.

Demóstenes pegou uma faca bem afiada, cortou a semente ao meio, abriu cada camada e me pediu para encontrar a laranjeira ali dentro. Achei muita graça na sua atitude, mas não consegui falar nada. Como, evidentemente, não havia laranjeira ali dentro, ele concluiu.

- Dentro dessa semente não há laranjeira alguma, mas, se você plantar uma semente dessas, regar e esperar o momento certo, verá surgir um broto lá de dentro. Crescendo, vai-se tornar uma bela árvore cheia de frutas deliciosas.

- Isso é verdade.

- O processo se chama devir ou vir a ser. Um pássaro surge de dentro de um ovo. Você surgiu de dentro de um óvulo. O homo sapiens surgiu de dentro de um primata. O universo inteiro brotou de dentro de uma partícula divina. É aquilo

que a lógica chama de potência e ato. A semente é uma laranjeira em potencial.

- Você não perde o jeito de filósofo, não é mesmo?

- E lá está uma palavra fecundante agindo no universo ontem, hoje e amanhã. A partícula divina foi aquela semente que, fecundada pela palavra, brotou e fez existir tudo que existe. A consciência explodiu nos confins do universo. A evolução é um processo longo, mas seguro. Os seres encontram-se nos mais diferentes estágios evolutivos pelo universo afora. Quando um ser sofre mutação é porque algo em potencial estava embutido naquele ser.

- De repente senti uma vontade imensa de tomar aquele copo d'água cheio de energia fecundante.

- Pois tome sua água e aceite que sua evolução está ocorrendo.

- O que será que existe dentro desta semente que sou eu?

- Logo saberemos, quando você acabar de brotar. Talvez surja daí um super-homem, um taumaturgo, um mago ou, simplesmente, uma cabeças de repolho.

- Muito bem-humorado esse meu mestre.

- O planeta Terra está repleto de seres em metamorfose. Mas ele não é o mais antigo dos planetas habitados do universo. Você já fez uma estimativa do número

de planetas habitados.

- Sim. Num cálculo pessimista, acho que cheguei à conclusão de que, só dentro da Via Láctea, teríamos quarenta milhões de planetas habitáveis e, pelo menos, quatro milhões de efetivamente habitados.

- Podendo haver muito mais, claro. E aí se aplica bem a frase do sábio: “A casa do meu Pai tem muitas moradas.”.

- Imagino que haja muitas civilizações construídas por seres inteligentes espalhadas pela nossa galáxia. Muitas delas são antiquíssimas e já alcançaram nível de evolução muito mais avançado que o nosso.

- Sem dúvida alguma, essas civilizações existem. Mas algo muito importante você logo saberá. Suspeita-se da presença, entre nós, de muitos daqueles seres tentando nos ajudar a evoluir. Indícios dessa presença já foram encontrados.

- Essa ideia me fascina. Só não entendo por que esses seres não se dão oficialmente a conhecer.

- Trata-se de um paciente trabalho de preparação para que não haja pânico, choque e alarme. Tudo tem que acontecer naturalmente. Houve uma época, na antiguidade mais remota, em que esses seres surgiam e impunham sua presença com gestos convincentes e muita autoridade. Houve um tempo em que nosso planeta recebeu alienígenas com diferentes missões. Muitos exerceram o papel de mestres ou de construtores, legisladores, criadores de objetos e monumentos. Os homens de então não conseguiriam realizar obras parecidas. Houve quem ensinasse tecnologia para ajudar no melhor domínio das forças da natureza. Eles

surgiam de forma um tanto surpreendente e desapareciam misteriosamente deixando saudades. Documentos muito antigos falam desses seres tratando-os como deuses. Evidentemente, aqueles povos não tinham a noção de Deus que você tem hoje. Porque os mestres de fora pareciam seres de natureza superior, eles eram tratados como divindades.

- E por que pararam de nos visitar?

- Não pararam. Apenas mudaram a forma de se comunicar. Muitos assumiram a tarefa de nascer de uma mulher, foram tratados como filhos e membros da raça humana, mas o tempo e suas obras se encarregaram de mostrar sua verdadeira identidade.

- Deve ter sido muito interessante esse modo de fecundar mulheres. Um raio de luz, uma palavra, um gesto? Como teria sido?

- Pode especular à vontade. Lendo livros sagrados dos povos antigos, você poderá entrever a realidade do fato, se fizer boa exegese de texto.

- Na Bíblia, aparece um anjo Gabriel entrando em ação. Seu nome significa Deus homem, Deus reprodutor.

- No Egito antigo temos o painel de Amenhotep III falando de uma fecundação operada por deuses. Mas o que importa é sabermos que a própria raça humana tal qual a conhecemos pode ter sido resultado de uma belíssima mutação genética operada por seres alienígenas.

- Engenharia genética alienígena atuando sobre o planeta?

- Por que não? Os transgênicos existem, hoje, na agricultura e são frutos de nosso trabalho. Essa transgênese pode ter ocorrido no reino animal e até na evolução humana. Sementes extraterrestres podem ter atuado entre nós. Nossa espécie humana teria parentesco com os habitantes dos reinos celestes.

- Mestre, você fala os termos “teria, seria, quem sabe.” Mas acho que tem certeza do que está falando.

- Tenho. Você vai surpreender-se um dia.

- Os supostos extraterrestres que nos têm sido apresentados atualmente nada têm a ver com o conceito de belo que desenvolvemos na Terra.

- Existem muitas e diferentes raças alienígenas, provenientes de diferentes mundos celestes. A evolução pode ter acontecido entre animais diferentes do nosso tipo simiesco. Pode ter ocorrido entre répteis, aves, ou qualquer outro animal.

- Fantástico! Teríamos por ali crocodilos inteligentes conversando entre si, aves dotadas de um espírito imortal. Quem sabe haveria até mesmo cães, cavalos ou outros animais pensantes vivendo pelo universo?

- Você me faz lembrar Jonathan Swift nas viagens de Gulliver. Ele visita o país dos anões, dos gigantes e até o dos cavalos. Em vez das ilhas misteriosas de seu

tempo, hoje elealaria dos planetas misteriosos.

- Bem lembrado. Eu me deleitava com essas obras primas da imaginação.

- Mas, seguramente, a raça humana da Terra está ligada a um tipo de extraterrestre de nossa semelhança. Eles vieram, fizeram seu trabalho e continuaram a monitorar seus filhos ou irmãos mais jovens de longe, de perto ou permanecendo, de certa forma, entre nós.

- Mas esses seres que eles enviam até nós são feios demais. Eles surgem totalmente nus e parecem pouco normais.

- Não, meu amigo. Os seres de lá são de extrema beleza. Nós somos pálidas cópias de sua perfeição. Além do mais, eles são dotados de poderes que não possuímos ou que permanecem atrofiados em nós. Esses poderes ultrapassam nossa imaginação.

- Mas e os tais monstros feios de bumbum de fora?

- É possível que eles coloquem suas naves nas mãos de robôs.

- Robôs? Nunca vi um daquele jeito.

- Claro que não. Foram desenvolvidos por lá. Seriam extremamente bem programados e construídos no sistema de biorrobótica. Trata-se de robôs

biológicos e não de seres humanos dotados de sistema nervoso central e de espírito.

- Biorrobótica! Nunca imaginaria uma tecnologia com esse nome.

Minha observação final pairou no ar. O mestre, apenas, sorriu e logo se levantou da confortável poltrona em que estivera sentado por mais de duas horas. Bebericava uma coisa parecida com aperitivo, que ele dizia ser anis. Fez-me tomar uma pequena taça daquele líquido verde e ficamos aguardando algum evento que estivesse por acontecer. Depois de algum tempo, entraram na sala três dançarinas. Tinham os rostos cobertos por véus. Trajavam vestes quase transparentes de cores azul, vermelha e amarela, porém, de tom muito suave. Produziram um lindo espetáculo de dança ao som de uma sequência melódica feita de flautas, harpa e percussão que me faziam lembrar sons dos povos indígenas. Após meia hora de evoluções bem ritmadas, deixaram a sala sem mostrar seus rostos. Fitei o mestre interrogativamente. Ele estava imóvel.

- Não me faça perguntas, amigo.

- Já sei. Os fatos hão de revelar esse mistério também.

- Venha.

A mesa estava posta. Fiquei imaginando que aquelas delícias fossem criação das três donzelas dançarinas. Imaginar foi bom. As iguarias ficaram ainda mais deliciosas. Ao longo da refeição, porém, Demóstenes explicou que todo o trabalho naquela casa era feito por robôs. O plantio, a colheita, o preparo, tudo era obra deles. Disse que eles foram meticulosamente programados também para

aquele trabalho.

- Onde eles estão agora, mestre?

- No seu devido lugar, na cozinha.

- Vou lá abraçá-los e agradecer pelo que fizeram.

- Não faça isso. Eles não são pessoas como nós. Ao entrar no espaço deles, eles poderão tomar você como um intruso e reagir. Eles foram programados para se defenderem também. Fique tranquilo. Por acaso você agradece ao seu computador pelo trabalho que realiza?

Após a refeição, passeamos lentamente pelos arredores. O espaço era muito grande. Eu não conseguia enxergar outras propriedades nas redondezas. A uma distância de duzentos metros da casa havia uma elevação. Sobre ela havia algo parecido com plataforma ou pista para pouso de helicóptero. Não vi aeronave alguma. Minha curiosidade ficou aguçada e eu já imaginava um belo encontro com aquelas elegantes dançarinas. Mas os trabalhos recomeçaram.

- Mestre, como seria uma viagem cósmica feita por nossos visitantes do espaço? Seguramente não usam veículos como os nossos.

- Não usam. Nossos veículos, por mais bem trabalhados que possam ser, jamais percorrerão distâncias verdadeiramente consideráveis no universo. Além do mais, mesmo se um dia construíssemos algo que viajasse à velocidade da luz,

demoraríamos quatro anos para chegar à nossa vizinha Próxima e a seu planeta habitável.

- No entanto, os extraterrestres percorrem distâncias muito maiores e não se cansam de nos visitar, pelo que disse o mestre.

- O que nos faz pensar o quanto estão mais avançados do que nós em termos de tecnologia e conhecimento do espaço. O que acontece, amigo, é que eles conhecem o caminho das pedras.

- Caminho das pedras?

- Figura de linguagem. O universo tem caminhos que nós não conhecemos. Suspeitamos da existência daquilo que chamaríamos de portais, de buracos de minhoca, de buracos negros, enfim, de passagens que funcionariam como atalhos e que, sem dúvida, poderiam encurtar caminhos.

- Tem que existir essa possibilidade, mestre. Imagine termos que viajar quatro anos à velocidade da luz só para chegar ali em nossa vizinha Alfa de Centauro, da qual faz parte a Próxima. .

- Correto! Mas, além desses atalhos, deve haver também diferentes aparelhagens e diferentes métodos de deslocamento que ainda escapam ao nosso conhecimento.

- Como assim?

- Imagine algo como desintegração da matéria e sua reintegração em pontos distantes do universo.

- Uma coisa de ficção científica?

- Muita coisa que já foi ficção ontem, hoje, é realidade. Aviões mal eram imaginados há duzentos anos e hoje estão aí. Quem, duzentos anos atrás, imaginaria a existência de uma televisão, de um computador, de um robô, de um simples celular? Se alguém falasse em viagem à lua, em satélite artificial, em plataforma espacial seria taxado de louco.

- Isso é muito verdadeiro.

- Já imaginou uma quebra daquela barreira de elétrons? É aquela barreira que desencadeia uma força de repulsão eletrônica capaz de impedir a compenetração dos corpos.

- Com essa quebra quanta coisa aconteceria!

- Certo! Mas se houver uma intercomunicação dos espaços subatômicos sem ruptura dos núcleos, estaremos diante de uma imensidão feita de energia sem barreiras.

- Estou imaginando

- O corpo de um homem de estatura mediana possui cerca de sete octilhões de átomos. Quase todo o mundo subatômico é um imenso vazio preenchido por energia pura.

- É um número fantástico e fantasioso que sugere um vazio colossal.

- Sem dúvida. Mas, compartilhando o imenso espaço vazio subatômico com o espaço subatômico de bilhões de outros átomos quem sabe obteríamos um portal ou uma passagem para outros mundos.

- Bem imaginado.

- Sim e a viagem seria quase instantânea de um ponto a outro do espaço cósmico.

- Nós nos transformaríamos em pontinhos luminosos viajando pelo espaço intergaláctico.

- Quem sabe?

- Mas eu contaria com a garantia de ver tudo retornando ao que era antes.

O mestre permaneceu pensativo por algum tempo. Respeitei seu pensamento e o

imaginei viajando feliz por aí. Quando ele retornou, preferiu me chamar para um lanche.

XV.

## Tabaçu Boiúna

O sol ainda demoraria a se esconder. Eu fitava as nuvens do poente. Fiquei surpreso quando um índio surgiu diante de mim. Era um belo indivíduo seminu, de cocar bem assentado sobre a farta cabeleira. Trajava uma tanga tecida de fios verdes que sugeriam cipó desfiado. Era um homem extremamente forte, apesar de não ser muito jovem. Ele sorria com inteligência. Dem óstenes apareceu ao meu lado e o apresentou.

- Amigo, este é Abaquar, uma das pessoas mais importantes da aldeia.

- Prazer em conhecê-lo, Abaquar. . Você tem um nome bem original.

- Esse nome significa senhor do voo. Logo você saberá por quê. -Disse meu mestre.

- O prazer é meu, disse o recém-chegado. Espero nunca decepcioná-lo.

- Já traçou o plano de hoje? - Perguntou Demóstenes.

- Sim. Mas sugiro que não percamos esta tarde maravilhosa. Você está pronto para visitar a nossa aldeia?- Perguntou o índio olhando para mim.

- Passeio à vista? Claro que estou pronto.

Abaquar conduziu-me até a plataforma. Subiu numa espécie de prancha redonda. A prancha deveria ter uns dois metros e meio de diâmetro. Mandou que eu me sentasse e segurasse firme nos arcos fixados ao redor. .

- Eu não imaginei que houvesse uma aldeia aqui perto.

- Tabaçu Boiúna. É um nome que significa aldeia grande da serpente negra.

- Que lindo nome! E qual é a língua falada por aqui?

- Nheengatu. É a língua geral da região amazônica, com variações regionais. Os caris, homens brancos, conhecem essa língua pelo nome tupi.

- Você está dizendo que estamos na Amazônia?

- Isolados centenas de quilômetros de qualquer território ocupado pelo homem branco.

- Não me lembro de ter viajado tanto até chegar aqui.

- Deve ter dormido durante o trajeto.

Só então percebi que estávamos voando naquela prancha redonda. Devíamos estar cerca de cem metros acima do solo. Do alto da prancha eu via um vasto trecho de profundo verdor ao redor. Examinei aquele objeto voador com muita atenção. Não fazia qualquer barulho e não emitia cheiro. Abaquer notou minhas interrogações.

- É normal que as pessoas estranhem esta aeronave. O povo da floresta tem muito para ensinar aos primitivos habitantes das cidades.

- Imagino que sim. Estou aqui para aprender.

- Este aparelho tem um dispositivo que anula a lei da gravidade na proporção desejada.

- Coisa fantástica! Só conhecia objeto assim em ficções científicas. E a propulsão?

- A lua tem um motor que a faz girar ao redor da Terra? A Terra tem um motor que a faz girar ao redor do sol? As galáxias têm motores que as façam girar? Os elétrons têm motores que os fazem girar ao redor de seus núcleos? Pense na grande energia que move o universo.

Fiquei mudo. Como foi que esse índio adquiriu tais conhecimentos? A pergunta se impunha. Logo, então, decidi comentar.

- Você não é índio coisa alguma. É um cientista disfarçado de índio. Optou por viver na selva.

- Nasci na aldeia lá em baixo e tive instrutores que me ensinaram todas essas coisas. Já viajei por todo este vasto planeta e também por outros que você ainda não conhece.

- Outros planetas?

- Já houve quem chamasse um deles de terceiro céu. Claro, na antiguidade não se tinha noção de planetas como temos hoje. A propósito, amigo, nós não nos chamamos de índios. Somos auás.

Meu piloto tinha um controle na mão e mostrou-me que aquele disco fazia parte de uma pequena nave. Ele acionou um botão e a fuselagem transparente ergueu-se completando a esfera. Nossa plataforma redonda ficava localizada em baixo, setenta centímetros acima do polo sul daquela esfera. Pude erguer-me e contempla melhor a paisagem através da esfera transparente.

- amigo, disse Abaquar, todos os corpos celestes são esféricos. Só não o são aqueles que resultaram de algum acidente. Planetas, estrelas, satélites, todos esses corpos giram velozmente pelo espaço e em torno de algum centro energético. O formato de uma bola é ideal para o voo. Por isso nossa pequena nave é esférica. Vocês praticam muitos esportes com bolas. Um dia vocês, lá no seu mundo, descobrirão as vantagens deste formato de nave.

- Vou chamar sua nave de bolha voadora. Faz lembrar as bolhas de sabão da minha infância.

Abaquar sorriu. Depois, imprimiu uma formidável velocidade naquela bolha e subiu a uma grande altura de onde pude contempla a imensidão da selva e sua infinita beleza. Desceu, em seguida, com a mesma incrível velocidade. Nossa nave passou a sobrevoar a grande aldeia. Quando as paredes da esfera foram recolhidas e ficamos, de novo, sobre um disco, pude notar que Tabaçu era cercada por dois rios de água transparente. Meu guia fez questão de me mostrar a geografia do lugar. Os rios saltavam sobre cascatas e rolavam sobre cachoeiras convidando a gente para passeios divertidos. Meu piloto explicou que os rios chamavam-se Acaraí e Piraí, rio das garças e rio dos peixes. Os dois rios se encontravam formando outro fluxo aquático de leite bem mais largo e profundo. Naquele ponto, ganhava o nome de Iporã, rio bonito. Esse rio grande e caudaloso formava um grande lago logo em seguida.

Árvores havia de todos os tamanhos e qualidades. Muitas estavam carregadas de frutos. Eu não conseguia definir todos os tipos de frutos que havia por ali. Comecei a entender que me encontrava, realmente, numa das mais ricas regiões do mundo chamada Amazônia. A nave pairava sobre lugares mais interessantes, quando Abaquar me apresentava aspectos interessantes da grande floresta. Fomos saudados por bandos de araras multicoloridas e maritacas barulhentas. Um tucano de bico amarelo pousou sobre um dos arcos da nave e parecia dialogar com o piloto. Em seguida, voou para pousar no galho de uma árvore carregada de frutas. Um tangará sete cores pousava no alto de uma palmeira próxima do local em que estávamos. Abaquar chamou minha atenção para o canto clássico do uirapuru, bem mais distante.

- Veja a beleza daquele pássaro, disse o piloto. Chama-se cardeal. Adivinhe por quê.

- Claro! Tem a cabeça vermelha feito a de um cardeal.

- Meu povo não conhece os cardeais e dão outro nome para ele.

- Foi o que imaginei. Mas aquele ali adiante deve ser o camerlengo em dia de festa. É quase todo vermelho.

- Aquele é o galo da serra.

A infinidade de aves ganhava variados nomes na língua nheegatu. Eu não conseguia registrar todos eles. Limitei-me a contemplar o espetáculo de pássaros voando livres sobre a imensa floresta. Em baixo, a paisagem era tecida de imenso verde. Eram as copas de uma profusão de árvores. Muitas eram frutíferas e me encantavam pela originalidade. Abaquar apontou para várias delas e as descreveu. Lá estavam, entre muitas outras, as belas palmeiras buritis, açáis e pupunhas. Todas se encontravam carregadas de delícias. Tantos frutos assim espalhados na imensidão da selva excitavam meu paladar. E meu guia ainda nomeou, lá em baixo, a graviola, o araçá-boi, o cupuaçu, além de uxi, biribá, umari, uajuru e bacuripari. Tantas árvores generosas, com seus galhos arqueados pelo peso de imensa beleza, sugeriam sabores variados e requintados.

- Mas onde estão as pessoas, o povo auá, que deveria habitar por esses lados?

- Estamos pairados sobre Tabaçu Boiúna, a nossa aldeia.

- Não vejo construção nenhuma lá em baixo.

- Amigo, você parece com os aventureiros do passado que vieram a este lugar procurando as cidades dos deuses. Chegaram falando nomes estranhos. Diziam estar à procura de akahim, akhanis e akhakor. Eram as tais cobiçadas cidades dos deuses. Eles pensavam encontrar castelos, torres, palácios, construções de estilo europeu, repletas de ouro e pedras preciosas. Vinham movidos pela ambição e pela cobiça.

- Então, já houve quem viesse à procura de algo diferente neste lugar paradisíaco?

- Houve sim, mas nada encontraram. Chegaram com muita vontade, mas partiram frustrados. Soubemos que alguns se perderam na selva, outros foram mortos por animais ferozes ou peçonhentos.

- A Amazônia detém uma espécie de beleza sádica. Atrai, encanta, mas pode torturar e matar. Não é mesmo?

- É verdade. Mas tenho certeza que nenhum daqueles homens retornou ao seu lugar de origem, Não levaram qualquer informação sobre nossas aldeias. Dois daqueles aventureiros, que pareciam ser os chefes, retornaram tempos depois. Estavam maltrapilhos e sofridos. Diziam que seus objetivos eram científicos e, até mesmo, de natureza mística. Permaneceram entre nós por algum tempo, mas, um dia, simplesmente desapareceram. Algumas pessoas dizem que foram abduzidos.

- Abduzidos? Quem os levaria consigo?

- Não sabemos.

- Penso que a história antiga dos povos auás trouxe lições de triste experiência para vocês.

- Muitas. Os europeus foram recebidos de braços abertos pelos nossos antepassados. Porém, eles se transformaram em invasores. Traíram a hospitalidade dos povos auás. Mataram, escravizaram, roubaram suas terras, destruíram a cultura local, impuseram línguas, religiões e costumes estranhos. Até nomes europeus os nativos foram forçados a usar. Reduziram a população a um estado social chamado pobreza, coisa que nossos antepassados não conheciam, exatamente porque não conheciam o dinheiro.

- Triste espetáculo.

- Nós somos um grupo que descende de antigos habitantes da terra tupi. Eles escaparam daquele mundo de maldade. Preferiram entrar mais fundo na selva e reconstruir seu modo de vida longe do homem branco.

- Não há como reparar o mal que foi praticado. Importa que vocês acharam um caminho novo e um modo genuíno de viver.

- Tivemos ajuda dos céus. Agora, acho bom a gente descer e visitar nossa Tabaçu Boiúna. Talvez você consiga entender como o homem branco se perdeu de suas próprias origens. Aquele povo construiu cidades monstruosas, poluídas, perigosas e fontes de sofrimento. As suas cidades são imensas fábricas de loucos e antros de bandidos ou criminosos. Veja os meios de locomoção criados pelos caris. O carro de vocês haverá de ser, um dia, apenas peça de museu. Pense na fiação elétrica de vocês. Aquela monstruosidade de fios é o que existe de mais feio numa cidade. E os lixões construídos nas periferias? São a mais horrível

fonte de doenças e morte. Lixões são territórios doentios. Animais chegam ali à procura de alimentos e morrem espalhando bactérias. Pior é ver seres humanos procurando, nos lixões, com que sobreviver. Faz algum sentido para você viver numa cidade grande construída pelos homens brancos? E os problemas sociais, os assaltantes, as crianças abandonadas? Quando será que o mundo de vocês vai acordar e tentar construir uma nova era de harmonia?

Entendi que Abaquar conhecia melhor do que eu o meu mundo e o meu modo de vida. Entendi por que aquela e outras muitas possíveis aldeias espalhadas pela selva não podiam ficar expostas à visita e à cobiça do homem branco. Tudo que eles fazem e tudo que constroem tem que permanecer oculto sob a imensidão verde da selva, até que o mundo dito civilizado mude totalmente sua forma de vida. Aviões sobrevoam todo aquele território, mas a trinta e seis mil pés de altura nada ali em baixo pode ser notado. Depois das ponderações de meu guia, fiquei convencido que, um dia, a humanidade vai acordar de fato e acabar com esse mundo maluco que ela criou e no qual está sufocada. Alimentei, naquela hora, a esperança de que, um dia, nosso planeta inteiro seja transformado numa grande aldeia, numa verdadeiramente grande Tabaçu, a aldeia global.

Ainda a meia altura, Abaquar mostrou-me o traçado daquela misteriosa aldeia. Ela formava um grande círculo de um quilômetro de diâmetro. Os rios Acaraí e Piraí, vindos de direções diversas e convergentes, ao atingirem esse local, envolviam a grande aldeia formando uma península redonda cercada de águas transparentes. O istmo situava-se ao norte. Por ele, descia uma estrada verde que percorria toda a extensão da aldeia até a confluência dos rios, na extremidade sul. A aldeia foi construída sobre esse plano levemente inclinado. Outra avenida verde cortava a avenida central em ângulo reto. O centro do cruzamento era uma bela praça redonda onde se localizava a grande oca de cúpula verde em forma de semiesfera emborcada. Havia um total de sete avenidas circulares concêntricas, todas elas ladeadas por belos jardins. No meio dos jardins havia uma profusão de pequenas ocas esféricas e verdes, onde habitavam cerca de mil pessoas. Diversas pontes bem ornamentadas cruzavam os dois rios levando os habitantes daquele lugar para o coração da selva ou a lugares onde pretendessem trabalhar ou divertir-se. Desnecessário dizer que o grande lago e seus arredores, mais em baixo, eram os locais preferidos para prática de esporte e diversões.

O sol começou a recolher seus raios no horizonte e decidimos terminar a viagem aérea. A nave tocou o solo e fui conhecer detalhes do lugar.

## XVI.

### **Amizade interplanetária**

O que mais me cativou na população de Tabaçu Boiúna foi o sorriso. Eu estava diante de uma população feliz. Todos aparentavam gozar de boa saúde. Fisicamente eram belos, tinham os corpos bronzeados pelo sol tropical. Usavam pouca ou nenhuma roupa. Fui informado que os habitantes daquele paraíso só se vestiam para proteger os corpos ou para mostrar elegância.

Naquele começo de noite, um grande grupo de habitantes da aldeia veio receber-nos. Com toda a naturalidade, eles nos abraçavam e cobriam de carícias, o que me deixava um pouco sem jeito. Afinal, eu não conhecia quase ninguém por ali.

Fiquei contemplando aquele grupo alegre por algum tempo quando, do meio deles, surgiu um homem forte, de olhar penetrante e voz firme. Abaçar apresentou-o:

- Amigo, tenho a honra de lhe apresentar Tabajara, o nosso morubixá. O nome dele significa senhor da aldeia.

- Tabajara, eu disse, é um prazer conhecer o chefe de uma população tão bela e feliz.

- O prazer é meu. Chefe de um povo livre e inteligente não tem muito trabalho. Eu só me considero alguém que está a serviço dos irmãos. Sinto-me feliz por

isso. Conheça, agora, Waná. Ele tem nome de vagalume e é o nosso pajé.

- Waná! Que beleza saber que as antigas tradições deste povo são preservadas. Como vagalume, você é portador de luz. Traz consigo a iluminação de que todos nós precisamos.

- Tentamos conservar na população o verdadeiro espírito de nossos antepassados e incentivar a constante busca da verdade.

- Amigo, disse o morubixá muito sorridente, quero que conheça também o grande Abaeté.

Do meio do grupo surgiu uma figura que eu venerava. Isso me surpreendeu. Trocamos um abraço apertado e rimos muito. Abaeté era nada menos que o meu grande mestre Demóstenes. Ele me explicou que era tratado ali com esse título honroso, que significa homem bom. Abaeté estava encarregado de me apresentar três pessoas muito especiais.

- Conheça, agora, as três lindas dançarinas que você admirou lá na casa de campo. Elas tinham os rostos velados e efetuaram uma bela dança, disse Abaeté. São elas Tainá, Yara e Potira.

As três moças se apresentaram sorridentes e maliciosas.

- Tainá?

- Eu mesma, caro amigo. Sou a mesma Sophia lá do mundo dos caris. Aqui eu sou Tainá, uma estrela.

- Yara?

- Sou a sua companheira Diana. Aqui me chamam de Yara, a mãe d'água.

- Potira?

- Nada menos que a sua Verônica. Aqui me acham parecida com uma flor, razão do nome que me deram.

- Os nomes que vocês receberam por aqui têm tudo a ver com vocês. Tainá, Yara e Potira, seguramente, são nomes ligados às tarefas que vocês desempenham na aldeia.

As três amigas, juntamente com Abaeté, me envolveram nos seus braços e fomos todos na direção da grande Oca. Mas, antes de entrar, fui despido de minhas roupas, que não faziam qualquer sentido naquele lugar. Ganhei uma tanga verde e um cocar multicolorido. Depois disso, senti-me totalmente integrado ao grupo.

A grande oca era mesmo a metade de uma esfera emborcada que, por fora, mais parecia uma súbita elevação verde do terreno. Ao entrarmos, porém, fiquei maravilhado com a beleza e o requinte do lugar. Possuía uma confortável iluminação indireta e circulação lateral de ar, o que deixava o ambiente muito aconchegante e sadio. Havia arquibancadas nas laterais sugerindo os muitos usos

daquele espaço.

Quando entramos, fomos recebidos por um coral que iniciou uma sequência de mantras. As vozes eram acompanhadas por uma orquestra bastante original. Pude distinguir o precioso som de instrumentos que eu chamaria de primitivos ou rústicos, como bapos ou chocalhos, borés ou flautas. Elas tinham diversos timbres e tamanhos. Havia também algumas icas ou trombetas, outras tantas mbarés ou gaitas e dois quararás ou tambores. Esse conjunto de instrumentos fora cuidadosamente trabalhado em material colhido na própria selva. O som era próprio para elevar o espírito e fazer meditar. Para minha surpresa, participava também da orquestra um velho instrumento chamado marimba, de origem africana, mas muito difundido nas Américas. Para coroar o conjunto, uma exímia musicista vibrava as cordas de uma clássica harpa dourada. Outros instrumentos clássicos como violinos, trompas, trompetes e celos completavam aquela orquestra que eu entendi como grupo de integração entre o salão nobre e a selva. Lembrei-me, naquele momento, das reflexões propostas pelo mestre Demóstenes sobre ser tarefa do espírito dar vida à matéria bruta.

Nós nos acomodamos nas arquibancadas. Fomos informados que iríamos receber três pessoas muito especiais que iriam presidir o evento. Para eles havia uma grande mesa posta no centro da oca, que formava um círculo. A belíssima mesa estava posta na frente da orquestra. Tabajara anunciou:

- Amigos, vamos receber de pé nossos ilustres visitantes. Palmas para Baíra, Rudá e Yamandu.

Três elegantíssimos cavalheiros entraram. Eles trajavam uma araçãoia, espécie de túnica cerimonial, e um enduape, manto levemente colorido. Cada um tinha na cabeça um acantatar, cocar rico em cores. Baíra sentou-se na cadeira central e os outros dois sentaram-se à direita ou à esquerda. Baíra tomou a palavra com uma saudação que muito me encantara no passado.

- Pitytô!!!!

Sua potente voz reboou como se circulasse pelo grande salão à espera de resposta. A resposta surgiu como se viesse do fundo da alma de cada um dos presentes.

- Nolayoê !!!!!

Um momento de vibração fez-se sentir em cada molécula do ar. A oca inteira transpirava emoção. Baíra, calmo e sereno, retomou a palavra.

- Amigos, muitos de vocês já nos conhecem. Vocês me deram o nome de Baíra, identificando-me com a entidade tupi considerada responsável pela cultura e pela civilização do povo. É muita honra para mim e, por todas as regiões do espaço por onde vou, esforço-me para ser digno desse nome sagrado.

- Viva o grande Baíra, gritaram todos.

- Ao meu lado está meu companheiro e amigo a quem vocês deram o nome de Rudá, a entidade tupi que veio ensinar a vocês o novo mandamento. Vocês sabem que mandamento é esse?

- A nova lei do amor fraterno, responderam todos em coro.

- Este outro, ao meu lado, recebeu de vocês nada menos que o nome Yamandu. Esse nome identifica a entidade tupi que controla e administra a energia. Estamos falando daquela mesma energia que criou e move todo o universo.

- Baíra, Rudá, Yamandu, vibraram muitas vozes repetidamente.

Os três visitantes ficaram de pé enquanto os presentes aplaudiam alegremente aclamando seus nomes. As aclamações foram acompanhadas pela orquestra. Depois de tanta alegria e demonstração de carinho por parte da plateia, Baíra pediu que todos se sentassem e retomou sua fala.

- Agora, eu pergunto: De que lugar do universo nós acabamos de chegar?

- Do terceiro céu, responderam todos em coro.

- Onde fica o terceiro céu?

- Em algum lugar da nossa galáxia, responderam todos.

- Podemos definir melhor que lugar é esse?

- Não, mestre. No momento devemos ser mais discretos, disse uma jovem do grupo.

-Por que não, minha amiga?

- Nosso planeta ainda não está totalmente preparado para esse franco entrosamento, ela mesma explicou.

- Que ligação existe entre o terceiro céu e este planeta?

- Somos todos amigos, parentes e irmãos, respondeu a plateia.

- Do terceiro céu têm chagado muitos mestres que nos ajudam a crescer, evoluir e desenvolver nossas potencialidades, acrescentou Tabajara.

- Tem havido intercâmbio genético entre nosso planeta e o terceiro céu, disse Waná, nosso pajé.

Baíra parecia feliz ao constatar que o grupo todo estava a par de todo um passado relacionamento entre os dois povos. Explicou que comunidades como Tabaçu existem ao redor de toda a Terra. Disse que essas comunidades têm a missão de ajudar o resto da humanidade terrestre a se preparar para a convivência pacífica com os amigos do terceiro céu. Passou, então, a palavra para seus dois companheiros. Eles foram breves em suas falas. Limitaram-se a dizer do prazer em retornar a Tabaçu e da alegria por saber que muitas coisas evoluíram desde sua última estada por ali.

Os músicos retomaram seus instrumentos e a orquestra executou outras pequenas peças bem dentro do folclore da Amazônia. Ato contínuo, vimos Waná, o belo

pajé, vir ao centro do círculo, acenar para a orquestra e entoar uma invocação mística ao som da harpa e dos borés. A invocação dizia.

- Oreru Yamandu, Tupã oreru (nosso pai forte tupã nosso pai).

Outros mantras invocativos ainda foram entoados com a participação do coral e de todos. A seguir, Baíra perguntou ao Tabajara:

- Chefe, o que faremos agora?

O morubixá veio até mim, ordenou que Tainá, Yara e Potira me conduzissem diante de Baíra, Rudá e Yamandu. Logo atrás de nós veio o mestre Abaeté. Sentamo-nos no chão em posição de Buda em meditação e Baíra continuou:

- Abaeté, Tainá, Yara e Potira, vocês têm acompanhado a evolução desse candidato?

- Sim, mestre Baíra.

- Consideram que ele está apto para prosseguir?

- Sim.

- Amigo, disse ele olhando firme para mim. De hoje em diante, seu nome será Ubatã que, na língua nheegatu, significa madeira forte. Forte mesmo é o que você há de ser. A partir de hoje você é um dos nossos. Faz parte da grande fraternidade. Sua tarefa será definida por partes. Comece a assegurar-se de que você não é um ser humano fazendo experiência espiritual. Como disse aquele sábio, você é um espírito fazendo experiência humana. Sendo assim, você é dotado de uma fantástica energia, a mesma energia que move as galáxias. Com essa energia, você poderá modificar o mundo ao seu redor. Saiba, porém, que tudo deve estar submetido à nova lei, a lei do amor. Nunca use sua energia para fazer o mal. Use-a sempre para melhorar o mundo ao seu redor.

Os três mestres visitantes aproximaram-se de mim. Eles e todos os presentes estenderam as mãos sobre minha cabeça e entoaram um velho mantra que ressoou na grande sala redonda assim como ressoava no antigo Egito. O som que encheu a grande oca redonda e bela foi a invocação do senhor oculto que preside os destinos de toda a criação: A M E N.

Báira mandou que eu me erguesse. Abraçou-me chamando-me de irmão. Os dois outros mestres, juntamente com Abaeté, fizeram o mesmo. Tainá, Yara e Potira, encheram-me de beijos chamando-me de Ubatã. Os abraços se multiplicaram e os muitos beijos carinhosos se repetiram quando a multidão inteira me rodeou festiva.

A festa começou. Houve dança indígena com toque de instrumentos de sopro e tambor. Houve muita cantoria e alegria espontânea. O jantar foi servido. Três robôs estavam à frente do serviço. Eles tinham aquela fisionomia típica das figuras que usamos para representar os ET's. Eu já sabia que eram robôs extremamente desenvolvidos e que, de acordo com meu mestre Demóstenes ou Abaeté, eram criados nos laboratórios de biorrobótica em algum lugar do espaço. Dotados de muita habilidade e inteligência, esses robôs tinham estudado toda a flora e a fauna da região para ensinar a todos os interessados como aproveitar ao máximo as potencialidades da floresta.

Quando os robôs entraram, as crianças os aclamaram com nomes carinhosos aplaudindo e gritando Zezé, Yoyô, Lulu. Eles se inclinaram em agradecimento pelo carinho e prosseguiram na sua tarefa de servir o jantar.

Os três souberam combinar com perfeição uma boa refeição clássica com os sabores da selva. Os pratos salgados mostravam muito a influência da mandioca, ali chamada de macaxeira. Ela foi servida frita ou cozida em estado natural. Mas foi apresentada também como delícias trabalhadas no polvilho ou na farinha. Foi servida em combinação com ervas típicas da região e com outros temperos. Os pratos salgados variavam entre produtos da região e outros trazidos de várias partes do país e do resto do mundo. Entendi, naquela hora, que não havia uma norma de exclusividade. O lema parecia ser “experimente tudo e escolha o que é melhor”. Ovos de todo tamanho e origem, grãos, queijos, outros derivados do leite e muitas outras iguarias enriqueciam aquela mesa. Fiquei imaginando as bolhas voadoras do mestre Abaquar colhendo produtos ao redor do mundo.

Mas as riquezas da selva foram, de fato, privilegiadas. O suco de açaí foi distribuído com fartura. Tomamos vinho feito com o fruto de uma palmeira chamada bacaba. Saboreamos mousse de graviola, chocolate de cupuaçu e refrescos de araçá-boi. Aqueles “chefs” robôs foram muito criativos ao fazerem associações de produtos colhidos na imensa e rica floresta amazônica.

O final da festa foi digno de nota. Tainá sentou-se diante da harpa dourada. Yara e Potira pegaram os martelinhos da marimba para uma execução a quatro mãos. Juntas, elas interpretaram uma canção que eu tinha ouvido havia muitos anos, ainda na minha adolescência. A canção tinha letra do antigo poeta mexicano Agustín Lara. Ela dizia:

Oye la marimba,  
como se cimbra

cuando canta para ti.  
Oye como suena,  
como su pena  
se transforma em frenesí.  
Mira como llora,  
como rumora la canción  
que yo te di.  
Oye la marimba,  
como se cimbra  
cuando canta para ti.

A orquestra inteira retomou a deliciosa melodia e o coral, a postos, executou toda a canção, agora, a quatro vozes. Tainá, Yara e Potira cantavam olhando carinhosamente para mim. Queriam mesmo dizer que aquela canção tinha endereço certo. Minhas mestras e amigas atingiram o alvo, meu coração.

Com aquela melodia simples e profundamente arraigada na minha memória, fui envolvido pelo suave bálsamo da noite. Eu estava enlevado pelo delicioso vinho de bacaba. Sophia, minha querida estrela Tainá, decidiu que eu passaria a noite em sua oca não muito distante dali. Fomos.

## XVII.

### Tainá, uma estrela

Acordei e me senti perdido. Sempre dormi num quarto retangular. Naquela manhã eu me achei num cômodo bonito, bem decorado, mas de formato pouco convencional. A parede externa era curva. Curva também era a janela. Duas paredes laterais fechavam o espaço triangularmente na direção da porta. O quarto era uma grande fatia de pizza. Demorei a me inteirar das circunstâncias. Lembrei-me, então, que eu estava no dormitório de uma oca de formato redondo.

Pela manhã Tabaçu é um formigueiro humano. Saltei da cama para ver o sol nascer. Pequenos cainãs, moradores da selva, correram para locais estratégicos. Eles festejavam os primeiros clarões. O mundo se inundou de luzes e cores. Os raios cresceram. Atravessaram ramagens. Teceram imagens entre as galhas do arvoredo. O espetáculo sugeria aruanã num paraíso. Aruanã é festa e aquela foi musicada por um coral de pássaros. Como se fossem garotos, eles se juntaram felizes para brincar. O amanhecer na selva é liturgia sagrada. É ritual de celebração do eterno retorno. É o retorno do sol que partiu na noite anterior, mas retornou pela manhã. Pássaros e cainãs entoaram canções a Coaraci.

Assisti ao nascer do sol ao lado de Tainá. Estávamos rodeados de curumins. Depois do espetáculo, as crianças se dispersaram como um bando de aves em revoada. Minha mestra começou a guiar-me entre os canteiros perfumados. Tabaçu me fez lembrar o poeta:

No meio das tabas de amenos verdores,

Cercadas de troncos cobertos de flores

Alteiam-se os tetos d'altiva nação.

Tainá leu meu pensamento e comentou Gonçalves Dias e seus trabalhos de sabor indigenista. Teria o poeta visitado um lugar como este? Difícil saber. Por que não o faria?

Mas a nossa aldeia tinha coisas lindas para eu visitar. Lá fomos nós. Descemos o longo plano ligeiramente inclinado e cortado por uma larga avenida central. Tainá apontava para as maravilhas construídas entre árvores, flores, hortas e pomares. Bem cedo ainda, víamos habitantes de todas as idades cultivando a terra. Tinham no rosto o sorriso de quem ama o que faz.

- Vida é movimento, disse a minha sábia.

- Certo! Viver feliz é fazer aquilo de que se gosta.

Em todos os lugares por onde passamos, os alegres cultivadores do solo nos cumprimentavam aclamando: Tainá, Ubatã. Retribuíamos essas manifestações de carinho e prosseguíamos. Visitamos os currais com gado leiteiro, os galinheiros com galinhas poedeiras, os arrozais, os milharais, os cafezais e todo o complexo agrícola daquele paraíso. Tainá me apresentava pessoas com seus nomes locais. O vaqueiro chamava-se Amberê, por ser duro e inflexível. Uma garota chamava-se Anrati, porque era bela como a alvorada. Sua coleguinha era Apiúna, uma linda boneca viva de ébano. O encarregado de um serviço mais pesado levava o nome de Apuã, por ser alto e forte feito montanha. O entendido de aves e ovos chamava-se Bacuara, o sábio. Entendi, com essa aula, que as pessoas ali recebem

nomes derivados da própria natureza, algo que define sua essência ou tarefa. Naquele momento lembrei-me da violência dos invasores europeus procedendo à descaracterização dos habitantes da nossa terra. Chegaram impondo sua cultura, seus dogmas e até seus nomes. Os habitantes locais passaram a ostentar nomes retirados de tradições distantes em substituição dessa maravilha de criatividade dos nomes tupis.

Tainá sempre esteve muito atenta a todas as minhas reações. Num passeio como aquele a atenção dela foi naturalmente muito maior. Não se tratava de uma caminhada qualquer. Eu estava recebendo uma instrução tendo à minha frente um exemplo concreto do que era ensinado. Caminhar por Tabaçu foi uma aula peripatética de tudo que eu conhecera antes na teoria.

- E agora, disse ela. Ficou calado de repente.
  
- A cabeça está girando. Tento processar esses dados todos.
  
- Não é difícil quando os fatos são reais e não teóricos.
  
- Esse é o problema. Estou acostumado demais com teorias.
  
- Certo! E teorias você sempre pode contestar.
  
- Isso! Fatos a gente processa e não contesta.

Andando, vimos um garoto no alto de um coqueiro colhendo frutos. Tainá disse que parecia um macaquinho e, por isso, chamava-se Cahy. Outro garoto chegou até nós com um cesto de frutas fresquinhas. Tainá disse que, pelo seu comportamento sempre muito amigo e atencioso, o garoto se chamava Avaré. Comíamos os frutos oferecidos pelo menino, quando desceu voando do alto um rapazinho. De longe, parecia uma folha seca.

- Esse é Caoby, o folha azul.

- É gente ou alguma ave disfarçada?

- Não está vendo? Aprendi a levitar e me deslocar, disse o garoto.

- Levitar? Se me contassem eu nunca iria acreditar.

- Qualquer pessoa pode levitar, disse Caoby.

- Estou vendo. Mas como?

- É só anular um pouco a força da gravidade.

- Anular a gravidade? Se eu pular do alto daquele coqueiro vou-me esborrachar no chão.

- Precisa de um bom treinamento, mas não é difícil, disse Tainá.

- E você também sabe levitar?

- Foi ela que me ensinou, disse o rapaz reiniciando sua levitação.

- Papagaios! E você nunca me disse que entende de magia.

- De certa forma, é magia mesmo. Mas não confunda magia com ilusionismo. O mago conhece as forças da natureza. Sabe como canalizá-las e colocá-las a seu serviço. O ilusionista apenas engana as pessoas. Finge que está operando algo que, na verdade, não está.

- Aprendi a fazer a distinção. O mesmo se diga do milagre, não é mesmo?

- Sim. Como diz o termo, milagre é uma coisa admirável. Levitar é coisa admirável, caminhar sobre as águas é também. Curar um doente, dominar uma tempestade, extrair moeda de ouro do ventre de um peixe, tudo é admirável, tudo é milagre. Mas qualquer pessoa pode acionar a energia adequada para realizar.

- Não me diga. Isso não é efeito de uma força divina, algo sobrenatural que prova a santidade da pessoa?

- De forma alguma. O povo de Tabaçu aprende a operar tais maravilhas da mesma forma que aprende a ler e a escrever. Os poderes não vêm de fora. Eles

estão dentro de você. Ficaram atrofiados no momento em que você assumiu um corpo físico. Educar é extrair das suas profundezas aquilo que você realmente é. Entre outras coisas, você é um mago.

- Sou um espírito cheio de poderes fazendo a experiência humana.

- Exatamente. Libere todo esse estoque de energia concentrada aí dentro. Tome consciência de que você é uma bateria de energia cósmica.

- Isso mexe comigo por dentro.

- Vai mexer muito mais quando começar a sentir os efeitos dessa liberação. Mas saiba que aqui as pessoas aprendem também a só fazer bom uso das energias que conseguem dominar. Há o perigo de desenvolverem tais forças para praticar o mal.

- E isso é possível?

- Da mesma forma que a humanidade aprendeu a desenvolver o conhecimento racional tanto para o bem quanto para o mal.

- Isso é verdade. Com o conhecimento científico, nós já fizemos guerras e fabricamos armas. Fizemos e já usamos até bombas nucleares. Mas eu sempre imaginei que o controle de energias tão sublimes fosse privilégio dos santos.

- Privilégio nenhum. Existirá sempre o perigo de se fazer uso errado da grande energia. Trata-se do livre arbítrio que foi dado ao ser humano.

- Entendi. Os tais poderes do espírito que estão atrofiados nas pessoas vocês, aqui, aprendem a resgatar. Mas aprendem também a usar corretamente.

-Você é um bom discípulo.

Falávamos em operar maravilhas, quando um garoto chegou da selva montado numa Jaguaruna. A onça preta parecia tranquila, gostando da brincadeira. Eu tremia nas bases.

- Acalme-se Ubatã. Não precisa ter medo. Os animais que entram em contato conosco ficam dóceis e amigáveis. Veja.

Tainá foi até a Jaguaruna, deu-lhe um beijo carinhoso na testa e o animal deitou-se no chão para o garoto apear. Minh mestra apresentou o menino dizendo que se chamava Ararê, nome que significa amigo das araras. Na realidade ele era amigo de todos os animais de dentro e de fora da aldeia. Aquele não era nenhum animal doméstico ou domesticado. Foi amor à primeira vista entre o garoto e o bicho.

- Ararê é amigo de qualquer bicho, disse eu. Isso é admirável. É também um milagre.

- De certa forma, sim, disse Tainá. Qualquer ser vivo entende quando é amado. Dê a cada um aquilo de que ele precisa ou que pode querer. Seguramente ele vai

retribuir o seu carinho.

- Fiquei curioso. O que acontece com os animais domésticos quando perdem a utilidade? Vocês sacrificam o gado, abatem as galinhas? Fritam, assam e comem?

- Não, amigo. Eles continuam vivos entre nós como se fossem seres humanos aposentados. O dia da partida de cada animal está registrado no livro da natureza. É comum ver-se um animal apartar-se do grupo e embrenhar-se na selva onde encontra o descanso final. Eles seguem o ritmo da natureza. Nós temos muitas fontes de proteína e não precisamos praticar canibalismo.

Foi conversando que chegamos à confluência dos rios Piraí com Acaraí. Ao se juntarem, eles formam um belo rio largo e profundo. Descemos juntos ladeando o rio Iporã rumo ao grande lago. O que vimos foi um espetáculo de alegria. Grande número de garotos e garotas praticavam nado e saltos ornamentais numa festa de encher os olhos. Nadavam, saltavam e faziam vibrar o espaço ao redor com seus cantos e gritos alegres.

- Tainá, Ubatã, eles saudaram com entusiasmo, sem interromper suas atividades.

Quando as atividades terminaram eles partiram. Tainá e eu sentamo-nos num banco de pedra à beira do lago. Foi então que, lentamente, a superfície das águas cresceu diante de nossos olhos. Lá das profundezas surgiu um boto. Tainá o chamava de uaiarará. Ela entrou no lago e montou no animal. Ele a levou para um passeio sobre a superfície das águas. Tainá ria descontraída e eu imaginava como tudo aquilo era lindo. Tudo falava de interação total entre o ser humano e a natureza. E o boto parecia gostar tanto da brincadeira quanto a própria Tainá. Depois de muitos giros e cabriolas, ele se aproximou da margem e, elegantemente, depositou-a em terra firme. Deu um salto com o corpo inteiro

acima das águas e partiu. Minha mestra sentou-se, de novo, ao meu lado para me dizer que aquele era o seu passeio predileto.

- Com certeza. Você nem imagina como estava linda a cavalo sobre um boto.

- Não é um boto qualquer. É o meu boto cor de rosa.

- O mundo inteiro já ouviu falar desse lindo animal e das lendas que o envolvem. O que eu sei é que ele costuma sair das águas em forma de elegante cavalheiro e conquistar mulheres incautas. É bom que se cuide.

- Só rindo de você.

- Pode rir à vontade, mas eu não arriscaria.

- Entre os antigos babilônios havia uma lenda que falava de um animal, também parecido com golfinho, o qual costumava surgir do mar e vir dialogar com os seres humanos. Ele ficava dias instruindo-os e ajudando-os em sua evolução.

- Já li algo sobre o assunto. O nome do estranho ser era Oanes, considerado uma divindade aquática.

- Realmente. Mas lendas são lendas e carecem de comprovação. Mas essa lenda do Oanes marcou muito aqueles povos antigos. Você sabia que o nome Oanes transformou-se em Johanes e deu origem ao nome João?

- João, aquele que instruiu a humanidade a partir das águas do rio Jordão? Ele lavava e batizava seus seguidores. Passou para a posteridade com o nome de João Batista.

Falávamos dessas coisas culturais e livrescas, quando vimos alguém se aproximando de nós com muita leveza e passo firme. Ele parecia ter dado volta ao redor do lago. Logo se achegou de nós para nos dizer bom dia. Era o grande mestre Baíra, que os índios acolheram dando-lhe o nome da entidade civilizadora. Nos tempos antigos a entidade Baíra teria vindo do céu para instruir a humanidade. O nosso mestre trazia no ombro uma pequena garça branca. Esse pássaro, juntamente com o boto, é considerado encarnação da sabedoria divina. O sábio mestre permaneceu conosco alguns minutos e logo precisou subir até a grande oca. Não sei por qual razão comecei a imaginar que Baíra era aquele boto que teria poder de metamorfose. Aquela garça é muito semelhante ao thuti dos antigos egípcios. Ambas as aves foram tomadas como símbolos da sabedoria divina em lugares tão distantes e em tempos tão diferentes. Tudo é muito misterioso em Tabaçu.

Tainá disse que ainda tinha algumas coisas para me mostrar. Tenho certeza que ela leu meus pensamentos. Mas os pensamentos foram interrompidos por aquele robô que os meninos de Tabaçu chamavam com o carinhoso apelido de Zezé. Ele trazia o nosso almoço muito trabalhado e condicionado em pratos sortidos e deliciosos.

- Toda refeição é um momento em que podemos tomar consciência de algo muito grandioso. Uma verdadeira refeição vai muito além de simplesmente saciar a fome.

- Consciência de algo mais?

- Cada pedaço de pão ou de fruta, cada grão de cereal, cada gota de qualquer bebida, tudo isso carrega uma enorme energia. Aquela mesma energia que criou o universo e que continua agindo no cosmo. Você pode simplesmente matar sua fome como qualquer animal. Mas pode, através do alimento, captar essa energia fantástica e alimentar também pneuma, que é o seu Eu imortal.

Nossa tarde foi ainda muito rica de explicações oportunas. Tainá mostrou que, em Tabaçu, não existem lixeiras. Todo rejeito é reaproveitado ao máximo através da reciclagem. O que, porém, não pode mais ser aproveitado é simplesmente desintegrado. A desintegração é surpreendente e escapou à minha compreensão. Só sei que o lixo ali estava e, como que, sumiu, evaporou, virou algo energético que se misturou ao ar da selva. Tainá explicou que tudo, no universo, é feito de átomos e pode retornar à sua forma atômica mais simples. Explicou que a desintegração de um objeto assemelha-se à extração de um tumor. É algo que ali está e pode, com a força da mente, ser removido.

- A mente humana pode entrar na própria estrutura da matéria e alterá-la. Esse é o trabalho habitual de um taumaturgo. O processo de cura é a desintegração de um objeto nocivo, disse a moça.

- Coisa simples, comentei rindo.

- Pode rir, mas, um dia, verá que nada há de complicado nisso. Você verá, também, que não temos cemitério por aqui.

- Como assim? Não me diga que vocês simplesmente desintegram os corpos dos falecidos.

- Isso pode ser feito, quando for o caso. Mas muitos de nós partimos para outros lugares ao terminarmos nossa tarefa por aqui.

- Outros lugares?

- Esqueça o que eu disse.

- Tudo bem, vou esquecer, por enquanto. Mas essa é mais uma pergunta que vai girar na minha cabeça.

- Saiba também que nosso esgoto é totalmente tratado e devolvido ao rio Iporã em seu trajeto depois do lago.

- É uma sociedade perfeita, pelo que vejo.

- Nada é perfeito. Fazemos o que nos parece mais adequado e o que está ao alcance de nossas possibilidades.

- Vejo que, em diversos lugares, vocês têm objetos extremamente valiosos, feitos de ouro. Corre muito dinheiro por aqui?

Tainá deu uma sonora gargalhada que me deixou sem jeito. Pareceu até que eu tivesse falado uma tremenda asneira. De fato, eu não tinha visto por ali qualquer

coisa que sugerisse comércio e interessa financeiro. Ela me pediu desculpas pela gargalhada e apontou para um abacateiro ali por perto. Sugeri que eu apanhasse um fruto maduro e o cortasse. Enquanto eu cumpria sua ordem, ela fechou os olhos e se concentrou. Seu rosto emitia uma suave luz dourada. Era como se eu estivesse vendo sua aura. Apanhei o fruto, tomei uma faca e o cortei ao meio.

- Aqui está, disse eu, mostrando o caroço do abacate.

- Descasque o caroço com cuidado.

- Meu Deus! Isso é uma bola de ouro maciço. Você não é um ser humano normal. É uma bruxa, uma deusa, um ser superior. Tainá, volte ao seu normal. Você me assusta.

- Estou no meu normal, querido. Mas vejo que você ainda está longe da nossa realidade. Ainda terá que percorrer um longo caminho. As instruções que você tem recebido ainda não operaram a grande transformação em seu ser. Libere a energia cósmica que está aí dentro e começará a entender certas coisas. Você pode alterar a estrutura da matéria. Os antigos falavam em pedra filosofal. Você se lembra disso muito bem.

- Sim, mas sempre achei que era uma ideia maluca.

- Você ouviu falar de busca do Eldorado, busca de um mundo maravilhoso que existia nestas terras.

- Sim, mas ninguém achou esse mundo maravilhoso.

- Você tem certeza disso? Há os que acharam e nunca voltaram para divulgar o feito.

- Pois é!

- Você leu um livro cristão que fala de um mestre tirando moeda de ouro do ventre de um peixe. Isso nunca o impressionou?

- Sim, mas ele tinha poderes divinos.

- Penso que está na hora de você rever todos esses conceitos e aprender que coisas fantásticas existem. Nossa galáxia encerra mistérios e nós somos parte dela. Acalme-se e deixe os fatos penetrarem no seu mundo interior. Você vai descobrir que todos nós somos magos, bruxos ou seja lá que nome você queira dar. Basta que saibamos administrar a energia cósmica que temos dentro de nós. Maravilhas serão operadas.

A tarde caía e o sol começava a se despedir de Tabaçu. Confesso que não estava preparado para presenciar coisas tão extraordinárias. Os pássaros se recolhiam. Muitos deles aprontavam um tremendo alarido em árvores ao longe. Vi algumas bolhas voadoras cruzando o céu. Vi diversos garotos retornando às suas ocas. Eles esvoaçavam a poucos metros do solo. Eu não achava mais nada anormal naquele lugar. Tudo era natural em Tabaçu. Entendi que a iluminação das ocas e de algumas ruas não podia ser produzida por energia hidrelétrica ou coisa parecida. Alguém haveria de me explicar que se tratava da grande energia cósmica. Ela seria captada e armazenada em capacitores muito especiais.

Entendi que havia também muito material fosforescente sendo usado para criar uma tênue e romântica claridade ao redor de jardins e passarelas. Vi até um arbusto todo iluminando que me fez lembrar a sarça ardente do Moisés bíblico. Alguém mais tarde me explicou que aquela planta se chamava andurá e era relativamente comum na região. Tainá me despertou de meu sonho acordado.

- Chegamos, querido. Esse foi um dia maravilhoso para mim. Sei que interrompi seus pensamentos e entendo que sua cabecinha ainda vai girar pelo resto da noite.

- O dia foi extraordinariamente lindo e rico para mim. Obrigado, querida. Penso que não vou conseguir dormir.

- Tenho meus segredos, disse Yara se aproximando. Na minha oca tudo vai ser diferente. Depois de um banho quentinho e de um jantar carinhosamente preparado, você vai virar um anjinho adormecido.

Tainá, a minha Sophia de outros tempos, sorriu e se despediu com um beijo. Eu a contemplei partindo célere para sua oca. Yara, minha bela Diana de sempre, me tomou pela mão e me levou para sua oca.

## **XVIII.**

### **Yara, a mãe d'água**

Procurei a bela Yara por toda a oca enquanto esfregava os olhos ainda ofuscados pela luz da manhã. Sentada num banco de pedra em seu jardim, ela me aguardava. Foi contemplar a beleza do amanhecer, mas já tinha retornado do ritual sagrado.

- Pensou que não iria pegar no sono a noite inteira?

- Dormi feito uma pedra.

- Viu que eu tenho meus segredos?

- Pelo jeito, você também pratica bruxarias.

- No bom sentido, claro.

- Perdi o ritual do amanhecer.

- Todos os dias o sol nasce. Não faltará oportunidade.

- Mas este simples mortal perdeu a oportunidade de entrar em êxtase ao lado de uma deusa, ouvindo o coral dos pássaros.

- Sem exageros. Vamos aproveitar o dia percorrendo juntos outros caminhos de Tabaçu e de seus arredores.

- Vamos lá, eu disse, procurando o caminho.

- Não é por aí. Veja quem vai conosco.

A bolha voadora estava a cem metros de distância e, lá dentro, quem nos aguardava era aquele robô com cara de ET. Os meninos o chamavam de Yoyô. Lá fomos nós voando sobre o verde infinito da selva. Yara trajava uma espécie de uniforme da tribo. Usava uma tanga verde e algo sobre os seios. Na cabeça, ela tinha um cocar de cor obi, azul celeste. Na verdade, esse era, em parte, o meu traje também. Yoyô nos serviu um reforçado café da manhã a bordo. Sobrevoamos em baixa altitude as nascentes do rio Piraí, que mal conseguíamos ver do alto. As copas das árvores encobriam aquela maravilha. Depois, fomos para oeste e avistamos a nascente do rio Acaraí. Uma nascente de rio leva sempre o nome de yara, mãe d'água. Diana, minha mestra daquela manhã, ganhou o nome de Yara certamente porque sua personalidade está associada a essa nascente. De qualquer forma, foi nesse lugar romântico que Rudá, o mestre que desceu das alturas, chamou-a de Yara pela primeira vez. Ali chegamos e contemplamos o panorama. Eu estava em êxtase provocado pelo perfume da selva e pela beleza da deusa das águas. O piloto pareceu sentir o clima que estava rolando. Ele nos deixou sobre uma grande pedra chata chamada Itapeva e partiu.

Havia uma trilha ladeando o rio e por ela prosseguimos. O rio era apenas um córrego, naquele local. À medida que caminhávamos, senti que o volume das águas aumentava. Havia muitas outras mães d'água brotando do seio da selva. Eu contemplava as copas das árvores procurando qualquer coisa que nos fizesse companhia, quando uma belíssima garça real mostrou, por inteiro, o seu corpo emplumado de cores variadas. Foi, então, que o leito do rio se alargou e surgiu uma cachoeira espumante. Entramos no rio e Yara me disse que era o momento de um banho purificador.

- É muita a energia que se concentra numa cachoeira, disse ela.

- Imagino que sim.

- Deixe que as águas espumantes percorram seu corpo inteiro. Uma cachoeira está aí para purificar o corpo e a mente. Esteja sempre consciente de que está captando energia. Você vai precisar dessa força durante nosso passeio. Ela estará ao seu alcance por toda a vida.

Foi quase uma hora de banho de cachoeira. Depois disso, prosseguimos andando pelo leito raso do Acaraí. O volume das águas crescia e senti que estávamos sendo puxados por uma força qualquer. Yara disse que era o momento de sairmos do leito do rio porque, mais adiante, havia uma cascata. E lá estava ela num salto de vinte metros sobre um paredão de pedra.

- Pronto, disse eu. O passeio termina aqui.

- Negativo. Já ouviu falar em rapel?

- Ra ra rapel, gaguejei.

- Assim, ó.

Yara simplesmente colocou algumas cordas nos lugares certos e, num salto, desceu alguns metros, apoiou os pés no paredão de pedra e saltou novamente até pousar em solo firme lá em baixo.

- Pode vir, ela gritou rindo.

Lá fiquei eu remoendo uma dúvida. Saltar ou não saltar, eis a questão. Pensei muito e concluí: se uma mulher, membro do sexo frágil, pôde dar aquele espetáculo de destreza, era obrigação minha fazer o mesmo. Afinal, eu era o homem da história. Aí me veio a interrogação existencial e atroz. Por que foi que nasci homem? Vou ter que honrar minhas calças. Sim, mas eu estava de tanga. Logo, não tinha que honrar coisa alguma. Ou será que havia outras coisas para honrar? Vontade eu tive foi de sair correndo!

- Tenho mesmo que pular?

- Estou esperando.

- O que vou ganhar com isso?

- Experiência e, talvez, algo mais.

Eu já tinha visto muitos pulos de rapel. Sempre notei que era preciso dar aquele salto para fora e, depois, apoiar os dois pés no paredão para um novo impulso. Mas nunca tinha passado pela minha cabeça a ideia de ter que fazer isso um dia. Amarrei o que tinha de ser amarrado, Fiz tudo do jeito que Yara tinha feito e lá fui eu. Se foi um salto elegante eu não sei. Quantas vezes bati os pés no paredão eu nem contei. O certo é que cheguei lá em baixo sob os aplausos generosos da bela Yara. E um beijo aconteceu espontâneo e quentinho feito pão de queijo quando sai do forno.

- Sempre existe uma primeira vez, disse ela.

- Existe mesmo. Valeu pelo prêmio.

- E você se saiu muito bem.

Vista de baixo para cima, a cascata era uma beleza à parte. Como em todas as quedas d'água, em baixo dela formou-se um pequeno lago. Saltamos nele e nos banhamos de novo para receber o jato de energia no corpo e na alma. Saímos do rio. Continuamos a caminhada pela trilha da margem direita. Mais adiante, onde o rio se alargava e seguia debaixo das copas das árvores, a trilha terminou. Havia ali uma elevação do solo em forma de paredão de pedra lisa e íngreme. Yara explicou que tínhamos que atravessar para a margem esquerda. Para isso, deveríamos andar de lado sobre um cabo segurando com as mãos outro cabo mais em cima.

- Vamos lá!

- Mais uma aventura? E essa vai ser no meio de dois cipós.

- Faça como eu. Abra as pernas em baixo e junte as mãos em cima. Abra as mãos em cima e junte as pernas em baixo. É fácil.

A danadinha da moça foi na frente fazendo tudo rápido e perfeito. Eu fui atrás, tremendo de medo. Mas quem fez um rapel não pode duvidar de sua capacidade de andar na corda bamba. Quando terminei a travessia, eu me imaginei um Tarzan na selva. Soltei até aquele grito que só ele sabia dar. Eu ria de felicidade. No alto de uma árvore, um macaco safado batia palmas.

- O primata está se achando uma Chita.

- Claro que está! Pelo jeito eu tenho que ser a Jane.

Rimos muito de todas aquelas aventuras. Eu estava feliz. Sempre desejei passar por desafios como aqueles. Junto com essa companheira maravilhosa era tudo que poderia desejar. Descemos por mais meia hora entre árvores sempre percorrendo a margem esquerda do Acaraí. Uma grande quantidade de aves surgiu, quando o rio se tornou mais calmo, largo e profundo. Entre todas aquelas aves, destacavam-se as garças, que deram nome ao rio. Mas vi também muitos outros animais. Alguns se mostravam e outros se escondiam. Pude detectar macacos, jacarés, onças, jiboias, sucuris, veados, antas, capivaras, para nomear apenas os mais conhecidos. Yara cumprimentava todos eles com um olhar carinhoso e palavras atenciosas.

Um último paredão surgiu na trilha que seguíamos. Ela não duvidou. Tomou distância, correu e saltou cinco metros de altura para pousar suavemente lá em cima. Esperou que eu fizesse o mesmo.

- Oi, não sou passarinho e nunca aprendi a voar, gritei lá em baixo.

- Ou você salta cinco metros de altura ou pratica um pouco de alpinismo nesse paredão liso.

- Como assim? Não existe outro caminho?

- Pode tentar o salto. Acho que vai conseguir.

- Nem pensar

- O garoto, ontem, lhe ensinou que basta suspender um pouco a lei da gravidade e o voo acontece. Vai tentar?

Sentado na relva úmida daquela trilha, acho que chorei. Era muito para aquela manhã. Abolir a lei da gravidade! Boa essa. Isso é coisa dos deuses. Mas foi o que Yara fez na minha frente. Ela também não é passarinho. No entanto, está lá em cima olhando para mim. Entendi que se tratava de uma instrução e que eu estava sendo testado como discípulo. Tabaçu é uma escola de misticismo. É um lugar diferente. O povo dessa aldeia é muito louco. Mas se eu quiser ir em frente, tenho que tentar. Juntei forças. Captei toda a energia que circulava pela selva. Tomei distância e corri. Penso que cometi infração por excesso de velocidade.

Saltei. Concentrei-me na ideia de abolir a gravidade. Não, eu não podia fraquejar lá no alto. A queda seria triste. Confiança na minha capacidade era tudo que eu tinha que despertar. Decolei. Atingi os cinco metros de altura e pousei suavemente no solo lá em cima. Silêncio. Yara estava muda. Eu não consegui dizer oi. Como explicar aquilo? Nada a explicar. Depois do eloquente silêncio, ela falou.

- Parabéns. Conseguiu voar de primeira. Se não conseguisse, eu iria lhe mostrar o caminho das pedras, algo alternativo. Mas esse teste tinha que ser feito. De hoje em diante, você vai fazer isso sempre que precisar. Evite, porém, dar espetáculos e provocar mera admiração. O poder que temos e que aprendemos a liberar merece muito mais que uma sessão de malabarismo circense. O verdadeiro mago não usa seus poderes para se promover e ganhar aplausos. Essa potencialidade está dentro de você. O que você fez foi mais uma liberação do poder do espírito.

- Começo a ter certeza de tudo que vocês estão me ensinando.

- Mas não vamos ficar aqui parados olhando para trás. Ainda há uma boa distância para percorrermos até Tabaçu.

Havia um espaço plano e gramado naquele pequeno altiplano. Yara deitou-se na grama. Fiz a mesma coisa. Ficamos olhando as nuvens em volta do sol. Não demorou muito e uma bolha voadora desceu do céu. Pousou na relva e a portinhola se abriu.

- É hora do almoço, disse Yara me pegando pelo braço.

Lá fomos nós apreciar as delícias que Yoyô nos trazia. Ela conversava com o ET com uma desenvoltura que me causava inveja. Imagino que eram agradecimentos e elogios. De qualquer forma, tudo tinha sido planejado e acontecia de acordo com o plano. Descansamos por uma hora e liberamos a bolha. Yoyô se despediu e nós continuamos a caminhada. No rio, mais adiante, havia um caiaque nos aguardando.

- Mais um pouco de emoção para nossa caminhada, disse Yara rindo lindamente.

- Vamos descer essa corredeira de caiaque?

- Um excelente exercício. Vai acabar com essa barriguinha que aí está.

- Ah, não. Até você está preocupada com minha barriguinha de estimação?

- É para seu bem e sua elegância.

- Dane-se a elegância. Um dia, um jovem de cinturinha fina vestido de branco escreveu na minha ficha médica: obeso sedentário.

- Não! Que maldade!

- Obeso sedentário é o canário dele.

- O que foi que disse?

- O canário dele.

- Ah, bom.

- Imagine só. O pobre passarinho vive preso numa gaiola. Claro que virou obeso e sedentário,

Nem sei se o doutorzinho possuía um canário, mas foi o que me veio à cabeça naquela hora. Mas o que importa é que decidimos continuar em frente. Quando Yara foi desamarrar a corda que prendia o caiaque a um tronco, uma pequena víbora picou a mão dela. Ficou agarrada. Ela balançou o animal no ar e a cobra caiu no chão. Era uma dessas cobrinhas pequenas, mas muito venenosas. Minha mãe dizia que aquilo era peçonha concentrada. Peguei um pedaço de pau e fui correndo matar o bichinho.

- O que vai fazer?

- Vou acabar com a vida desse bicho atrevido.

- Não faça isso. Ela se sentiu ameaçada e se defendeu. É a lei da natureza.

- Mas e você? Não vai correndo se tratar?

- Amigo, esse é outro assunto que você há de dominar um dia. Por causa da energia que sorvemos diariamente, nós nos tornamos invulneráveis. Animais ferozes não nos agridem, veneno de bichos peçonhentos não nos fazem qualquer mal, armas brancas ou de fogo não nos ferem, nada nos atinge.

- Caramba! Isso é incrível. Será que estou no paraíso terrestre?

- Você está num espaço em que os seres humanos já deram um passo avante em sua evolução. Somos a geração da nova era. Resgatamos os poderes perdidos no momento da encarnação. Estamos inaugurando o tempo do “homo magus”. .

- Então é isso que vocês estão tentando me ensinar?

- Demorou! Parece que você, finalmente, entendeu. E há mais coisas para você observar. Você nunca vai encontrar um velhinho entre nós.

- Não me diga! O que vocês fazem com eles? Sacrificam? Desintegram?

- Nada disso, bobinho. Eles simplesmente não existem. Idosos existem, mas eles não envelhecem.

- Não entendi.

- Também nós alcançamos idades avançadas. Mas velhice é outra coisa.

- O que é velhice?

- É a falta de renovação das células. Isso não acontece conosco. Normal é o processo de renovação celular sem interrupção. Quando isso não ocorre, acontece a decadência.

- Seria porque vocês bebem da água de alguma fonte da eterna juventude?

- Essas são lendas que poderiam, até mesmo, ter um fundo de verdade. . Mas o fato se deve à liberação da energia cósmica acumulada dentro dessa bateria fantástica que é o nosso corpo.

- Sempre a energia! Como vocês falam dela com entusiasmo!

- Você iria acabar notando que, por aqui, não existe doença. Mal nenhum nos atinge. Esse é o “status” do ser humano da nova era.

- Invulneráveis, renováveis, inatingíveis, sempre jovens, belos e sadios? O novo homem vai ser um novo Adão em um novo paraíso? Então esse é o segredo de vocês três, minhas lindas amigas de outros tempos. Surgiram lá na minha cidade com a mesma cara e o mesmo corpinho jovem de antigamente.

- O novo ser humano que vai surgir na Terra chegará com todas as defesas e com

todos os seus poderes liberados. Somos precursores de um novo tempo. Nossa tarefa atual é preparar o ser humano de hoje para a chegada da nova era.

Não respondi, não comentei, não sei se acreditei. Preferi continuar nossa aventura. Saltei no caiaque junto com minha deusa e descemos todos os muitos quilômetros de uma longa corredeira. As águas velozes nos jogavam contra pedras, contra as margens e para frente. Com os remos, nós conseguíamos nos equilibrar bravamente. Depois de um longo trajeto, o rio voltou à sua calmaria. Banhou serenamente as terras da grande aldeia e juntou-se, mais em baixo, às águas do rio Piraí. Descemos lentamente a belíssima trilha aquática chamada Iporã. Entramos no grande lago do boto, que eu conhecera no dia anterior.

Nenhum de nós parecia querer sair do caiaque. Alguma coisa no espaço sussurrava dizendo que aguardássemos porque algo ainda deveria ocorrer naquele lago. Possivelmente, esperávamos a chegada das sombras da noite para contemplarmos as estrelas. O brilho das constelações desenhadas no tecido escuro do céu que cobre a Amazônia é forte e belo. Supera a pálida figura ofuscada pelas luzes de uma cidade grande.

O sol estava fraco e começava a recolher seu brilho. Reinava o silêncio. Os pássaros pressentem o fim do dia. Tudo estava calmo quando, de repente, Yara me assustou com um grito de surpresa e alegria. Alguém se aproximava de nós remando mansamente o seu caiaque. Era nada menos que o mestre Rudá.

Ele tinha uma mensagem. Falou da fraternidade universal e do amor fraterno. Falou de desejo e afeto. Naquela tarde romântica tudo falava de amor. Ele nos fitou profundamente. Olhando em nossos olhos, ele concluiu que amor é a energia primordial, é o sangue da evolução espiritual. Deixou-nos ainda este pensamento:

- Quem é movido pelo verdadeiro amor leva para sua noite romântica o desejo que o mundo seja feliz. Ele não vive um egoísmo a dois. Esse amante tem certeza que todos somos filhos do mesmo pai. A humanidade terrestre prepara-se para o encontro com os irmãos do espaço e o primeiro passo consiste em abrir o coração. Amor é o único sentimento que poderá unir todas as humanidades. Temos irmãos espalhados pela galáxia e muitíssimos outros habitando distantes pontos do universo. O encontro com nossos irmãos distantes há de ser muito enriquecedor.

Rudá tinha nos olhos um brilho que me encantava. Seu rosto permanecia envolto numa aura lilás que provinha de suas profundezas. Nem eu nem Yara tínhamos o que acrescentar a palavras de tanta sabedoria. Ele nos desejou uma linda noite e remou para um canto distante do lago.

Deixamos o caiaque atracado em um tronco e fomos para o centro da taba. O mundo de Tabacu reserva uma surpresa em cada canto. Dessa vez o canto tinha uma árvore chamada Inaiá. Ela produz um fruto de polpa suculenta. De sua castanha é extraído um óleo ricamente alimentício.

- Entre os tupis há uma lenda que fala do nome dessa árvore, disse Yara.

- E o que é que diz a lenda?

- Entre nós, há muitos e muitos anos, viveu uma jovem de extraordinária beleza que reinou poderosa nesta vasta região da selva. Era dotada de muita beleza e extrema sabedoria. Quando ela morreu, sobre sua tumba brotou esta árvore que acabou recebendo o nome dela.

- Inaiá?

- Isso mesmo. E todos consideram esta a árvore da vida, sendo os seus frutos consumidos ritualisticamente como os frutos da longa vida.

- Claro que vou experimentar um deles.

- Vai mesmo?- Perguntou Yara rindo.- Veja quem está aí.

Dei um salto para trás ao ver a moradora da árvore. Era nada mais nada menos que uma enorme serpente negra que se enroscava pelo tronco e ocupava majestosamente os galhos até cerca de três metros do solo.

- Que susto, menina, você nem para me avisar.

- Essa é Boiúna, aquela que deu nome a esta aldeia.

- Mora nesta árvore?

- Quase sempre passa a noite aí. Ela também está envolta em lendas.

- Mais histórias!

- Dizem que Boiúna pode se transformar numa sedutora mulher de tez morena e olhos azuis, capaz de atrair qualquer homem desavisado.

- E o que devo fazer?

- Quer mesmo comer do fruto da árvore da vida? Aquele que nem Adão conseguiu comer no paraíso?

- Mitos são mitos. Quero viver esse mito até o fim.

- Educadamente, peça permissão à Boiúna, colha o fruto e coma.

- Amanhã eu passo por aqui, numa hora em que ela não esteja, e colho o fruto.

- Bobinho! Tome esse aqui e agradeça à rainha Boiúna pelo presente.

- Obrigado, moreninha misteriosa.

A noite, finalmente, estendeu suas sombras sobre Tabaçu. Terminamos a caminhada diante da oca de minha querida Yara. Foi um passeio fantástico e muito instrutivo. Outra fascinante jovem nos aguardava. Despedi-me carinhosamente de Yara e segui Potira na direção de sua oca.

## **XIX.**

### **Potira, uma flor**

A oca de Potira fica no extremo leste de Tabaçu, perto da mata fechada. Ali corre o caudaloso Piraí. As águas noturnas embalam meu sono. O murmúrio, aliado ao frescor da noite negra, fez-me perder o sentido de realidade. Dormi profundamente.

Um galo por ali me avisou que era manhã, Abri a porta e notei que um corredor atravessa toda a extensão da oca, da porta de entrada até uma copa-cozinha posta de frente para a mata. Potira me aguardava ali preparando, alegremente, o café da manhã. Naquele lugar aconchegante, tivemos nossa primeira conversa matinal.

- Sei que você anda impressionado com a incidência da palavra energia em nossas falas e em tudo que nos envolve.

- Ando impressionado com a palavra e com a coisa.

- Pois saiba que energia é o que importa. É necessário aprender a captar esse mundo energético durante a vida inteira. Os mais cultos gregos da antiguidade falavam das três facetas da divindade. Essas facetas são observáveis através da obra criada. São elas: sabedoria, harmonia e energia.

- Sophia, Irene, Dynamos.

- Lembrou-se de velhas instruções. Dynamis é a força, a energia, é o movimento de todo o universo. Existir no plano físico é mover-se. Observe que tudo se move o tempo inteiro. Uma rocha aparentemente inerte é feita de átomos. Átomos movem-se incessantemente. O universo como um todo se move infinitamente. Esse movimento provém de uma fonte única: Mahaan Aatma, o Grande Espírito.

- O mundo físico é movimentado pelo mundo metafísico.

- Mas nós não vamos ficar aqui filosofando. Veja que, em Tabacu, tentamos vivenciar esses princípios, sem filosofar muito. Aqui existe a busca constante da energia físico-metafísica.

- Tocou no assunto que mais me chama a atenção por aqui.

- Então, veja o lugar em que você está. Esta é uma oca no formato de meia esfera emborcada.

- Isso me enche de interrogações.

- Pense nas dimensões. Elas falam, por si, de harmonia, energia e sabedoria. Cinco metros de altura, um círculo com uma circunferência de 31,41 metros na base tendo um diâmetro de dez metros.

- Harmonia nas medidas e beleza no conjunto, fazendo jus à moradora, que tem nome de flor.

- Esta oca é um excelente instrumento de captação e condensação de energia. Permanecer aqui dentro significa energizar-se o tempo todo.

- Sempre achei que o formato ideal de um ambiente apto a captar e armazenar energia fosse o formato de pirâmide.

- Se a pirâmide estiver inserida nessa meia esfera emborcada, seu poder energético será muito maior.

- E onde está ela inserida aqui dentro?

- Só mentalmente. O que é muito eficaz também. Mas venha ver algo ali fora.

Segui Potira nesse passeio. Eu estava curioso. Do lado de fora da oca, lancei um olhar interrogativo para a bela construção imaginando o que ela poderia encerrar de mistério. Misteriosa também era minha Verônica, a bela Potira, que caminhava à minha frente. Ela trajava o uniforme de Tabaçu. Era a mesma tanga verde e aquele algo sobre os seios. No rosto, estava impressa a essência da mata virgem, um par de olhos verdes. Eles se harmonizavam com um corpo bronzeado de sol e raça.

Atravessamos uma daquelas pontes românticas e abauladas tecidas de flores. O rio descia sonoro debaixo da ponte. Chegamos a um trecho de mata mais densa. Potira me conduziu até uma clareira em que a luz do sol era livre para brilhar forte. No meio daquele espaço estava uma pirâmide. Ela estava coberta de musgo, cujo verde não prejudicava sua forma geométrica, mas era um belo

disfarce para quem olhasse do alto.

- Olhe bem para isso. Você está diante de uma edificação perfeita para captar e condensar energia.

- Lindíssima! Parece que ela guarda as mesmas proporções da oca.

- Bem observado. No solo, você pode ver que ela está dentro de um círculo. Sua circunferência tem dez metros de diâmetro, tal qual a oca onde você passou a noite. Mas a pirâmide está construída em cima de uma base quadrada inserida no círculo. Sua altura é de 4,5m.

- Não deveria ser de 5m, como a altura da oca?

- Veja bem. O quadrado sobre o qual a pirâmide se apoia é dividido em dois triângulos retângulos. O diâmetro de dez metros daquele círculo torna-se, então, a hipotenusa dos triângulos. Usando o teorema de Pitágoras, fica fácil calcular o tamanho de cada cateto. Por aí se obtém a altura.

- Entendi. Dez vezes dez são cem, o quadrado da hipotenusa. Dividindo cem por dois, obtemos cinquenta, que é o quadrado de cada cateto. A raiz quadrada de cinquenta é 7,07. Esse é o tamanho de cada cateto. Mas onde fica a altura?

- Saiba que a altura da grande pirâmide de Gizé é o resultado da divisão do dobro de um cateto de sua base pelo número mágico, ou seja, por 3,1416.

- Não me diga!

- Cada lado da base da grande pirâmide tem 230m. O dobro disso é 460. Dividindo esse número por 3,1416, você obtém 146,42, que é a altura daquela pirâmide. A circunferência imaginária que envolve a base daquele monumento colossal tem um raio de 162,63m que, seguramente, não é a altura da pirâmide.

- E essa pequena pirâmide aqui em frente guarda as mesmas proporções da grande pirâmide de Gizé?

- Sim. O dobro de 7,07 é 14,14. Dividindo esse número por 3,1416 você obterá 4,5, que é a altura da pirâmide de Tabaçu.

- Estou impressionado. Mas, pensando bem, você não acha que os nossos selvícolas já estão muito distantes de seus antepassados? Sinto que já perderam totalmente sua cultura e seu modo de vida indígena, tendo que se haver com tanta filosofia e matemática.

- Esse é um equívoco generalizado. Você também está muito distante de seus antepassados trogloditas. Acho que não gostaria de ter permanecido nas cavernas até hoje. Mudar, trocar, progredir é a lei da existência humana. Respeitar a cultura, as tradições e o modo de vida de um povo não significa isolá-lo do resto do mundo para que ele não compartilhe com outros povos daquilo que é bom. Evoluir é preciso.

- Faz sentido

- E como faz! Os costumes aqui são conservados, sim. A cultura tupi é aqui cultivada e valorizada. Haja vista o cultivo de nossos melhores mitos. Mas existe muita coisa lá fora que é posta à disposição desta tribo para que ela se beneficie. É posta, mas não imposta.

- Disse tudo. Mas onde fica a língua nheegatu?

- Fica aqui mesmo. Nossa língua por aqui continua sendo o tupi, ou nheengatu.

- Você não está enganada?

- Enganado está você. Todas as pessoas que têm falado com você nestes dias têm também usado a língua nheegatu.

- Brincadeira! Como assim, se eu entendi tudo que foi falado?

- Fico feliz em saber que a telepatia funcionou.

- Telepatia?

- Sim, amigo, esse é outro poder que aprendemos a desenvolver. Essa é a capacidade de ler a mente da pessoa falante independentemente da língua que está usando.

- Estou assustado.

- Os visitantes alienígenas que aqui chegam, falam suas línguas e todos nós entendemos. Falamos a nossa língua e eles entendem tudo.

- Eles falam a língua dos anjos?

- Hoje sabemos que essas pessoas são, apenas, nossos irmãos extraterrestres. Naquela noite linda da festa na grande oca, Baíra, Rudá e Yamandu falaram na língua deles e você entendeu tudo. E eles entenderam tudo que nós falamos.

- É um mundo novo esse que vocês estão mostrando para mim. Isso me faz lembrar narrativas místicas, como aquela dos textos bíblicos. Um daqueles textos diz que os apóstolos falavam para a multidão e todos entendiam, cada qual na sua língua.

- Definiram aquele fenômeno como glossolalia, que significa falar línguas; mas, na verdade, era telepatia.

-Você falou do Yamandu. Ainda não entendi muito bem essa entidade tupi.

- A história de Yamandu é o meu mito preferido. O personagem tem tudo a ver com energia. Ele é a energia que sempre existiu, existe e sempre existirá. Foi essa energia que criou o universo. Não é alguém com forma humana representável. Aquela força fantástica, através de um demiurgo, criou anhandeci, a matéria primordial. Ela criou também anhangá, o espírito antigo. Criou Tupã, o

senhor do raio e do trovão. Criou Caapora, o protetor dos seres vivos e Yara, a rainha das águas. Essa energia deu existência e mantém no céu Coaraci, o sol, Jaci, a lua e Tainás, as estrelas.

- Como é maravilhoso saber que todos os povos têm uma espécie de memória atávica que os faz resgatar a imagem de um criador! Salve, ó grande Yamandu.

- Será que ouvi meu nome? Perguntou alguém saindo da pirâmide.

A cena que se seguiu foi tão comovente que não cabe em palavras. Um misto de vibração, emoção e surpresa aconteceu diante dos meus olhos. Potira amava Yamandu como se fosse um pai carinhoso. Coube a mim contemplar uma cena íntima, quase familiar.

Os visitantes espaciais que aparecem em Tabaçu não permanecem quietos naquela aldeia. Eles percorrem dezenas de outras comunidades pelo planeta. Fazem, na verdade, uma auditoria. Montam relatórios de tudo que veem. Produzem vídeos, álbuns e depoimentos para levar ao seu mundo. Reúnem os principais responsáveis pelos diversos setores e passam instruções. Colhem ideias para levar de volta para seu lar. Eles têm uma intensa programação quando chegam por aqui. Por isso, a presença de Yamandu na pirâmide naquela manhã foi uma grande surpresa.

- Meu mestre! - Exclamou Potira entusiasmada.

- Minha garota! - Disse ele. - Estou aqui exatamente porque sabia que vocês iriam aparecer nesta clareira da pirâmide. O nosso Ubatã precisa de uma palavra para clarear algumas ideias.

- Muita honra, mestre, preciso muito.

-Vamos nos sentar naquele banco de madeira, convidou Potira.

- Nem precisa perguntar. Você quer saber quem somos nós, os visitantes do espaço. Tem curiosidade legítima a respeito do nosso mundo de origem ao qual damos o nome de terceiro céu.

- Leu meu pensamento.

- As pessoas puras não conseguem esconder suas ideias. Você é quase transparente.

- Sou mesmo? Obrigado.

- Terceiro céu é uma expressão que usamos para ocultar uma verdade só revelada a poucos. Nada especial, porém. Trata-se de um planeta que gira em torno de uma estrela situada a mais de oito anos-luz da Terra. Esse planeta é um dos dez que compõem nossa atual federação galáctica.

- Nossa! Isso é fantástico.

- Essa estrela está envolvida em lendas, mitos e histórias que foram contadas

aqui desde a mais remota antiguidade! Naquele planeta existe uma antiga civilização e é de lá que viemos.

- Estou simplesmente fascinado.

- Imagino. Essa revelação ainda não pode ser repassada ao grande público. Todos que nos visitam saem de lá com a proibição de revelar a localização do nosso planeta. Por isso dizem ter visitado o terceiro céu.

- Houve um antigo sábio, o estruturador da igreja cristã primitiva, que também usou essa expressão. Ele se orgulhava de ter sido abduzido e de ter visitado o terceiro céu, onde ouviu palavras indizíveis.

- Vocês o chamam de Paulo. Conhecemos sua história. Ele, realmente, consta da lista dos muitos visitantes terrestres que já passaram pelo nosso mundo. Mas isso ocorreu há muito tempo.

- O planeta de vocês tem nome?

-Tem, claro. Chama-se Triton Ouranó. Mas não consta ainda dos elencos da ciência astronômica terrestre. Também não cabe a nós, por enquanto, traçar um mapa celeste e passar os dados exatos aos habitantes da Terra.

- A distância entre vocês e nós é imensa. São mais de oito anos-luz. Lá, vocês não correm o menor risco de uma invasão terrestre.

- Nunca se sabe.

- Com toda essa distância, será que a Terra poderá, um dia, fazer parte da federação?

- Essas distâncias são imensas para vocês. Vocês se referem a elas como astronômicas e têm razão. Estamos falando de astros, que não podem ficar perto um do outro. Mas, no ambiente galáctico, isso não é grande distância.

- Para nós, usando nossa tecnologia, fica mesmo impossível andar por aí tentando chegar até Tritão ou Urano.

- Você disse bem. Usando sua tecnologia vocês não irão muito longe. Haverá um tempo, porém, em que vocês aprenderão a usar nossos recursos tecnológicos. Nós os temos usado há milênios, desde o tempo dos nossos antepassados distantes.

- Imagino que a civilização naquele planeta já exista há centenas de milhares de anos terrestres.

- Sim, você está certo. Há milênios, nossos antepassados vieram de lá e aqui prepararam este planeta para ser espaço novo, apto a novas experiências. Transformaram uma grande esfera seca no riquíssimo planeta água em que vocês habitam hoje. A simples geosfera recebeu a biosfera, que ostenta hoje essa profusão de vida em todos os ambientes, tanto terrestres quanto aquáticos. Este planeta, entre nós, é chamado de jardim da galáxia, viveiro cósmico, planeta vida.

- Então, a Terra já é famosa entre vocês?

- Nem imagina quanto. A sua fértil biosfera tem sido trabalhada para a construção e expansão da noosfera.

- Noosfera? Já ouvi falar nisso. Mas o que vem a ser, afinal?

- Assim como a biosfera é o invólucro de todos os componentes que possibilitam o surgimento da vida, a noosfera é o conjunto de todos os componentes necessários à presença do espírito.

- Entendi.

- A noosfera começou a ser construída quando nossos antepassados vieram aqui e ocasionaram o surgimento do primeiro ser pensante sobre a Terra, o ser humano.

- Pelo rabo do primata! Você está insinuando que o ser humano surgiu na Terra por obra e graça de uma comunidade extraterrestre?

- Estou simplesmente afirmando que nós todos, seres racionais e pensantes desta galáxia, temos uma origem comum e fazemos parte de uma imensa e promissora fraternidade cósmica.

- Meu Deus!

- E que o Deus que adoramos e cultuamos é um só e mesmo em todo o universo.

- Mama mia!

- E que nossa mãe comum é a eterna e fantástica sabedoria divina.

- Parei de raciocinar. É muita bomba explodindo neste pobre cérebro.

- A tarefa de Yamandu, para o povo tupi, é a de destruir para construir.

- E é o que você tem feito dentro de minha cabeça.

- Duvido que essa ideia já não tenha passado pelo seu cérebro, um dia.

- Pior que já. Mas logo rechacei como ilógica e absurda. Afinal, temos nossos cientistas que nos dão outras explicações no terreno antropológico.

- É para mudar tudo isso que estamos atualmente visitando este planeta com mais frequência.

- Mudar é muito difícil.

- Mas é necessário, para que haja harmonia entre nossos pontos de vista, já que teremos de conviver futuramente.

- Mas, a propósito, como está a tal noosfera terrestre?

- Ela já se tornou o invólucro pensante de todo o planeta. Atualmente, ela já é uma imensa energia construída por toda a atividade pensante da humanidade.

- Isso é maravilhoso!

- Hoje, sua densidade é fantástica devido à qualidade do pensamento gerado por aqui. O ser humano está maduro para liberar todos os seus poderes.

- Mas há pessoas que carregam uma tremenda carga negativa.

- Facilmente serão convencidas a mudar sua estrutura mental, quando perceberem as maravilhas que elas também têm dentro de si. Mudarão de atitude ao saberem que essas maravilhas estão à espera de uma oportunidade para entrar em ação. Importa valorizar cada pessoa. Este é o caminho para se despertar o mágico que reside em cada um de nós.

- Você parece que se refere à glândula pineal.

- Leu meu pensamento? Mas, pense bem, ela é, apenas, a ferramenta usada por você para atuar no mundo físico.

- Como eu gostaria de enfiar a mão lá dentro e colocá-la para funcionar plenamente!

- Venha cá, meu amigo. Vou mostrar-lhe uma coisa interessante.

Yamandu me levou ao interior da pirâmide. Um quadrado de pouco mais de 7m por 7 constituía um espaço considerável. Eu não sabia de onde provinha a luz interna, mas era iluminação indireta. A decoração era simples, mas muito nobre e aconchegante. Não havia móveis por ali, mas isso não causava impressão de vazio. No chão, bem no centro do quadrado, havia um tapete redondo de um metro de raio. Não era um tapete simples. Ele era volumoso e ricamente decorado. Tinha diversas figuras que representavam coisas da natureza e da astronomia. O mestre ordenou delicadamente que eu me sentasse sobre o tapete.

- Não é assim. Fique na posição de um Buda em meditação. Cruze os braços sobre o peito como faziam os faraós. O braço direito fica por baixo do esquerdo e os punhos permanecem suavemente fechados.

- Estou certinho, mestre?

- Correto. Imagine, agora, que você tem nas mãos uma heka e um hw. A heka era o cajado usado pelo pastor para conduzir o rebanho. O hw era o açoite usado pelo agricultor para debulhar os grãos. Os símbolos egípcios do poder eram, na

realidade, instrumentos de serviço e detinham poderes mágicos.

Yamandu ordenou que eu fechasse os olhos e me concentrasse na energia que seria liberada do meu interior com ajuda das forças daquela pirâmide. Ele e Potira saíram da pirâmide. Fecharam a porta.

Não sei exatamente quanto tempo durou a experiência. Ali dentro permaneci no silêncio. Mas o silêncio não era absoluto. Pareceu-me ouvir sons distantes, uma melodia de padrões a que eu não estava acostumado. Penso que eram mantras recitados por pessoas distantes. Aquelas vibrações penetravam no meu corpo inteiro. Um perfume delicado encheu todo o ambiente provocando uma sensação de relaxamento total. Foi quando comecei a levitar. O tapete me pareceu entrar em vibração e subir lentamente. Penso que cheguei a flutuar até uma altura de três metros. Depois, pensei em baixar um pouco e o tapete baixou. Por cerca de meia hora, o tapete pairou a uma altura de quase dois metros do solo. Depois disso, o mestre entrou na pirâmide. Yamandu e Potira sorriram satisfeitos ao me verem naquela situação.

- Está confortável aí em cima?

- Maravilha, mestre! Estou flutuando. Já sei. Foi uma simples anulação parcial da gravidade. Acho que vou é rir de tudo isso.

- Não vai rir não senhor. Desça daí e vamos conversar mais um pouco. Dentro da pirâmide desencadeou-se uma grande quantidade de energia. Você captou e ela entrou em ação. Levitar é apenas um dos efeitos da energia.

- Fui eu que levitei ou foi o tapete que decidiu subir?

- Tapete, no caso, é só um objeto. Ele subiu porque você o ergueu consigo. Mas vamos ao que interessa no momento.

O que me aguardava fora da pirâmide era uma surpresa muito agradável. Junto com Potira estavam Tainá e Yara, minhas queridas amigas. Um pouco atrás, vinham Baíra e Rudá. Partimos todos em direção a três bolhas voadoras onde nos aguardavam os três pilotos robóticos. Nós nos distribuímos pelas três bolhas e partimos. Logo chegamos à casa de campo. Abaeté aguardava-nos feliz, junto com Abaquar, meu primeiro guia por Tabaçu. O morubixá Tabajara e o pajé Waná chegaram logo em seguida. Para completar o grupo com o mágico número doze, foi-nos apresentada uma jovem muito especial. Não fiquei sabendo se era uma terráquea ou trito ouraniana, se era gente de carne e osso ou se era uma estátua de energia concentrada. Aquela dama tinha uma beleza envolvente, um charme, um encanto que envolvia todo o grupo. Baíra a apresentou e disse que, em Tabaçu, ela também recebeu o nome de uma entidade.

- Mestre, você me deixou curioso com esse suspense. Como se chama essa linda dama?

- Aqui em Tabaçu, o nome dela é Inaiá Boiúna.

E o banquete fraterno foi servido.

XX.

## O vinho da ceia

Meu lugar à mesa foi perto de Tainá, Yara, Potira e Abaeté. À nossa frente, sentaram-se os três visitantes ilustres: Baíra, Rudá e Yamandu. Junto com eles ficou Inaiá Boiúna. Os outros três lugares foram ocupados por Waná, Abaquar e Tabajara. Éramos doze e a mesa era redonda. Senti-me um cavaleiro novato à tábola do rei Artur.

Eu sabia que, em Tabaçu, os visitantes recebem nomes carinhosos ou próprios de entidades míticas. Foi assim que meus amigos ganharam nomes tupis. Foi assim que eu passei a ser Ubatã. Só não me conformava com o nome Inaiá Boiúna dado àquela belíssima dama à minha frente. Apesar de morena de olhos azuis, ela não levava jeito de serpente. Eu me perguntava: será que ela passou pela metamorfose? Será que essa é a forma que a serpente assume para seduzir homens incautos? Acho que eu próprio estava vulnerável àquela sedução.

Escusado falar da qualidade das iguarias servidas pelos três robôs. Mas as falas dos mestres, mesmo em tom totalmente informal, pareciam instruções de final de curso. Pretendiam fechar um ciclo de extraordinários ensinamentos. Yamandu pediu que eu elencasse algumas formas de manifestação da grande energia.

- Mestre, disse eu, percebo a energia em tudo que vejo. Entendo que ela existe também naquilo que não vejo. Ela está na corrente elétrica, no fogo, no calor dos corpos e no ar que respiramos. Está também no sol, nas estrelas, no vento, no raio, nos átomos, nos elementos que compõem toda a matéria, no giro das galáxias, na expansão do universo, numa flor que brota, num bebê que nasce, num potro selvagem. Tudo manifesta a pujança da misteriosa força que se chama energia cósmica. Matéria e energia, na verdade, são duas formas de se manifestar

da mesma realidade.

- Muito científico e também poético.

- A fala, a escrita, o poema, a criação literária, uma eloquente peça de oratória são manifestações humanas dessa energia imensa que tudo invade.

- O cavalheiro parece entusiasmado, comentou Rudá.

- Aprendi com vocês e tento praticar. Viver é captar energia o tempo todo. Cortando-se a fonte de energia, a vida se esvai. Sem energia, o planeta pararia, o sol se apagaria, a galáxia se desfaria. Os elétrons parariam de girar em torno dos núcleos. O universo inteiro ruiria.

- Ao falar de energia, você incluiu a flor. Esse foi um toque sutil, disse Rudá.

- Alguém já disse que a flor é um gesto romântico da planta para seduzir a natureza e propagar a vida.

- Nosso amigo está, realmente, tocado de romantismo, disse Yamandu. Como fica a mulher, dentro da sua visão?

- Minhas amigas queridas fazem jus aos nomes que receberam em Tabaçu. Olhando para elas eu diria que mulher é um gesto romântico do universo para seduzir a humanidade e propagar a vida. São como as flores.

Baíra sorria feliz com tanta vibração literária. Ele decidiu citar a frase de um sábio o qual disse, entre outras coisas, que o amor é uma forma de energia. Não só. “O amor é a mais universal, a mais formidável e a mais misteriosa de todas as energias cósmicas.” Fiquei feliz ao ouvi-lo citar algo de Chardin, um de meus pensadores favoritos. Baíra interrompeu meus pensamentos para perguntar.

- E onde fica a amizade, querido amigo?

- Amor e amizade são flores que brotam da mesma raiz. Apenas diferem em sua forma de manifestação.

- E como você veria o relacionamento entre os habitantes da Terra e os extraterrestres? Perguntou Baíra.

- Eu vejo esse relacionamento como algo maravilhoso que deverá gerar infinitas possibilidades para ambos os lados. Tenho esperança que o grande encontro aconteça em clima de paz e amizade.

- Na Terra, os seres pensantes evoluíram a partir de um único tipo de animal e o resultado é essa geração multicolorida de homens e mulheres. Caso em outros planetas o tipo seja diferente, como você veria aqueles habitantes?

- Não entendi, mestre.

- Imagine um planeta de répteis pensantes. Pense num mundo diferente feito de

aves, de animais marinhos, de quadrúpedes pensantes.

- Não pensei nessa possibilidade ainda, mestre, eu disse gaguejando.

- Pois, então, abra sua mente e comece a pensar. Pense também num mundo avançado onde as pessoas adquiriram o poder de se metamorfosear, de assumir diferentes formas físicas quando isso lhes interessa.

- Penso que ainda estou muito longe desse mundo fantástico.

- Sei que você tem ou já teve cães, gatos, vacas, cavalos e sempre amou muito esses animais.

- Sem dúvida. Mas acho que me assustaria muito se eles comessem a conversar comigo.

- De alguma forma eles se comunicaram com você e essa foi uma fecunda forma de relacionamento.

- Vou preparar meu espírito para quando esse tempo chegar e coisas fantásticas como essa vierem a acontecer. Na minha infância, conheci uma história que começava assim: “No tempo em que os animais falavam...”

- Quem sabe esse tempo vai voltar, disse o mestre rindo.

- Só rindo mesmo.

-Você disse que matéria e energia são duas maneiras de se manifestar da mesma realidade. Saiba também que, acima de matéria e energia, está o espírito. Foi ele que deu origem a tudo. Sem ele nada existiria. Saiba que o espírito que você é tem o poder de assumir qualquer forma, em qualquer lugar do universo. Esteja certo de que o seu poder ocorrerá quando decidir abandonar seu corpo físico e partir para outra dimensão da existência.

- Você está falando de morte?

- Sim, mas esqueça a noção negativa de morte. Morrer não é simplesmente deixar o corpo inerte e subir a um lugar qualquer do céu. Não significa partir para o encontro com alguma divindade que o aguarde no além. Não é passar a existir como um espírito sem corpo. Não é começar a viver por toda a eternidade como fantasma feliz. Essa é uma visão primitiva ligada à visão primitiva de universo. O espírito é imortal e só ele tem importância neste universo de infinitas mutações. Para a essência de você mesmo, morte não existe.

- E como funcionaria essa passagem, mestre?

- Depois de passar por aqui, você vai reassumir a vida em alguma outra maneira de existir. Você continuará vivo em outros espaços ou em outras dimensões. Realmente, a casa do Pai tem muitas moradas. Uma delas vai ser sua por mais algum tempo. Tempo é tudo que nos espera em qualquer recanto cósmico.

- Não entraríamos na eternidade?

- Eternidade é o status próprio daquele que criou o espaço e o tempo. Eternidade não é para nós. Viver é contar o tempo. É também buscar a perfeição divina. Como Deus é infinito, infinito também é o processo de evolução humana.

- Tudo isso é maravilhoso, mestre, mas não sei se estou preparado para tanta novidade.

- Não há nada de novo debaixo do sol. Essas ideias já frequentam este planeta desde a antiguidade. O problema é que poucos as assimilam.

- Você tem razão. Pouquíssimos.

- Guarde esta ideia. O universo é uma bateria imensa e nós estamos mergulhados nesse oceano energético. O corpo humano é um microuniverso carregado daquela energia. Não hesite em colocá-la em ação para melhorar você mesmo e quem está à sua volta. Você tem poder de curar doenças, exorcizar o mal e transformar a estrutura da matéria. Metamorfose é só uma atuação do pensamento energético sobre a estrutura da matéria. Você pode assumir uma diferente forma quando necessário.

Enquanto Baíra falava, eu flertava com a belíssima Inaiá Boiúna. Pensava naquelas pessoas tão ilustres ali presentes como se fossem outros tantos seres possuidores de formas diferentes em seus mundos de origem. Eles teriam assumido forma humana só para se comunicarem conosco. Viajei em pensamento à antiguidade greco-romana e ao Egito antigo. Pensei nas mitologias e nos mitos que falam de divindades assumindo forma humana. Pensei no Júpiter

assumindo forma de água para raptar o jovem Ganimedes. Era difícil bloquear meu pensamento para que não fosse captado pelos demais. Sei que eles sabiam tudo que ocorria em meu cérebro.

Naquele momento, Baíra mandou trazer à sua frente uma bela jarra de cristal totalmente transparente. Estava cheia de água. Mandou que todos nós prestássemos atenção na água imaginando que ali estava presente uma substância indispensável à existência de vida. .

- Concentrem seu pensamento nesta água ordenando que ela, agora, passe por uma profunda metamorfose.

Houve alguns minutos de concentração em que eu imaginei de tudo. Imaginei ver Inaiá Boiúna em forma de serpente negra enroscada na árvore da vida. Imaginei Baíra em forma de boto nadando lá no lago. Yamandu parecia uma água voando majestosa pelo céu. Rudá tinha jeito de iaguaruna, uma felina sorradeira. Minha imaginação foi longe e, evidentemente, não tinha nada de lógico. Fui trazido de volta à realidade quando Baíra mostrou a jarra de cristal cheia de vinho tinto. Para todas as pessoas em torno da mesa, aquilo parecia perfeitamente normal. Só eu deixei escapar um grito de surpresa.

- Fique calmo, amigo, disse Tainá. Essa é, apenas, uma pequena demonstração dos poderes que estão dentro de um ser humano. Eles aí estão à espera de serem acionados.

Tomamos daquele vinho saboroso enquanto Baíra falava da energia presente no alimento. Para ele, no alimento não estão presentes apenas as substâncias nutrientes do corpo. Ali está também e principalmente a energia cósmica. Trata-se da mesma energia que foi introduzida no universo com a palavra criadora. Essa é uma energia que o ser humano tem que saber haurir para entrar em

comunhão com o todo cósmico.

Refeição terminada, Waná entoou uma canção mística. Foi acompanhado por Tabajara, Abaquar e por Demóstenes Abaeté. Era fim de tarde e partimos para a plataforma.

## XXI.

### O terceiro céu

Os habitantes de Tabaçu chamam aquela plataforma de Bupeva, terra achatada. É uma elevação do terreno com a superfície plana, espaço para pouso e decolagem de pequenas aeronaves. Alguns dias antes, Abaquar e eu dali partimos numa bolha voadora para sobrevoar Tabaçu. O local estava preparado para um encontro. O centro da plataforma recebeu sete círculos concêntricos. No círculo central havia um aparelho que despertou minha curiosidade.

Baíra falava do céu estrelado. Conversando entre si, os três mestres visitantes falaram da maneira ideal de se receber a energia trazida pela luz das estrelas. Eles diziam que, mesmo estando elas a grandes distâncias, um banho de estrelas é muito energético. Falaram de Procyon, uma estrela situada cerca de onze anos-luz do sol. Ela faz parte da constelação de Cão Menor. Falaram de Alpha Centauri, sistema ternário situado quatro anos-luz do sol. Decantaram a beleza das Plêiades, situadas na constelação de Touro. Falaram do quanto esse aparente aglomerado estelar tem encantado os povos da Terra e de outros pontos da Galáxia. Comentaram sobre um aparente relacionamento havido entre povos antigos e uma das estrelas do cinturão de Órion. Por fim, falaram de Sírius, o sistema binário situado na constelação de Cão Maior, cerca de oito e meio anos-luz da Terra. Citaram a carga emotiva que aquela estrela sempre despertou nos povos terrestres mais antigos. Naquela noite, Sírius brilhava forte sobre nossas cabeças. Olhando para o céu limpo, sem lua, no final de janeiro, conseguíamos ver vários daqueles pontos luminosos e apreciávamos o brilho de cada corpo celeste.

- Lá estão algumas de nossas amigas mais íntimas, disse Baíra. A vida é mesmo abundante neste canto da galáxia. Apesar da distância astronômica, essas são algumas das estrelas mais próximas de nós. É neste círculo que se desenvolveu a fecunda fraternidade à qual pertencemos. É uma união que foi celebrada há

milênios e que pretendemos expandir cada vez mais.

- No entanto, foi só agora que vocês se interessaram pelo nosso planeta, eu ponderei.

- Engano seu, amigo. Nossa presença na Terra tem milhares de anos. Nossos antepassados plantaram sementes por todo este planeta. Entre essas sementes, plantaram também o ser humano. Vocês são nossos parentes muito próximos.

- Você quer dizer que as antigas marcas de presença de extraterrestres por aqui são pegadas de seus antepassados?

- Exatamente. E estamos aguardando o dia em que a humanidade terrestre vai estar madura para abraçar seus irmãos galácticos, que somos nós. Nosso trabalho por aqui é preparar terreno para que isso aconteça na paz e na amizade.

- Esse é um sonho que temos alimentado por longos anos, disse Tainá.

- Amigos, disse Baíra, esta noite, vamos participar de uma videoconferência com os amigos de Tritó Ouranó.

Os três mestres logo se apressaram a colocar em funcionamento aquele aparelho colocado no centro dos círculos concêntricos que havia sobre a bupeva. Mas eu, logo, observei:

- Mestre, nossos vizinhos cósmicos estão muito distantes da Terra. Quatro, oito, dez ou mais anos-luz constituem distâncias grandes demais para se estabelecer contato televisivo ou sonoro. Como é que uma imagem poderia chegar instantaneamente até nós, proveniente de um mundo tão distante?

- Com os atuais recursos técnicos terrestres, seria impossível uma viagem de lá até a Terra. Entretanto, durante milênios, nossos ancestrais já faziam essa viagem com frequência. Eles conheciam os vários portais do espaço. Nós também estamos aqui. Fizemos essa travessia e hoje vamos estabelecer contato visual com nosso planeta.

- Tritó Ouranó! Esse é o seu lugar de origem?

- Sim, nosso planeta gira ao redor da estrela Ruça Enano, que poderá ser localizada na constelação Iandé. Para o povo tupi, essa constelação inclui parte daquela que vocês chamam de Órion.

- Estou curioso. Quero entender mais um pouco.

- Amigo, aceite suas atuais limitações. Se duzentos anos atrás alguém, na Terra, dissesse que estava preparando um foguete para pôr um satélite em órbita, ele seria considerado um louco. Se alguém falasse de viagem à lua, seria chamado de lunático. Porém, se hoje eu disser a você que lá no meu mundo conseguimos alcançar grande domínio da energia cósmica e que, com ela, podemos fazer esta videoconferência, espero que você não me envie para o hospício.

- Então, o segredo chama-se energia cósmica?

- Ela e seu modo de transmissão através do espaço. O sistema é bem menos complicado do que fazer aquela viagem pelos portais estelares na rapidez que conseguimos fazer.

- Isso é muito para meu cérebro.

- Então, veja aqui. Este aparelho hipersensível está sintonizado com a fonte de imagem e de som localizada em Tritó Ouranó. Observe.

O aparelho era controlado por Rudá e Yamandu. O mestre Baíra permaneceu sentado. Em lugar adequado, ele tinha instalado outro aparelho que parecia filmadora. Inaiá controlava o tempo. O aparelho iluminou-se e a imagem surgiu nítida e bela. Não havia tela. Como se fosse um espaçoso palco, a cena se distribuiu amplamente em três dimensões. Era um aperfeiçoado sistema de holograma.

O que foi apresentado naquela noite poderia ser resumido em duas palavras: mundo encantado. Num voo de pássaro, uma bolha voadora mostrou-nos as peculiaridades do planeta Tritó Ouranó. Não mostrou todas as peculiaridades, claro, mas fomos presenteados com algumas paisagens indescritíveis. Eram belezas que sempre pensei existirem apenas em alguns lugares especiais da Terra. Pudemos contemplar montanhas nevadas com mais de dez mil metros de altura, praias ensolaradas, digo, aquecidas pelos raios de Ruça Enano, matas exuberantes, extensas áreas cultivadas, rios caudalosos, cascatas e cachoeiras tais como as mais belas de nosso planeta. Foram exibidas ótimas residências cercadas de jardins, grande quantidade e rica variedade de pássaros e centenas de animais soltos por extensas porções verdes do território. O voo deixou-nos cheios de curiosidade. Eu queria muito ver o povo se agitando por ali em sua lida diária. Queria ver as ruas, as conduções, a correria, mas nada disso nos foi apresentado. Naquele planeta não existe qualquer cidade parecida com as que

nós construímos por aqui. Aquele é um velho planeta, com certeza. Aquela é uma civilização muito antiga. Isso também é verdade. Trata-se de uma civilização muitíssimo mais antiga do que a terrestre. Mas eles viveram uma longa história e evoluíram muito como povo. Superaram essa fase pela qual estamos passando no planeta Terra.

Enquanto as paisagens nos eram mostradas, uma voz explicava a História daquele povo e seus problemas vividos e superados. Num passado distante, eles conheceram violência, ambição, guerras e ameaças de autodestruição. Conseguiram, ao longo de séculos, dominar um potencial energético capaz de partir o planeta ao meio. Num ato de loucura, eles estiveram à beira de pôr fim a todo um belíssimo processo evolutivo e de exterminar o próprio mundo. Uma tomada de consciência levou as lideranças a adotar o caminho do bom senso. Optaram pela construção da paz mundial. Foi quando aboliram fronteiras, acabaram com países, grupos raciais e organizações separatistas. Extinguiram o dinheiro, os partidos e todas as organizações fundamentalistas religiosas. Como consequência, perceberam a inutilidade de armamentos e exércitos. Atualmente não existem ali prisões ou qualquer tipo de governo no sentido terrestre. Lideranças surgem, mas os líderes nunca assumem postura de comandantes. Dirigir uma porção do espaço planetário ou um grupo de pessoas é um serviço e não um exercício do poder. Eles aprenderam a colocar as próprias qualidades a serviço do grupo e, possivelmente, do todo planetário. Na realidade, a tarefa de dirigir é mais adequada aos sábios e aos mais evoluídos. Afinal, um povo cuja quase totalidade já alcançou alto grau de domínio dos poderes da mente não precisa ser disciplinado de fora para dentro. Talvez seja essa a maior riqueza de Trito Ouranó.

Num determinado momento de sua evolução, eles aprenderam a tomar posse dos superpoderes que cada ser humano detém pela sua própria natureza espiritual. Com toda essa energia e com todo esse poder, eles criaram um mundo novo. Livraram-se de tudo que não fosse necessário. Desfizeram-se de veículos poluidores e de ruas pavimentadas para sua circulação. Acabaram com fiações elétricas, edifícios altos e com tudo que não fizesse mais sentido para o homem novo que surgiu ali. Um verde contínuo e repousante cobre hoje toda a superfície planetária. O verde combina com o azul das águas e contrasta com o branco da

neve das montanhas.

Descansado, descontraído, sorridente e feliz, aquele povo mostrava toda sua beleza nas cenas que podíamos ver. Andavam tranquilamente, corriam, praticavam esportes, dançavam, cantavam e sabiam comunicar-se com evidente afeto. Veículos para quê? Todos sabiam levitar e se deslocar com agilidade e destreza. Lutar pela sobrevivência? Coisa sem sentido. Todos tinham acesso a todos os bens produzidos por todos. Trabalho? Sim, muito trabalho. Porém as atividades só causavam prazer e se desenvolviam em clima de harmonia. Riquezas? A maior riqueza estava na felicidade da convivência fraterna e na saúde estampada nos olhares e sorrisos. Não havia hospitais por falta de doentes. Crimes? Palavra que nada significava por ali. Havia uma vaga lembrança de algo muito antigo que teria ocorrido séculos antes. Instrução e aprendizado? Sim, o conhecimento era transmitido pela convivência e obtido pela observação. Teorias eram elaboradas em conversas e debates alegres.

Depois da viagem sobre aquele planeta, a câmera nos levou para uma grande sala em que algumas pessoas muito especiais passaram a dialogar conosco. Formaram um semicírculo voltado para nós e se apresentaram. Na cadeira central estava alguém que entendi ser o coordenador dos trabalhos. Ele nos saudou com um sonoro Pitytô que respondemos com o obrigatório Nolayoê. Em seguida, ele se apresentou.

- Recebi o generoso nome Bijak. Foi bondade de meus irmãos. É um prazer imenso entrar em contato com os habitantes desse planeta. Espero passar algum tempo com vocês e usufruir de sua simpática companhia. Este cavalheiro ao meu lado é Svaamee, mestre do pensamento. Pensamento, para nós, é muito mais que formatar ideias e elaborar textos filosóficos. O próprio Svaamee gosta de definir seu trabalho. Diga alguma coisa aos nossos irmãos da jovem civilização terrestre, Bijak pediu ao colega.

- Boa noite, amigos. Considero um privilégio estar aqui com vocês. O que tenho

a dizer, de início, é que pensar, entre nós, é fazer acontecer. Toda ideia, quando formulada com precisão, tende a se concretizar. Por isso, aprendemos aqui a controlar nossos pensamentos. Agora, eu gostaria que vocês conhecessem também esta pessoa poderosa que está ao meu lado. Ele se chama Volshebnik, o mago.

- Sou eu mesmo, disse ele. Magia, entre nós, não é malabarismo e ilusionismo. Aqui, magia é o desenvolvimento dos poderes próprios do espírito. Com magia, podemos alcançar a plenitude do ser humano. Penso que vocês de Tabaçu já tenham assimilado bem essa ideia. Esta jovem aqui ao meu lado é Tsvetok, alguém que possui as qualidades de uma flor.

- Tsvetok sou eu mesma, disse a jovem, mas atribuir-me as qualidades de uma flor é muita generosidade de nosso ilustre mago. O que posso fazer é retomar os ensinamentos de um antigo sábio que dizia: Olhai os lírios do campo. Eles não tecem nem fiam, mas se apresentam com toda a beleza que a natureza pode doar a um ser vivo. O lado flor é algo que se espera de um ser que tenha atingido grau elevado em sua evolução. Esta garota ao meu lado é Siteera. Ela detém algo que se pode comparar ao brilho das estrelas. Quero que vocês a conheçam.

- Olá, amigos novos e antigos, disse Siteera. Saibam que todos vocês possuem um brilho estelar. A aura que os envolve pode muito bem ser percebida por olhos limpos e puros. Através da aura, podemos facilmente detectar as qualidades do espírito que está em vocês. Posso dizer que vocês me surpreendem pelo brilho intenso de suas auras. Esta amiga ao meu lado é Priroda, a natureza concentrada numa bela mulher.

- Oi, queridos, Siteera é assim mesmo. Muito exagerada. Mas parte de nossa missão é mesmo esta: Deixar que a natureza faça seu trabalho sem ser incomodada. Fui encarregada de sempre chamar a atenção de todos para essa importante atitude. Mas, agora, eu lhes peço. Ouçam com atenção as palavras de nosso coordenador Bijak. Ele, na verdade, é alguém que pode levar o nome de

sábio.

Por alguns minutos, a sala se encheu de música. Era uma preciosa gravação. O som provinha de vários ângulos daquele ambiente. Defino a peça musical como uma sonata. Ela se expressava em modulações belíssimas, produzidas por um conjunto de instrumentos que eu não conseguia identificar com segurança. Com certeza havia instrumentos de corda, de sopro e de percussão. Mas os padrões musicais escapavam à minha definição. Diria que eram sons celestiais, mesmo sem jamais ter visitado o terceiro céu.

Bijak tomou a palavra. Falou do trabalho realizado por longos anos pelos mestres de Tritó Ouranó em prol do planeta Terra. Parte do que ele disse já era de nosso conhecimento. Por isso, ele foi bastante sucinto. Mas era o momento de se acrescentar a razão pela qual aquela equipe estava conversando conosco naquela noite.

- Vocês têm sido contatados com frequência por membros da grande fraternidade galáctica. Sabem de nossas boas intenções e estão dispostos a nos ajudar no preparo dos habitantes da Terra para o entrosamento entre nossos povos. Quero enfatizar o fato que vocês não estão sós. Existem centenas de comunidades idênticas a Tabaçu espalhadas sobre a Terra. Os membros dessas comunidades já estão preparados para o encontro.

- Quando esse encontro ocorrerá? - Perguntou Tabajara.

-Amigo, não aguarde um fato extraordinário nem qualquer fenômeno fantasioso que signifique encontro com extraterrestres. Esse encontro já existe. Já temos centenas e, seguramente, milhares de pessoas daqui vivendo na Terra como se fossem terráqueos.

- Mas como poderíamos identificá-las? - Perguntou Abaeté.

- Você bem que sabe, prezado Demóstenes Abaeté. Apenas quer que eu diga algo a respeito. Pois bem! Pelos frutos se conhece a árvore, disse um antigo sábio. Ele também disse que o reino dos céus, ou seja, a sociedade cósmica já está dentro de vocês. Os indivíduos treinados em Tabaçu e nas outras aldeias têm como missão espalhar a semente de uma nova era. Um grande passo já foi dado. A nova era será o tempo em que viverá o novo Homem. Os novos seres humanos são vocês.

- Falar dessas coisas fora deste lugar em que estamos, disse Waná, pode fazer com que algumas pessoas não nos entendam e nos tachem de sonhadores.

- Certamente. Um sábio já cantou em versos. “Vocês podem dizer que eu sou um sonhador, mas eu não sou o único. Um dia, talvez, vocês se juntarão a nós e o mundo será um só”.

- Conheço bem o Lenon.

- Um dos nossos. Milhares ou milhões de outras pessoas haverão de vir atrás de vocês seguindo suas pegadas.

Svaamee acrescentou à fala do sábio Bijak algumas ideias muito válidas. Disse ele que vários outros planetas já estão interligados com o mesmo espírito de intercâmbio de diferentes mundos.

- Haverá um dia, disse ele, em que grandes naves pousarão na Terra sem causar surpresa ou apreensão. Serão turistas culturais chegando de Trito Ouranó e de outras esferas cósmicas. Também não está longe o dia em que haverá naves terrestres levando turistas e pesquisadores para mundos diferentes. Todo esse intercâmbio será celebrado como grande abertura de perspectivas para todos. O incalculável enriquecimento será mútuo.

Volshebnik, o poderoso mago, falou desse enriquecimento mútuo. Disse que não era o caso de simples troca de produtos, mas, principalmente, de ideias. Para ele, tornou-se imprescindível também um contínuo intercâmbio de sangue.

- Sociedades muito antigas como a nossa precisam de renovação, de sangue novo. O sangue terrestre já tem sido transportado para Trito Ouranó muitas vezes no passado. Isso foi excelente para melhora da raça planetária. O contínuo cruzamento entre os membros de uma raça ocasiona enfraquecimento do grupo. Nosso contato com antepassados de vocês fez muito bem.

- Vantagem para ambos os povos, disse Rudá. E essa vantagem tem sido observada também nas áreas técnica e científica.

- Sem dúvida, retomou o grande mago. Talvez seja novidade para alguns de vocês, mas muitas invenções ocorridas na Terra foram ditadas por cientistas nossos. Escusado dizer da espantosa transformação ocorrida por aí nos últimos duzentos anos. Isso não teria sido possível sem uma pequena ajuda de nossa parte.

- A propósito, disse Yamandu, sei que, em breve, algumas pessoas desta aldeia serão convidadas a fazer uma viagem interplanetária.

Interrompendo a fala de Yamandu, Tsvetok, a garota flor daquele planeta, perguntou a Bijak se ela poderia convidar Verônica Potira para passar uma temporada em Tritó Ouranó.

- Vamos incluí-la no grupo que estamos formando, disse Bijak.

Na mesma hora, Siteera, a garota de brilho estelar, acrescentou que não fazia sentido levar apenas Verônica Potira. Ela é companheira inseparável de Sophia Tainá. Sophia é uma pessoa muitíssimo preparada, e sua vinda será útil para ela e para nós.

- Também ela já está em nossos planos, disse o sábio.

- E por que não incluirmos também Diana Yara, a terceira das amigas maravilhosas que encontramos na Terra? - Disse a linda Priroda. - Acho que, viajando juntas, as três nunca sentirão solidão pelo tempo que passarem entre nós.

- Estou entendendo, disse Bijak rindo. E as seis juntas vão arrasar o nosso planeta. No bom sentido, claro. Vão mesmo é encher de vida e alegria cada canto de Tritó Ouranó. As três estão convidadas. Falta perguntar se elas querem. Sophia, Diana e Verônica, vocês aceitam nosso convite?

O que se viu foi uma explosão de alegria. As três formaram uma roda, dançavam abraçadas e gritavam felizes.

- Aceitamos! Obrigadas pelo convite. Adeus planeta Terra. Espere por nós povo de Tritó Ouranó.

Rudá foi encarregado de fechar a reunião interplanetária. Falou da nova era.

- Existe uma ânsia de se resgatar a origem da humanidade. É nesse contexto que surge o Homem novo, aquele que consegue libertar seus poderes e pô-los a serviço de todo o planeta. Obrigado, colegas, pela visita. Povo de Tabaçu, espero que esse encontro tenha alargado os horizontes de todos.

Olhando ao redor, percebi que havia centenas de moradores de Tabaçu em volta daquela bupeva. Eles tinham acompanhado atentamente toda a conversa interplanetária. Entendi que esse tipo de encontro não era novidade na aldeia. Concluí que fazia parte do processo instrutivo ou educativo. Todos eles ovacionaram, bateram palmas e cantaram uma bela canção de adeus. A imagem dos visitantes estava nítida. Eles também aplaudiam e, aos poucos, suas figuras foram-se dissipando na escuridão da noite. Víamos no céu apenas a imensidão estelar insistindo em nos presentear com seu brilho mágico. Eles partiram.

Passei aquela noite na oca de Inaiá Boiúna, a sedutora serpente negra.

## XXII.

### **Areté, dia de festa**

Sete sóis eram passados desde a memorável videoconferência. Foram dias de convivência. Vivi noites inesquecíveis. Conheci pessoas maravilhosas. Várias já visitaram outros mundos. Muitas já passaram temporadas em outras comunidades ao redor da Terra. Aquela aldeia recebe indivíduos de diferentes lugares. Entendi que Tabaçu é um centro de formação e que o preparo se inicia na infância.

Os habitantes da aldeia fazem uso de aparelhos eletrônicos sofisticados. Eles possuem celulares, computadores, “tablets”, televisores, telescópios e não sei que outros tipos de modernidades. Fui informado que eles recebem inventos e aplicativos enviados do mundo extraterrestre. Estão conectados com o resto do planeta e também com o espaço cósmico.

Seguramente, eles não estão confinados numa reserva. Não são selvícolas parados no tempo. Criticam as decisões tomadas pelos governos e outras entidades a respeito de tribos amazônicas. Querem que aqueles povos não sejam mais classificados como seres inferiores. Protestam contra o fato de eles serem tratados como se fossem animais em extinção. As coisas não podem funcionar como se os índios tivessem obrigação de ficar parados no tempo com o dever de se reproduzirem para salvar a espécie. Os tupis de Tabaçu querem compartilhar com o resto da humanidade as riquezas da evolução.

Essa atitude não impede, porém, que eles queiram manter sua identidade, seus costumes e sua cultura, incluindo sua língua. Para eles é uma questão de honra e orgulho conservar viva a identidade tupi.

Dormi algumas noites em belas redes na grande oca central. Voltei a me encontrar diariamente com Sophia Tainá, Verônica Potira e Diana Yara. O sexto dia passei na casa de campo conversando longamente com Demóstenes Abaeté. No final, acabei por acostumar-me com os novos nomes que meus velhos amigos passaram a ostentar.

Demóstenes comunicou-me que os três mestres Yamandu, Rudá e Baíra tinham partido e deixado um grande abraço. Eles não informaram se voltariam já para Tritó Ouranó ou se iriam cumprir sua missão em outras comunidades terrestres.

A noite do sexto dia foi enfeitada pela presença de Diana, Verônica e Sophia. Ouvimos música, dançamos e rimos muito extravasando a mesma alegria dos velhos tempos. O sono nos derrubou e sonhei com um mundo encantado habitado por pessoas maravilhosas. Sonhei com aquelas preciosas amigas com as quais a vida me presenteou por tantos anos.

Pela manhã, as três amigas não estavam mais por ali. Demóstenes informou-me que elas foram preparar-se. Estava programada uma grande festa matinal sobre a Bupeva. Eu deveria me aprontar com elegância para aquele grande evento. Tratava-se de Areté, dia de festa.

A Bupeva estava primorosamente enfeitada e as pessoas muito bem vestidas. Trajavam fantasias de cores variadas. Formavam um grande círculo ao redor da plataforma central. O mesmo conjunto de sete círculos concêntricos estava pintado bem no meio. Um coral misto de quarenta vozes ocupava o ângulo esquerdo. Ao lado do coral, postou-se a orquestra rústica de borés, com seus diversos timbres e tamanhos, algumas icas, outras tantas mbarés, vários bapos e dois quararás.

A festa começou com uma saudação ao sol nascente. Todos se voltaram para o leste. Teve início o ritual liderado por Waná. A cerimônia incluía um pequeno poema recitado por todos. Ele falava da porta do sol e da luz matinal, portadora de energia cósmica. Celebrava o fulgor que emana do astro divino.

Milhares de pássaros surgiram em grandes bandos. Eles se postaram nos altos galhos das árvores ao redor. Destacava-se um bando especial de araras. Havia centenas delas de vários tamanhos e cores. Como estavam exuberantes as ararajubas, amarelas, e as ararunas, de penas negras. Dominava o grupo o bando de araras multicoloridas, cujas cores o sol destacava.

O coral entoou a canção “Araruna anarê”, com acompanhamento da orquestra e palmas da plateia. Com sua límpida voz de barítono, Waná cantou sete vezes “Oreru Yamandu, Tupã oreru”. O coral revezava com ele cantando o mantra sagrado. Logo depois, Waná entoou o famoso canto do pajé, resgatando o espírito de Villa Lobos.

Ó manhã de sol,

Anhangá fugiu

Anhangá ê, ê,

Ah! Foi você

Que me fez sonhar

Para chorar

A minha terra

Coaraci, ê ê

Anhangá fugiu.

Ó Tupã, Deus do Brasil.

Que o céu enches de sol

De estrelas, de luar e de esperança

Ó Tupã tira de mim essa saudade

Anhangá me fez sonhar

Com a terra que perdi.

Um envolvente azul limpo e sereno cobria toda a abóbada celeste. O sol irradiava plena vida. Enquanto os cantos se sucediam, formou-se uma crescente nuvem branca. Ela pairou alta sobre a plataforma.

A plateia inteira vibrou em palmas e aclamações saudando a chegada das três homenageadas. Elas surgiram solenemente. Trajavam belíssimos vestidos longos de festa. Era o vestido azul celeste de Diana, a rica veste cor de vinho trajada por Sophia e o vestido dourado de Verônica. Elas subiram na plataforma dançando com elegância. Entoaram uma canção que falava de partida, de amor e carinho. Depois, partiram para o abraço dos presentes. Todos demonstraram o quanto elas eram queridas. As três vieram se despedir de mim. Um quente abraço me

envolveu como num laço apertado pelas três. Não resisti ao rolar de algumas gotas de lágrima. Em seguida, elas se inclinaram profundamente para a grande plateia e se posicionaram no centro dos círculos concêntricos. Olharam para a nuvem branca que pairava no alto. Aguardaram. O coral entoou uma canção de despedida desejando boa viagem. Naquele momento aconteceu o fantástico fenômeno que sempre esteve em minha imaginação. À vista de todos, elas foram abduzidas lentamente. Aquela imagem rara de três princesas abraçadas sendo alçadas calmamente fixou-se em minhas retinas. Elas subiram até perto da grande nuvem. Um amplo espaço abriu-se no centro da nuvem e elas penetraram. Entraram e desapareceram de nossas vistas. A grande nuvem fechou-se, ocultando-as aos nossos olhos. Todos nós permanecemos ali, de pé, olhos fixos no alto, à espera de algo. A nuvem se desfez e vimos um ponto prateado mergulhando no infinito azul.

Estando nós com os olhos fitos no céu depois que as belas jovens partiam, eis que Waná e Tabajara, em suas vestes brancas, puseram-se diante de nós e disseram: “Povo de Tabaçu, por que é que vocês estão aí parados olhando para o céu? Aquelas jovens que foram levadas para Tritó Ouranó haverão de voltar um dia, assim como vocês as viram partir.”.

O coral retomou seu repertório e executou algo que sugeria Aleluia e festa. Aos poucos, a plateia se dissolveu e todos partiram para suas atividades domingueiras. Voltei com Demóstenes para a casa de campo.

- Gostou da cerimônia de despedida?

- Como não haveria de gostar, mestre? Só não gostei de saber que as minhas deusas partiram para muito longe.

- Também achei a festa maravilhosa. Ela teve um toque muito romântico.

Aquelas moças são três mulheres muito especiais.

- Especiais e, agora, também espaciais.

- Sempre cheio de trocadilhos, não é mesmo?

- Notei que elas pareciam querer dizer-me algo e não conseguiam.

- É possível. Elas se esforçaram muito para manter algo em segredo.

- Que segredo poderia ser, mestre?

- Agora posso lhe contar. As três estão grávidas.

- Não me diga! Mas por que mantiveram segredo de coisa tão bela?

- Porque elas não sabiam como você reagiria.

- Claro que minha reação haveria de ser de muita alegria.

- Aí vai também uma pontinha de ciúme, não é mesmo?

- Nada disso, mestre.

- Você tem ideia de quem poderia ser o pai das três crianças?

- Um só pai para as três?

- Exatamente.

- Indivíduo de sorte, esse cidadão.

- Pois o cidadão de sorte, futuro pai de três crianças que vão nascer em Tritão Ouranó, não é outra pessoa a não ser você.

- Eu? Essa é uma boa piada. Impossível! Você está brincando, claro. Como poderia ser? Eu nunca...

- Nunca? Você simplesmente não se lembra. É que as longas noites românticas que você viveu com Sophia, Diana e Verônica foram todas apagadas de seu cérebro.

- Apagadas? Quem foi que aprontou essa ousadia? Estou arrasado, mestre. Diga que isso é piada.

- Eu não brinco com coisas sérias. Muitas mulheres da Terra já foram engravidadas por visitantes do espaço. Muitas mulheres do espaço já foram engravidadas por humanos da Terra. Esse intercâmbio galáctico é muito mais comum do que você imagina. Você foi escolhido para dar sangue novo à raça de Tritó Ouranó. Nosso parentesco com os habitantes daquele planeta é muito grande. Esse intercâmbio tem ocorrido desde a mais remota antiguidade.

- Sei que somos resultado de um trabalho genético feito por eles no passado distante. Já me disseram que hoje o sangue novo daqui precisa ser enviado para lá. Mas nunca imaginei que eu seria escolhido para isso.

- Foi uma excelente escolha. Não é por acaso que você recebeu aqui o nome de Ubatã, madeira forte.

- Agora tenho uma dúvida.

- Qual dúvida?

- Minhas amigas prediletas e muito amadas são daqui ou são de lá?

- São híbridas. Pais extraterrestres e mães terrestres. Elas atualmente residem lá. Mas aceite a ideia e acalme-se. Aos poucos, você vai recuperar-se do choque. Foi tudo muito bonito, muito bem planejado, num clima de muito amor.

- Sempre amei apaixonadamente aquelas obras primas do universo. Na verdade,

eu nunca soube qual das três mais me atraía. Só espero que, um dia, haja um reencontro e que eu consiga lembrar-me das tais noites românticas.

- Haverá reencontro, sem dúvida. Gravidez dura só nove meses.

Fiquei pasmo. Minhas palavras desapareceram. Olhava para o céu, através da grande janela da sala. Imaginava coisas. Tentava resgatar acontecimentos, tudo, enfim, que me ligava às três princesas.

- Uma bela refeição está servida. Você deve estar faminto.

Os três robôs serviram o que poderia haver de melhor na aldeia. Falamos de outros assuntos, mas as minhas amadas não saíam de minha mente. Penso que houve alguns minutos de telepatia. Senti que elas me mandavam mil beijos sobre as ondas galácticas.

Quando a refeição terminou, Demóstenes me deu algumas instruções.

- Despeça-se das pessoas que você tem em mente e volte aqui. Esta noite você partirá de volta para o seu mundo. Ainda há muitas coisas para você fazer por lá.

Fiz o que Demóstenes me disse que fizesse. Abracei Tabajara e Waná. Beijei carinhosamente Inaiá Boiúna. Despedi-me de todos quantos vi pela aldeia. Voltei e me aprontei. Abaquer me esperava sobre a plataforma. Entrei naquela bolha voadora ouvindo a recomendação de meu mestre.

- Sexta-feira, a gente se encontra na Gruta.

Inaiá também sentou-se ao meu lado. Senti um grande vazio na alma. Abaçar me convidou para um giro final sobre a aldeia. Do alto, despedi-me de Tabaçu. Penso que derramei lágrimas no ar. A viagem começou. Eu sabia que seria longa. O piloto falava muito, mas sua voz, aos poucos, desapareceu na escuridão. Dormi profundamente.

Acordei em casa, na minha cama. O sol invadiu meu quarto. Cantei “oreru Yamandu, Tupã oreru”. Olhei a rua, os carros, a correria de uma segunda-feira. Sobre a mesa da cozinha havia um bule de café fresquinho. Ao lado, estava um bilhete de Inaiá. “Adorei conhecer você. Espero que, um dia, a gente se reencontre. Beijos”.

Numa daquelas manhãs recuperei a memória. Lembrei-me das noites que passei nos braços das deusas. Não existem palavras que eu possa usar para falar daqueles momentos. Entretanto, as belas lembranças deixaram em mim um vazio imenso. Senti o quanto minhas amadas me faziam falta. Eu precisava compartilhar sentimentos. Nunca dantes desejei tanto que chegasse a sexta-feira.

# **Glossário**

## **Termos tupis**

abaeté = homem bom

abaquar = senhor do voo

açaí = uma fruta

acancatar = cocar de penas

acará = garça

acaraí = rio da garça

amberê = duro, inflexível

anajé = gavião

andurá = planta fosforescente

anhaneci = a matéria primitiva

anhangá = espírito antigo

anrati = manhã

apiúna = pintada de preto

apuã = montanha

araçá-boi = tipo de fruta

araçoa = saia cerimonial

enduape = manto de penas

ararê = amigo de arara

areté = dia de festa

aruanã = festa

auá, abá = gente

avaré = amigo

bacuara = sábio

baíra – entidade civilizadora

bapo = chocalho

boa, boi = cobra

boiúna = serpente negra

boré = flauta

bupeva = terra plana

buriti = tipo de palmeira

cahy = macaco

cainã = habitante da selva

caobi = folha azul

cari = homem branco

coaraci = sol

cupuaçu = espécie de fruta

enduape = manto de penas

graviola = tipo de fruta

iaguaruna = onça preta

ica = trombeta

inaiá = uma jovem mítica

iporã = rio bonito

jaci = lua

juba = amarelo

mbaré = gaita

mirá = gente

morubixá = chefe

nheengatu = língua tupi

obi = azul

oca = casa

ocara = praça

pira = peixe

piráí = rio do peixe

pitanga = vermelho

potira = flor

pupunha = tipo de fruta

quarará = tambor

rudá = entidade do amor

saçüena = perfume

taba = aldeia

tabaçu = aldeia grande

tainá = estrela

teró = flauta de taquara

tinga = branco

tob = verde

tupã = entidade do trovão

uaiarará = boto

ubatã = madeira dura

una = preto

uxi = tipo de fruta

waná = vagalume

yamandu = entidade da energia

yara = mãe d'água

## **Outros idiomas**

Bijak = sábio (malaio)

Svaamee = mestre (hindi)

Volshebnik = mago (russo)

Tsvetok = flor (russo)

Siteera = estrela (Hindi)

Priroda = natureza (russo)

Trito ouranó= terceiro céu (grego)

Ruĝa Enano = anã vermelha (esperanto)

## **Sobre o autor**

Kleber Garcia Campos nasceu no oeste mineiro. Cedo partiu para a longa caminhada. Vivenciou Brasil, Europa e EUA. Plantou sementes pelos caminhos da vida. Colheu frutos em forma de Filosofia, Teologia, Pedagogia, línguas clássicas e modernas, Literatura e outros valores que ele incorporou à sua obra. Reside em Belo Horizonte. Dedicou sua vida profissional ao magistério. Por décadas lecionou Literatura Inglesa em cursos universitários. Seu hobby é escrever. Em MAGOS DA NOVA ERA, ele capta o mundo mágico que reside no ser humano e reflete a magia das estrelas, das galáxias e das flores.

Ele mostra muita intimidade com os mistérios.

# Sumário

[Mistério](#)

[I. O piano](#)

[II. O espírito e o homem](#)

[III. Alma de animal](#)

[IV. Uma sábia chamada Sophia](#)

[V. Viajando entre as estrelas](#)

[VI. Na trilha do infinito](#)

[VII. Via Láctea, nossa morada](#)

[VIII. Um corpo luminoso](#)

[IX. O Grande Mago](#)

[X. Uma deusa chamada Diana](#)

[XI. O iconoclasta](#)

[XII. Verônica, a verdadeira imagem](#)

[XIII. Magos da era espacial](#)

[XIV. Uma casa de campo](#)

[XV. Tabaçu Boiúna](#)

[XVI. Amizade interplanetária](#)

[XVII. Tainá, uma estrela](#)

[XVIII. Yara, a mãe d'água](#)

[XIX. Potira, uma flor](#)

[XX. O vinho da ceia](#)

[XXI. O terceiro céu](#)

[XXII. Areté, dia de festa](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)

[Sumário](#)

[Sobre a Viseu](#)

# **Sobre a Visu**



---

VISEU

Essa e outras obras em:

*[eviseu.com](http://eviseu.com)*

*[facebook.com/editoraviseu](https://facebook.com/editoraviseu)*

*[twitter.com/editoraviseu](https://twitter.com/editoraviseu)*

*[instagram.com/editoraviseu](https://instagram.com/editoraviseu)*

Contatos:

*[falecom@eviseu.com](mailto:falecom@eviseu.com)*

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

*[originais@eviseu.com](mailto:originais@eviseu.com)*